



ZONAS HÚMIDAS

Charlotte Roche

O romance escândalo
mais vendido
em todo o mundo

caderno

Ficha Técnica

Título Original :: Feuchtgebiete

Capa (versão original): ©Zero, Munique

Adaptação da capa: Ana Margarida

Traduzido do alemão por João Bouza da Costa

ISBN: 9789892311395

Caderno

[uma chancela do grupo LeYa]

Rua Cidade de Córdoba, n.º 2

2610-038 Alfragide – Portugal

Tel. (+351) 21 427 22 00

Fax (+351) 21 427 22 01

© 2008 DuMont Buchverlag, Köln

Todos os direitos reservados de acordo com a legislação
em vigor

caderno@leya.pt

<http://twitter.com/editoracaderno>

www.leya.pt

Para o Martin

Sou absolutamente a favor da assistência aos velhinhos no âmbito familiar. Como quase todos os filhos de pais divorciados, também eu desejo que os meus pais se juntem novamente. Quando precisarem que cuidem deles, só tenho de meter os seus respectivos parceiros num lar para a terceira idade e depois trato dos meus pais divorciados em casa, enfio-os na cama de casal até morrerem. Não consigo imaginar maior alegria. Há-de chegar o momento em que tudo vai depender de mim. Só preciso de paciência.

Desde que me conheço que tenho hemorróidas.

Durante muitos anos pensei que não devia contar isto a ninguém. Porque isso das hemorróidas só acontece aos velhotes. Sempre as achei muito pouco próprias para raparigas. E as vezes que já fui ao proctólogo por causa disso. Só que ele aconselhou-me a deixá-las em paz, enquanto não me causassem dores. E não causavam. Era só uma comichão, para a qual o Dr. Fiddel, o meu proctólogo, me receitou uma pomada de zinco.

Para a comichão exterior, espreme-se uma quantidade de pomada do tamanho de uma avelã para o dedo com a unha

mais curta e depois é só espalhá-la pela roseta. O tubo também tem um adaptador bicudo com muitos orifícios, para introduzir a pomada no ânus e acalmar a comichão também internamente.

Antes de começar a usar a pomada, costumava coçar-me enquanto dormia. Coçava de tal maneira à volta e no orifício do ânus que, na manhã seguinte, acordava com uma mancha castanha escura com o perímetro de uma rolha estampada nas cuecas – tamanha era a comichão e tão grande a vontade de escarafunchar lá por dentro com o dedo. Pois, é como disse: muito impróprio para meninas.

As minhas hemorróidas têm um aspecto muito especial. Ao longo dos

anos, viraram-se cada vez mais para fora, de modo que agora tenho uma coroa de pregas de pele em forma de nuvens à volta da roseta. Parecem os tentáculos de uma anémona-do-mar. O Dr. Fiddel chama-lhe couve-flor.

Ele diz que se eu quisesse tirar aquilo seria apenas uma questão meramente estética. Ele só se decide pela intervenção cirúrgica se isso incomodar a pessoa mesmo a sério. Um motivo suficiente seria, por exemplo, se o meu amante não gostasse, ou se eu me sentisse inibida durante o sexo por causa da minha couve-flor. Mas claro que eu nunca iria admitir uma coisa dessas.

Se um homem gostar de mim, ou

simplesmente se sentir um grande tesão por mim, então a couve-flor não deve ter importância. Além disso, há já muitos anos – desde os quinze até hoje, que tenho dezoito –, que pratico sexo anal com muito sucesso, apesar do proliferar da couve-flor. Quando digo «com muito sucesso» significa que me venho, apesar de a pila só estar enfiada no meu cu, sem qualquer outro contacto. Pois, e estou orgulhosa disso.

Aliás, é assim que eu gosto de testá-los, para saber se estão mesmo interessados em mim. Logo numa das primeiras vezes desafio-os a alinharem na minha posição preferida: à canzana, eu na posição da cachorrinha, de quatro patas, portanto, com a cara virada para

baixo, ele vindo de trás, com a língua na vagina e o nariz enterrado no cu. Há que preparar-se com toda a paciência, porque a couve tapa o buraco, não é?! A posição tem o sugestivo nome de «com o nariz tapado» e até agora ninguém se queixou.

Quando se tem uma coisa destas num órgão importante para o sexo (será que o rabo é mesmo um órgão?) temos de saber descontrair-nos, e isso, por sua vez, ajuda-nos a deixar-nos ir e a relaxar, por exemplo, no sexo anal.

Uma vez que, pelos vistos, no meu caso, o cu faz parte do sexo, também ele se encontra submetido a essa moderna imposição da depilação, tal como a

minha coninha, as pernas, as axilas, o buço, os dois dedos grandes dos pés e até o peito dos pés. É claro que não tiro o buço com lâmina. Aí arranco os pêlos um a um com uma pinça, pois todas nós aprendemos que se não o fizermos acabamos por ficar com um bigode cada vez mais farto. Como rapariga, há que evitar tais evoluções. Antes não me rapava e sentia-me muito bem, mas depois comecei com essa palermice e agora já não posso parar.

Mas voltemos à depilação do cu. Ao contrário de outras pessoas, eu sei perfeitamente qual é o aspecto que tem um olho do cu. Observo-o todos os dias na nossa casa de banho. Basta pôr-me de costas para o espelho, afastar com

ambas as mãos as duas bochechas do rabo, manter as pernas direitas, baixar a cabeça quase até ao chão e espreitar para trás por entre as pernas. É também assim que faço a depilação do «sim senhor». Só que então, claro, tenho de soltar uma nádega para poder agarrar na máquina. A lâmina é pousada na couve-flor e depois toca de passar com força e determinação, de dentro para fora. Até meio da nádega, há pêlos que até aí crescem. Como intimamente rejeito a depilação, faço isso demasiado depressa e à bruta. E foi precisamente assim que arranjei esta fissura anal, e por causa dela vim parar ao hospital. A culpa é toda da Ladyshaven. «*Feel like*

Venus. Be a goddess!»

Provavelmente, nem todos sabem o que é uma fissura anal. Trata-se de um rasgão ou corte, fino como um cabelo, na pele da roseta. E se aquela ferida minúscula infectar, o que, infelizmente, até é o mais provável naquelas regiões inferiores, ficamos com um abscesso perianal e temos dores horríveis. Foi o que me aconteceu. Depois o olho do cu está sempre em movimento. Quando falamos, rimos, tossimos, andamos, dormimos e sobretudo quando estamos sentados na sanita. Mas só percebi isso quando começou a doer-me mesmo a sério.

As hemorróidas inchadas fazem uma

pressão enorme sobre a ferida, rasgando ainda mais a fissura e provocam-me as maiores dores que até hoje senti. De longe. A seguir, em segundo lugar, vem aquela dor que senti quando o meu pai fechou com toda a força a porta da mala do carro e – *ra-ta-ta-ta-tat* – fiquei com as costas todas esfoladas . E a terceira maior dor que tive foi quando arranquei o *piercing* do mamilo ao querer tirar a camisola. É por isso que agora o meu mamilo direito parece a língua de uma cobra.

Mas voltemos ao rabo. Lá me consegui arrastar com aquelas dores lancinantes da escola para o hospital, e por lá andei a mostrar o meu rasgão a

todos os médicos que o quiseram observar. Deram-me logo uma cama no serviço de proctologia – ou será melhor chamar-lhe serviço de medicina interna? Medicina interna sempre soa melhor do que particularizar, chamando-lhe secção do cu. Não queremos que os outros sintam inveja. Talvez seja melhor generalizar com a medicina interna. Depois, quando as dores passarem, vou tentar informar-me. Seja como for, não me posso mexer e por aqui estou, meia enrolada na posição embrionária. Com a saia arregaçada para cima, as cuecas para baixo e o cu virado para a porta. Para que quem entre veja logo o que se passa. Deve ter um aspecto muito inflamado. Toda a gente que entra

exclama logo «Oh!» e põem-se a falar do pus que o abcesso produz e de uma bolha que pende do orifício do rabo.

Imagino que a bolha se pareça com a pele do pescoço dos pássaros tropicais, quando a enchem de ar para sinalizar a disposição de acasalamento. Um saco todo esticado e brilhante, entre o vermelho e o azul. O proctólogo seguinte apresenta-se:

– Bom dia, sou o Prof. Dr. Notz.

E enterra-me qualquer coisa pelo olho do cu adentro. A dor sobe-me pela espinha até à testa e quase que perco os sentidos. Passados alguns segundos de pura dor, tenho a sensação de que algo rebentou e sinto um líquido escorrer.

– Aaaau, pelo menos avise. Que raio de coisa é essa? E ele:

– O meu polegar. Desculpe, com aquela grande bolha à frente não conseguia ver nada.

Que raio de maneira de uma pessoa se apresentar!

– E então? Agora já consegue ver alguma coisa?

– Temos de a operar imediatamente. Já comeu alguma coisa hoje de manhã?

– Como é que podia comer, com todas estas dores?

– Muito bem, então anestesia geral. Perante o resultado do exame, é o melhor que temos a fazer.

Também fico satisfeita. Prefiro não

estar presente.

– O que é que me vão fazer durante a operação?

A conversa ainda agora começou e já estou estoirada. Torna-se difícil concentrar-me em algo que não sejam as dores.

– Vamos cortar-lhe em cunha o tecido inflamado que se encontra à volta da fissura.

– Não consigo imaginar. Em cunha, o que é que isso quer dizer? Pode desenhar-me?

Pelos vistos, o Sr. Prof. Dr. Notz não está lá muito habituado a que lhe peçam para esboçar no papel os seus propósitos operativos. Quer pôr-se a andar, um olhar para a porta, um suspiro

quase imperceptível.

Por fim, acaba por tirar do bolso do peito a esferográfica prateada. Parece pesada, valiosa. Olha à sua volta – deve estar à procura de papel para desenhar. Eu é que não o posso ajudar, espero que ele não esteja a contar com isso. O mínimo movimento provoca-me dores. Fecho os olhos. Oíço um barulho e percebo que ele está a rasgar uma folha. Depois tenho de voltar a abrir os olhos, estou desejava de ver o desenho. Ele segura a folha na mão e está todo entretido com os seus gatafunhos. Por fim, apresenta a sua obra. Leio: couve com natas. Não pode ser. Então não é que ele foi arrancar uma folha da minha

ementa? Viro o papel ao contrário. Ele desenhou um círculo, presumo que seja o orifício do meu rabo. E no círculo uma fenda triangular pontiaguda, como se alguém tivesse roubado uma fatia a uma tarte.

Ai então é assim? Muito agradecida, Sr. Prof. Dr. Notz! Já pensou em tornar-se pintor, com o talento que tem? Em que é que esse desenho me ajuda? Não percebo nada, mas também não insisto. Já estou a ver que ele não me quer ajudar a iluminar a escuridão.

– E aproveita e livra-me da couve-flor, não é?!

– Esteja descansada.

Ele deixa-me deitada na minha poça de água vulnerária e vai-se embora.

Fico sozinha, cheia de medo da operação. Para mim uma anestesia geral é algo de tão arriscado que até parece que um em cada dois anestesiados não recupera os sentidos. Acho-me incrivelmente valente por assumir o risco. Logo a seguir vem o anestesista.

O «narcoman». Senta-se ao lado da cama, mesmo em frente à minha cabeça, numa cadeira demasiado baixa. Fala num tom muito suave e demonstra mais compreensão em relação à minha desagradável situação do que o Prof. Dr. Notz. Pergunta-me a idade. Se tivesse menos de dezoito tinha de estar agora aqui um encarregado de educação. O que não é o caso. Conto-lhe que atingi

este ano a maioria. Ele fica a olhar para mim com um olhar inquiridor. Bem sei, nunca ninguém acredita. Por uma qualquer razão, pareço sempre mais nova. Já conheço o ritual. Ponho então a minha expressão «acredita-em-mim-podes-ficar-descansado» e enfrento o seu olhar de uma forma decidida. Agora é ele quem muda de expressão. Pronto, acreditou. Em frente.

Ele explica-me o modo como a narcose funciona, diz-me que me vai pedir para contar até vinte e a certa altura eu passo para o outro lado, sem sequer me aperceber disso. Durante toda a operação vai ficar atrás da minha cabeça, a controlar-me a respiração, para ver se suporto bem a anestesia. Ah,

então este ficar sentado mesmo juntinho à cabeça do doente é uma espécie de doença profissional. A maioria até nem se apercebe disso, já que está anestesiada.

E de certeza que ele tem de se fazer mesmo pequenino e encolher-se atrás da cabeça do paciente porque senão incomodaria os verdadeiros médicos quando eles estão a operar. Coitado. Uma posição típica para exercer a profissão: de cócoras.

Ele também me trouxe uma declaração para assinar. Está lá escrito que devido à operação posso ficar incontinente. Pergunto-lhe o que é que tudo aquilo tem que ver com o chichi. Ele sorri e explica

que, neste caso, se trata de uma incontinência anal. Nunca ouvi falar disso. De repente, compreendo o que isso poderá significar:

– Está a querer dizer que posso deixar de conseguir controlar o meu esfíncter e então a caca escorre-me pelas pernas abaixo e vou precisar de umas daquelas fraldas descartáveis e fico a cheirar mal o tempo todo?

O meu anestesista diz: – Sim, mas só muito raramente acontece. Assine aqui, por favor.

E eu assino. Se estas são as condições da operação não me restam alternativas. Operar-me em casa é que eu não posso.

Oh, merda. Por favor, meu querido deus nosso senhor não presente, faz com

que isso não aconteça. Estás-me a ver a usar fraldas aos dezoito anos? No fundo, cenas dessas só costumam acontecer aos oitenta. Nesse caso, só teria conseguido aguentar catorze anos de vida sem fraldas. E mais bonita também não ia ficar, de certeza absoluta.

– Caro Sr. Anestesiologista, seria possível eu ver depois aquilo que me vão cortar durante a operação? Não gosto nada que me cortem um pedaço e depois aquilo vá simplesmente parar ao lixo, juntamente com os abortos e os apêndices, sem que eu possa ver o que é. Já agora, sempre quero tê-lo na mão e examiná-lo.

– Se insiste nisso, naturalmente.

– Obrigada. Ele espeta-me a agulha

no braço e fixa tudo com fita adesiva. É o canal para a anestesia geral que vem depois. Ele diz que daqui a uns minutos um enfermeiro vem buscar-me para me levar para a sala de operações. Depois o anestesista também me deixa deitada na poça de pus do abcesso e põe-se a andar.

Esta história da incontinência anal está a preocupar-me.

Querido deus não presente: se eu conseguir sair daqui sem uma incontinência anal prometo que acabo com todas aquelas coisas que só me deixam de consciência pesada. Aquela brincadeira estúpida em que eu e a minha amiga Corinna desatamos a correr pelas ruas completamente bêbedas e

arrancamos os óculos a todos os caixas-de-óculos, só para os deitar fora ao virar da esquina.

É preciso correr depressa, porque há tipos que ficam tão lixados que conseguem ser muito rápidos mesmo ceguetas.

No fundo, é uma brincadeira completamente idiota, porque a seguir ficamos logo sóbrias devido à excitação e à libertação de adrenalina. Um enorme desperdício de dinheiro. Depois toca a emborcar novamente, até ficarmos outra vez bêbedas.

Vendo bem, nem me custava nada acabar com o joguinho, porque durante a noite costumo sonhar com as caras das

peessoas a quem roubámos as lunetas. É como se lhes tivéssemos arrancado uma parte do corpo.

Pronto, dessa eu prescindia logo, depois ainda talvez pudesse fazer outras concessões, é uma questão de pensar. Talvez aquela das putas, se tiver mesmo de ser. Mas isso seria mesmo um grande sacrifício. Preferia que bastasse acabar com a brincadeira dos óculos.

Para já, decidi e está decidido: vou tornar-me a melhor paciente que este hospital jamais conheceu. Vou ser muito simpática para todas estas enfermeiras e médicos stressados. Serei eu própria a limpar a minha porcaria. Como por exemplo, este líquido todo da infecção. No peitoril da janela está uma grande

caixa de cartão aberta com luvas de látex. Deve ser para os exames. Será que o Notz tinha umas quando me desvirginou o abcesso do cu? Merda, nem sequer reparei. Ao lado da caixa das luvas está uma grande embalagem de plástico transparente. Um *tupperware* para gigantes. Talvez haja lá qualquer coisa que eu possa utilizar para me treinar a mim própria. A cama está encostada à janela. É só esticar-me um pouco, devagarinho e com todo o cuidado, sem mexer o rabo inflamado e consigo lá chegar. Puxo a caixa para mim.

– Aaau – ao soerguer-me e arrastar a caixa até ela cair na cama tive de

contrair os músculos da barriga, e já só isso foi como se tivesse espetado uma faca na inflamação.

Calma. Fecho os olhos e respiro fundo. Para já, estás quietinha, esperas que a dor passe. Abre os olhos. Pronto, isso mesmo.

Já posso tirar a tampa. Que excitação. Está cheia até cima com pensos higiénicos gigantescos, fraldas descartáveis para adultos, panos de gaze e toalhetes para incontinentes, de um lado em plástico, do outro em algodão.

Isto é que eu gostaria de ter por baixo de mim quando o Notz entrou. Assim não estaria agora toda molhada. Que desagradável. Preciso de dois destes toalhetes. Um fica com a superfície de

algodão virada para baixo, para absorver o líquido. Mas assim eu fico deitada em cima do plástico. Não me agrada. Portanto, mais um toalhete, com o plástico virado para baixo e com o algodão para cima. Ora aí está: muito bem, Helen, apesar das dores horríveis, consegues ser para ti própria a melhor enfermeira que é possível arranjar.

Pronto, quem trata tão bem de si mesma vai ficar fina num instantinho. Aqui, no hospital, tenho de ter mais cuidados higiénicos do que lá fora, na vida normal.

Higiene não é coisa a que eu dê importância.

A certa altura percebi que os rapazes e as raparigas são ensinados de maneira diferente a manterem limpas as suas partes íntimas. A minha mãe sempre deu grande importância à higiene da minha passarinha, mas estava-se nas tintas para a higiene do pénis do meu irmão. Ele até pode mijar sem ter de ir logo a seguir limpar-se. E se depois caírem umas gotinhas para as cuecas, também não vem daí mal nenhum ao mundo.

Lá em casa, a limpeza da passarinha tornou-se uma imensa ciência. Pelos vistos, parece que é difícilimo mantê-la mesmo limpa. É claro que isso é tudo

uma grande treta. Um pouco de água, um cheirinho de sabonete, toca a esfregar e está o trabalhinho feito. Mas nada de grandes lavagens. Primeiro por causa da flora especial da pardala. Muito importante. Mas depois também por causa do sabor e do cheiro importantíssimos da dita cuja. Que não deve desaparecer de maneira nenhuma. Eu já há muito tempo que faço experiências com passarinhas não lavadas. O meu objectivo é que um cheiro leve e inebriante se escape das calças, mesmo dos *jeans* mais grossos ou das calças de esqui. Não é que os homens se apercebam conscientemente disso, mas há sempre aquela percepção

subconsciente, porque todos nós somos bichos que querem acasalar. E, claro, de preferência com humanos que cheirem a passarinha.

Assim é fácil começar um engatezinho e depois, claro, estamos sempre a sorrir, porque sabemos como o ar está saturado daquele doce aroma. No fundo, deve ser esse o efeito a atingir por um perfume, não é verdade?! Passam a vida a dizer-nos que com um perfume despertamos nos outros sensações eróticas, mas porque carga de água é que não utilizamos o nosso próprio e efectivo perfume? Na realidade, todos ficamos malucos com os odores do suor, das passarinhas e das pilas. A maioria das pessoas é que é tão alienada que pensa

que tudo o que é natural cheira mal, e o que é artificial é que cheira bem. Quando uma dama perfumada passa por mim eu sinto vômitos. Mesmo que se trate de um cheiro decente de perfume. O que é que a tipa tem a esconder? As mulheres também recorrem logo ao *sprayzinho* depois de cagarem nas casas de banho públicas. Pensam que fica tudo com um cheiro agradável. Eu consigo sempre sentir o cheiro a merda através do perfume. Cá por mim, prefiro o velho cheiro a merda e a mijo ao desses perfumes nojentos que toda a gente compra.

Mas há uma nova invenção cada vez mais difundida que ainda consegue ser

pior do que essa mania de as mulheres andarem a borrifar perfume nas casas de banho.

Quando entramos numa casa de banho pública, seja num restaurante ou numa estação dos comboios, assim que fechamos atrás de nós a porta da cabina, apanhamos logo uma borrifadela vinda de cima. Da primeira vez assustei-me a valer. Pensei que me tinham atirado com água da cabina do lado. Mas quando olhei para cima descobri uma espécie de doseador de sabão fixado no tecto, que oficialmente, e com toda a intenção, borrifa, assim que a porta se fecha, um *spray* do piorio sobre a infeliz coitada que teve a pouca sorte de se enfiar

naquele cubículo. Nos cabelos, na roupa, na cara. Bom, macacos me mordam se isto não é o último grito no capítulo da violação por parte dos fanáticos da higiene.

Eu utilizo os meus próprios fluidos vaginais como outras mulheres utilizam os pulverizadores de perfume. É só enfiar o dedinho na pardalita, um toquezinho daquele muco atrás da orelha e esfregar. Pronto, o efeito faz-se logo sentir, mal se dá a beijoca da ordem.

Uma das outras regras da minha mãe respeitantes à passarinha é que estas ficam muito mais facilmente doentes do que os pénis. Quero dizer, estão muito mais predispostas aos fungos e aos eczemas e a essas coisas. É por causa

disso que as raparigas nunca se devem sentar nas retretes públicas ou nas casas de banho estranhas. A mim ensinaram-me a fazer chichi em pé, numa posição semi-acocorada, sem tocar em nada daquele mobiliário conspurcado. Mas há muito que constatei que muitas das coisas que me ensinaram não têm a mínima razão de ser.

Foi por isso que me transformei num autêntico exemplo de auto-experiência viva de higiene ornitológica. Dá-me um gozo enorme esparramar-me, sempre que posso, numa tampa suja de retrete; antes de me sentar até costumo limpá-las com a minha ratinha num completo e balanceado movimento de rotação das

ancas. Quando aterro com a rata na tampa da retrete ouve-se aquele sonzinho parecido com uma beijoca ruidosa e todos os pentelhos estranhos, gotas, manchas e poças das mais variadas cores e consistências são por ela absorvidos. Há já quatro anos que tenho vindo a praticar isso em todas as casas de banho públicas por onde passo. De preferência nos sítios onde existe uma só casa de banho, para homens e mulheres. E ainda não apanhei um único fungo. O Dr. Brökert, o meu ginecologista, pode confirmá-lo.

Mas também já pensei que tinha apanhado uma doença. Sempre que me sentava na retrete e descontraía os músculos lá de baixo, para deixar sair o

chichi, reparava, quando depois olhava para baixo, o que adoro fazer, que havia uma linda e grande mancha peganhenta, esbranquiçada e mole em suspensão na água. Com umas bolhinhas e estrias a subirem, como no champanhe.

Em relação a isso, tenho de confessar que ando sempre húmida, podia mudar de cuecas várias vezes ao dia. Mas não faz mal, acumular é um prazer. Voltemos então aos flocos viscosos. Querem ver que tenho estado o tempo todo doente, pensei, e que toda aquela nhanha se deve aos fungos da vagina, por causa das minhas experiências nas retretes?

O Dr. Brökert acalmou-me. Trata-se de uma actividade secretória muito

activa e perfeitamente saudável. Não foi bem assim que ele se expressou, mas o sentido era esse.

Eu cultivo um contacto muito estreito com as secreções do meu corpo. Esse aspecto da nhanha da passarinha, por exemplo, sempre me deixou muito orgulhosa durante as sessões de sexo oral com os rapazes. Bastava chegarem com o dedito aos lábios e aquilo parecia um escorrega para dentro.

Tive um namorado que costumava cantarolar o «*By the Rivers of Babylon*» enquanto me fazia um minete. Agora até podia fazer negócio com isso e encher uns boiõezinhos para as mulheres que têm dificuldade em ficar húmidas. Então

não é muito melhor usar autênticas secreções femininas, em vez desses lubrificantes artificiais? Pelo menos cheira a rata! Mas talvez só façam isso mulheres que nos conhecem, talvez as desconhecidas se sintam enjoadas com a nhamha alheia? Mesmo assim, podia-se experimentar. Talvez com uma amiga seca.

Eu adoro comer e cheirar os meus fluidos. Desde que me conheço, tenho-me ocupado com os folhos e entrefolhos da minha pachacha. Como viagem de descoberta não há melhor. Tenho cabelos compridos, refiro-me agora aos da cabeça, e às vezes há um que cai e se vai enfiar entre as lamelas da minha ostra. Que excitação, puxá-lo lentamente

e sentir como se enrolou e entrelaçou por entre todas aquelas protuberâncias. Fico sempre chateada quando essa sensação termina e desejo ter cabelos ainda mais compridos para gozar ainda mais tempo com tudo aquilo.

É um prazer bem estranho. Tal como aquela outra coisa que me deixa cheia de tesão. Quando estou sozinha na banheira e tenho de dar um peido tento sempre canalizar as bolhas de ar ao longo dos lábios da passarinha. Raramente consigo fazê-lo – ainda é mais difícil do que o número com o cabelo –, mas quando isso acontece, então as bolhas parecem esferas duras a abrir caminho por entre as pregas

ensopadas e quentes. Quando consigo realizar a proeza, digamos uma vez por mês, então sinto um formigueiro espalhar-se por todo o ventre e a comichão na passarinha torna-se tão intensa que a tenho de esfregar com as minhas unhas compridas até me vir. Só consigo acabar com a comichão na passarinha coçando-a com toda a força. Coço por entre os lábios internos, a que chamo «cristas de galo», e os externos, por mim chamados «biscoitos de baunilha», de um lado para o outro, com toda a força, até que a uma certa altura afasto as cristas de galo para a esquerda e para a direita, para ver se consigo pôr fim àquela comichão que se faz sentir mesmo no meio. Então abro as pernas

até as articulações das coxas estalarem, para que escorra água quente para dentro do meu buraco. Quando já me estou quase a vir dou um beliscão no clítoris, a que dou o nome de «trombinha perlada». Isso faz subir em flecha o meu tesão. Pois, é assim que as coisas se fazem.

Mas voltemos aos fluidos. Até fui ao dicionário ver o que isso era. A Corinna, a minha melhor amiga, disse-me uma vez que só os homens é que têm disso.

Então expliquem-me, por favor, o que é que se acumula entre os meus lábios e o fundo das cuecas?

Bem, foi o que pensei, embora não

dissesse nada. Não me atrevi. No dicionário fui encontrar uma grande explicação. Aliás, a palavra é igual para os homens e para as mulheres. Mas há uma frasezinha que me ficou na memória até hoje: «As acumulações de fluidos visíveis a olho nu só se podem constituir por insuficiência na higiene íntima.»

O quêêêê? Isso é uma mentira indecente. Não há dia que passe em que eu não consiga distinguir, à noite, acumulações de fluidos perfeitamente visíveis, por mais que tenha lavado com água e sabão os folhos e entrefolhos da minha rata.

O que é que os cavalheiros pretendem? Que uma pessoa se lave várias vezes ao dia? É saudável ter uma

coninha bem lubrificada. Até ajuda imenso nas mais variadas situações. Para que saibam, o conceito de «higiene íntima insuficiente» é extensível. Exactamente como uma rata. Tomem!

Tiro uma das fraldas para adultos da caixa de plástico transparente. Chiça, que grandes que são! Têm um grande quadrado almofadado ao meio e quatro asas compridas de plástico fino para atar na cintura. Assim, servem também, de certeza, para velhotes gordos. Nos próximos tempos não quero ter de voltar a usar uma coisa destas. Sim?! Olha, estão a bater à porta.

Entra um auxiliar sorridente, com um penteado em crista tipo catatua.

– Bom dia, menina Memel. Eu sou o Robin. Estou a ver que já está a adaptar-se ao seu material de trabalho para os próximos dias. Vai ser operada ao ânus, um sítio muito pouco higiénico, no fundo o sítio menos higiénico que o corpo tem. Com as coisas que estão aí na caixa pode tratar de si própria depois da operação. Aconselhamo-la também a tomar um duche com as pernas abertas pelo menos uma vez por dia e a aproveitar o jacto para lavar bem a ferida. O ideal seria que alguma água entrasse no ânus. É uma questão de prática, vai ver que não é difícil. Limpar a ferida com o jacto de água é bem menos doloroso do que limpá-la com

panos. E tenho aqui um calmante, pode tomá-lo já, torna mais suave a passagem para a anestesia geral. Está quase na hora, vai ver que é uma viagem divertida.

Para mim, estas informações não constituem problema. No fundo, até sou uma especialista a manusear o chuveiro. Sei perfeitamente injectar um jacto de água para dentro dos meus buraquinhos. Enquanto o bom do Robin lá vai empurrando a minha maca ao longo dos corredores e eu vejo voarem por cima de mim os tubos de néon, pouso secretamente a mão, por baixo da manta, no meu papinho de rola para me acalmar antes da operação. Tento distrair-me e afastar o medo, lembrando-me de como

ainda muito novinha já gostava de brincar com o chuveiro.

Primeiro fazia incidir o jacto contra a passarinha, depois levantava as asas da borboleta para que a água acertasse também na crista de galo e na trombinha perlada. Quanto mais intenso, melhor. Pôr aquilo tudo a abanar é o que me dá gozo. E claro, acontece sempre que um ou outro jacto mais expedito me entre lá para dentro. Pois, sempre me senti à vontade nessa matéria. Encher o poço e – o que não dá menos gozo – deitar outra vez tudo cá para fora.

Para isso sento-me na posição de lótus no polibã, um pouco apoiada atrás, com o rabo ligeiramente levantado.

Depois é só afastar os lábios da passarinha para os lados, que é aí que eles devem estar sempre, e enfiar para dentro de mim, lentamente e com todo o cuidado, o grosso chuveiro. E nem preciso do *pjur*, porque a minha passarinha só de imaginar que estou quase a vir-me desata a produzir quantidades industriais das suas tão úteis secreções. Para mim o *pjur* é o melhor lubrificante, porque não é absorvido e é inodoro. Odeio cremes lubrificantes perfumados. Portanto, quando o chuveiro está finalmente enfiado, o que até demora bastante tempo, porque tenho de me alargar muito, rodo-o de forma a que o lado com

os buraquinhos para a água sair fiquem para cima, em direcção ao colo do útero, ou lá como se chama aquele sítio lá em cima, onde um homem com uma pila comprida toca ao de leve, em certas posições. Então abro a torneira da água com toda a pressão, cruzo as mãos atrás da cabeça – as mãos que, por sinal, estão livres, porque é a própria passarinha que segura o chuveiro – fecho os olhos e trauteio num murmúrio o «*Amazing Grace*».

Depois de encher os quatro litros do depósito fecho a água e volto a tirar o chuveiro, com todo o cuidado, para impedir que a água escorra. Ainda preciso dela para me vir depois. Com o

chuveiro dou então umas marteladinhas nos meus entrefolhos intumescidos pela introdução, até me vir.

Na maior parte das vezes, venho-me quase imediatamente, se não for incomodada. Com a sensação de estar completamente atafalhada, nesse caso com a água, consigo vir-me em poucos segundos. Depois de me ter vindo, massajo, com uma mão, com força, as partes baixas, enquanto enfio todos os dedos da outra mão bem lá para dentro da passarinha e os abro, para que a água possa sair à vontade, tal como entrou. O que acontece quase sempre é que me venho outra vez, enquanto a água escorre. É a isso que eu chamo uma bela e bem sucedida auto-satisfação. Depois

de uma brincadeirinha dessas com água tenho de ter o cuidado de forrar a parte de baixo das cuecas com várias camadas de papel higiênico, porque a cada movimento a água que ainda lá ficou vai espirrando para a roupa, o que pareceria chichi, e isso eu não quero.

Uma outra instalação sanitária que se adequa às mil maravilha a isso é o bidé. A minha mãe sempre me aconselhou a usar o bidé para me lavar rapidamente depois do sexo. Mas por que carga de água é que eu tenho de me lavar?

Quando dou uma queca com alguém levo comigo orgulhosamente o seu esperma em todas as rachas do meu corpo, nas coxas, na barriga ou lá para

onde foi parar o seu jacto. Porque é que tenho de ir logo a correr lavar-me? Se acharmos as pilas, o esperma e os fluidos vaginais nojentos, então o melhor é mesmo dizer adeus ao sexo. Eu cá gosto de sentir o esperma secar na minha pele, de vê-lo constituir crostas e estalar.

Quando bato uma punheta com a mão tenho sempre o cuidado de que algum esperma me fique nas mãos. Depois raspo-o com as unhas compridas e deixo-o secar e endurecer lá por dentro, para que mais tarde, ao longo do dia, possa ir roendo as unhas, como recordação e tributo ao meu belo parceiro de foda. Assim, mastigo-o, salivo-o, gargarejo-o e, depois de muito

e bem o saborear e derreter, engulo-o. Pois, chamo-lhe o meu «bombom-de-saudosa-lembrança» e é mais uma invenção cá da petiza.

O mesmo é válido, claro, para o esperma que foi parar à passarinha. Não se deve é ir ao bidé eliminar isso! Orgulho, há que transportar essas seivas com orgulho! Na escola, por exemplo. E horas depois do sexo lá está ele a escorrer da passarinha como uma pequena, cálida surpresa. Embora o meu corpo esteja na sala de aulas, com o pensamento estou bem lá dentro, de onde o esperma escorre. Sorridente e feliz, por assim dizer, beatificamente satisfeita na minha poça de esperma quente,

enquanto lá à frente o professor debita as provas da existência de deus. Assim sempre vamos conseguindo aturar a escola. Alegro-me sempre muito com essa íntima ligação líquida e trato logo de enviar um sms ao seu causador: «*o teu esperma quente está agora mesmo a escorrer-me para as cuecas! Obrigada!*»

Bom, de volta ao bidé. Queria imaginar-me a vir-me no bidé, mas receio que já não haja tempo. Chegámos à sala dos preparativos para a operação. Mais tarde poderei dedicar-me a essas fantasias. O «narcoman», o meu anestesista, já cá está à nossa espera. Liga uma garrafa ao tubo que tenho

fixado no braço, pendura-a ao contrário numa vara com rodinhas e diz para eu começar a contar.

Robin, o simpático auxiliar, vai-se embora e deseja-me boa sorte. Um, dois...

Acordo na sala de recobro. Uma pessoa comporta-se sempre de uma maneira meio idiota depois de uma anestesia geral. Creio que a sala de recobro foi mesmo inventada para poupar os familiares a esse tipo de espectáculo.

Acordo com o meu próprio balbuciar. O que é que eu disse? Sei lá, estou a tremer como varas verdes; lentamente os miolos lá começam a carburar. O que é que estou aqui a fazer? Aconteceu-me alguma coisa? Quero sorrir, para disfarçar a aflição, apesar de estar sozinha na sala. Com o sorriso só consigo rasgar a pele nos cantos da boca, porque os lábios estão demasiado

secos. O olho do cu! Pois, é por causa dele que aqui estou! Também estava rasgado. A minha mão desce até ao rabo. Apalpo um grande chumaço, que abrange as duas nádegas, e por baixo da fita adesiva que fixa a compressa uma grande proeminência. Ai ai, só espero que isto não faça parte do meu corpo, deus queira que também mo tirem quando me arrancarem a compressa.

Vestiram-me aquela espécie de bata idiota que eles adoram nos hospitais. Uma coisa disforme com mangas, de frente uma pessoa até parece um anjinho de procissão, mas atrás não há tecido nenhum, para além de um laçarote na nuca. Quem terá sido o esperto que inventou esta fatiota? Bem, quando

estamos deitados podem-nos vestir a bata sem terem de nos levantar. Mas durante a operação eu devo ter estado deitada de barriga para baixo, para que eles pudessem chegar melhor ao meu cu. Quer isso dizer que estive nua durante toda a operação? Não acho piada nenhuma. Tenho a certeza absoluta de que se põem a mandar bocas sobre a nossa aparência. E depois, claro, armazenamos todas essas informações no subconsciente e às duas por três damos em doidas e ninguém sabe bem porquê.

Esta sensação arejada lá atrás também a conheço daquele recorrente pesadelo da infância. Escola primária. Estou na

paragem, à espera do autocarro da escola. Tal como me esquecia muitas vezes de tirar as calças do pijama antes de vestir as de ganga, também me esqueci, nesse dia, de vestir umas cuecas por baixo da saia. A sério, quando somos crianças não reparamos nessas coisas lá em casa, mas depois, num espaço público, preferimos morrer a ser descobertas com o rabiosque nu por baixo da saia. E isso logo na altura em que os miúdos passavam a vida a levantar-nos as saias.

O Robin entra. Fala de uma forma muito cautelosa e diz que correu tudo bem. Conduz-me na minha enorme cama com rodas até ao elevador, através dos corredores e bate sempre com toda a

força no botão *buzz* para abrir as portas. Oh, Robin. A anestesia deixou-me meio aparvalhada. Aproveito o tempo para saber tudo acerca do meu «sim senhor». Que sensação estranha, esta de o Robin saber mais sobre o olho do meu cu do que eu própria. Tem uma dessas folhas fixadas numa tábua, onde está escrito tudo acerca de mim e do meu rabo. Estou muito desbocada e desato a contar anedotas sobre operações ao rabo. Ele diz que eu estou assim tão descontraída e bem-disposta porque a narcose ainda está a fazer efeito. Depois de estacionar a cama no meu quarto diz que podia ficar ali a conversar comigo durante uma eternidade, mas que ainda tem de tratar

de uma outra doente. Ora que pena.

– Se precisar de um comprimido para as dores é só tocar.

– Onde é que está a minha saia e as cuecas que tinha antes da operação?

Ele dirige-se ao fundo da cama e levanta o cobertor. E lá está ela, muito bem dobradinha, a minha saia, e por cima dela lá estão as cuecas.

Pronto, este é o tipo de situação que a minha mãe tanto teme. As cuecas estão dobradas com a parte de baixo para cima. Do lado direito, claro, e não do avesso. E no entanto posso ver a leve mancha causada pela excreção da passarinha. A mamã acha que o mais importante para uma mulher que é internada numa clínica é usar roupa

interior impecavelmente limpa. Eis o seu argumento principal para uma roupa interior exageradamente limpa: quando uma pessoa é transportada para um hospital acabam sempre por despi-la. Tiram-lhe tudo, até a roupa interior. Oh meu deus, e quando então vêem que a passarinha deixou no tecido os vestígios das suas normalíssimas secreções, então... Então o quê?

Eu acho que a mamã deve imaginar que todas as pessoas no hospital se põem a bichanar e a contar umas às outras que aquela Sra. Memel é cá uma porcalhota... Por fora impecável, por dentro um desastre.

O último pensamento que a mamã

teria, antes de morrer, no local do acidente seria: há quantas horas é que já ando com estas cuecas? Será que já estão manchadas?

Aliás, a primeira coisa que os médicos e os paramédicos fazem, quando estão perante a vítima ensanguentada de um acidente, antes mesmo ainda da reanimação, é deitar uma olhadela às cuecas encharcadas de sangue. Deixa cá ver com que gaja estamos a lidar.

O Robin mostra-me um cabo com uma campainha na parede atrás de mim, coloca-a numa almofada, mesmo ao lado da minha cara, e vai-se embora. De certeza que não vou precisar dela.

Ponho-me a ver o que há no quarto.

Todas as paredes estão pintadas de verde-claro, um verde tão claro que quase não consigo distinguir a tonalidade. Deve ser para acalmar. Ou para dar esperança.

À esquerda da cama há um pequeno armário para a roupa embutido na parede. Ainda não tenho nada para pôr lá dentro, mas de certeza que em breve me vão trazer qualquer coisa. Por detrás da esquina do armário esconde-se a porta da casa de banho, suponho, ou melhor, do quarto do duche.

À cabeceira da cama, também do lado esquerdo, tenho um armariozinho metálico com gaveta e pés com rodas. Especialmente alto, para estar ao nível

da cama.

À esquerda tenho a larga frente da janela, tapada com cortinados brancos transparentes, com uma fita de chumbo cosida em baixo, na bainha, para ficarem bem esticados. Têm de manter sempre aquele aspecto impecável. Lisos como betão. De modo nenhum devem ondular com as correntes de ar quando a janela estiver aberta. Em frente à janela está a caixa com as minhas fraldas, ao lado uma embalagem com cem luvas de látex. É o que lá está escrito. Entretanto, se calhar, já devem ser menos.

Na parede da frente está pendurado um cartaz numa moldura; vêm-se as pequenas garras de metal a segurar o vidro. A fotografia mostra uma alameda

de árvores. Por cima pode ler-se em grandes letras amarelas: *Vai com Deus*. Passear ou quê?

Por cima da porta está fixado um pequeno crucifixo. Alguém lhe entalou um raminho por detrás. Porque é que as pessoas fazem essas coisas? E é sempre um raminho da mesma planta, com aquelas folhinhas abauladas, verde-escuras, com um brilho falso. Parece sempre de plástico, mas é sempre verdadeiro. Creio que o cortam de uma vedação.

Porque é que esta gente tem sempre de enfiar um pedaço de vedação por detrás dos crucifixos? Não quero cá nem o cartaz nem a cruz. Vou obrigar a mamã a

tirar aquilo dali. Só de pensar na discussão já fico toda satisfeita. A mamã é uma católica crente. Atenção, esqueci-me de uma coisa. Lá em cima está pendurada uma televisão. Ainda não tinha olhado para cima. Está assente numa estrutura metálica, bastante inclinada para a frente, como se a qualquer momento pudesse cair para cima de mim. Depois vou pedir ao Robin para lhe dar um safanão, só para ter a certeza de que não vai mesmo cair. Se tenho uma televisão também tenho de ter um comando, não é? Ou tenho de andar sempre a pedir a alguém que ma acenda ou apague? Talvez na gaveta? Puxo-a e sinto logo a dor no cu. Cuidado, Helen, deixa-te lá de merdas.

O comando da televisão está num dos compartimentos de plástico dentro da gaveta. Perfeito. A não ser o facto de a anestesia estar a passar. Será que vou ter já de pedir um comprimido para as dores?

Talvez não seja assim tão mau. Pois, vou esperar um bocadinho, para ver como é a sensação. Tento pensar noutras coisas. Por exemplo, no último dos unicórnios. Mas não funciona. Já estou de dentes cerrados, os pensamentos agarram-se todos ao meu pobre cu chagado, estou completamente contraída. Sobretudo nos ombros. Vejam bem como a boa disposição desaparece num instante. O Robin tinha razão, mas não

quero agora parecer uma Maria-chorona, quando ainda há pouco me armei em boa. Ainda consigo aguentar mais um bocado. Fecho os olhos. Uma mão pousada com todo o cuidado na compressa que me tapa o rabo, a outra a segurar a campainha. Estou ali, deitada ao contrário, a sentir o pulsar das dores. O efeito da anestesia está cada vez mais fraco. O ardor na ferida vai e vem em ondas. Os músculos estão cada vez mais contraídos. Os intervalos entre as ondas de dor tornam-se mais curtos.

Toco à campainha e fico à espera. Uma eternidade. Sou assaltada pelo pânico. A dor aumenta, um rasgar, o perfurar de uma lâmina no ânus. Pois claro, que outra hipótese é que eles

tinham de entrar lá para dentro? Haviam de começar por cima, não?! Oh meu deus! Andaram lá a escarafunchar no meu intestino grosso com bisturis e agulhas e linhas de coser, com as suas manápulas de adultos. Não sinto a dor directamente na ferida, mas à volta. Um esfíncter relaxado.

Até que enfim!

– Robin?

– Sim?

– É verdade que durante a operação eles alargam o orifício do rabo de tal maneira, até conseguirem enfiar lá dentro várias mãos?

– Sim, infelizmente é verdade. E é isso que te vai causar as maiores dores,

quando a anestesia passar.

Hum. Mas é que é já a seguir. Venham eles, os comprimidinhos. Já só de pensar que ainda vai demorar algum tempo até fazerem efeito, quase que desmaio de medo. Pronto, com a minha mania de aguentar as dores vou ter de esperar imenso tempo até esta merda me desaparecer do cu. Quero aprender a admitir que tenho dores mais cedo, para me tornar uma doente que prefere tocar logo à campainha e pedir comprimidos contra as dores do que andar aqui, como agora, à rasquinha durante estes longos minutos, até eles fazerem efeito. É que aqui não há condecorações para soldados sofredores, Helen. Deixa-te disso, lembra-te que tens o olho do cu

todo feito num oito.

A sensação é que o buraco é tão grande como todo o cu. Nunca mais vai voltar ao seu tamanho natural. Acho que eles me magoaram de propósito durante a operação.

Há uns anos, já cá estive neste hospital. Com a mentira mais bem pregada da minha vida. Estava com um cinco[1] a Francês e no dia seguinte tinha um teste. Não tinha estudado e também já há bastante tempo que não ia às aulas. Da última vez também já tinha faltado. Consegui enganar a mamã, disse-lhe que estava cheia de dores de cabeça, para que escrevesse uma carta a justificar a minha falta. Mas desta vez

tinha de ser algo mais convincente. Só queria ganhar tempo para poder estudar.

Se apresentarmos uma desculpa por escrito depois de faltarmos podemos repetir mais tarde o teste. Vai daí, começo então a contar à mamã que estou a sentir umas pontadas em baixo, na barriga, do lado esquerdo. Umas pontadas cada vez mais fortes. Ela fica logo preocupada, porque sabe que isso é sinal de uma inflamação no apêndice. Apesar de o apêndice ficar à direita. Isso também eu sei. E começo a dobrar-me com dores. Ela leva-me logo ao médico de família, que me acompanhou durante toda a infância. Continuo a ir lá, é mais perto. Ele deita-me na marquesa e põe-se a apalpar a parte inferior da minha barriga. Pressiona do lado

esquerdo, eu grito e gemo. Pressiona do lado direito, eu nem pio.

— Não há dúvida. Uma apendicite aguda. Tem de levar a sua filha imediatamente para o hospital. Nem sequer vá a casa buscar o pijama para ela dormir, tem tempo depois. A menina tem de ser internada de imediato. Se o apêndice rebentar, o organismo fica todo envenenado e depois todo o sangue terá de ser limpo.

Há aqui alguma menina?, perguntei-me.

Toca a andar para o hospital. Este aqui. Assim que chego, faço o mesmo teatro. Esquerda, direita, as reacções são correctas. Como num jogo de apalpar. Operação de urgência. Eles

abrem-me a barriga e vêem um apêndice normalíssimo, nada inchado ou inflamado. Mas tiram-no na mesma. Não é coisa que faça falta. E se eles me deixassem ficar e voltassem a coser-me a barriga, podia acontecer que regressasse em breve com uma verdadeira inflamação. *Stress* a dobrar. Mas a mim não me disseram nada depois da operação. Falaram com a minha mãe.

Quando, mais tarde, ela voltou a apanhar-me a pregar uma mentira qualquer, virou-se para mim e disse:

– Em ti não posso acreditar, até já me mentiste a mim e a todos os médicos, só para não teres de fazer um teste de

Francês! O apêndice que eles te tiraram não estava inflamado.

– Como é que sabes isso?

– As mães sabem tudo. Os médicos estiveram a falar comigo no corredor. Nunca lhes tinha acontecido uma coisa dessas. Agora já sei como tu és capaz de mentir!

Pelo menos, agora sei que já não o tenho. Antes de termos falado sobre o assunto, achei que os médicos tinham de ter visto que o apêndice não estava inflamado e que o tinham deixado ficar lá dentro. Por isso, durante muito tempo tive medo de uma verdadeira apendicite. O que é que se vai contar se até já fomos operadas? Então afinal era assim. Ainda bem que agora já sabia. As horas que

uma pessoa passa na vida com preocupações desnecessárias. Depois de nos tirarem o apêndice sentimos, durante muito tempo, dores horríveis: quando rimos, andamos, ficamos em pé, nos sentamos e quase tudo o resto, porque temos a sensação de que a costura pode rebentar a qualquer momento. Eu dobrei-me e mantive-me tão torcida como agora, por causa do cu. Será que os médicos ainda se lembram do meu nome? Se calhar até foi uma pequena sensação, aquela história da miúda que aguentou as dores de uma operação só para endrominar a professora? Será que por causa disso me querem agora tramar, provocando-me estas dores

horríveis – oh, escorregou, não faz mal –, só para se vingarem por eu ter andado a gozar com eles? Será que estou a ficar paranóica por causa das dores? Por causa dos medicamentos? O que é que se está a passar comigo? Dói-me tanto. Robin. Traz-me os comprimidos.

Cá está ele! Dá-me dois comprimidos e explica qualquer coisa que eu não consigo perceber, nem ouvir sequer. Estou demasiado contraída por causa das ondas de dor. Engulo os dois de uma vez. Quero que comecem a fazer efeito o mais depressa possível. Para me acalmar volto a pôr a mão no meu monte de Vénus. Já em criança fazia isso. Só que na altura ainda não sabia que se chamava monte de Vénus.

Para mim é a parte mais importante de todo o corpo. Tão quentinha. E mesmo à altura da mão. O meu centro. Enfio a mão por dentro das cuecas e faço-lhe umas festinhas. É assim que adormeço melhor.

Enrolo-me como um esquilo em torno do meu monte de Vénus e pouco antes de adormecer ainda me vem à cabeça que tenho um cagalhão a sair-me do cu. É mesmo o que parece, com aquele chumaço todo lá atrás. Sonho que estou a passear num campo imenso. Um campo de pastinagas. Lá muito ao longe vejo um homem. Um *nordic-walker* [\[2\]](#) Um andarilho do norte. Aqueles tipos com bengalas. Penso: olha para aquilo,

Helen, um homem com quatro pernas.

Ele aproxima-se e vejo que tem um grande mangalho a pender-lhe das *leggings* justas e aerodinâmicas. E penso: não, queres ver que ele tem cinco pernas?!

Ele passa por mim e eu viro-me e fico a olhar para ele. Para minha grande satisfação descubro que ele puxou a parte de trás das calças para baixo e tem um grande cagalhão a pender-lhe do cu, ainda mais comprido do que o mangalho. E eu: seis pernas, porra! Acordo cheia de dores e de sede. A mão que tinha encostada ao monte de Vénus tateia agora lá atrás, para ver como está a ferida. Quero saber o que aqueles

tipos andaram a fazer. Como é que posso inspeccionar o local da acção? Olhar para a passarinha ainda consigo, se me torcer toda. Mas o cu não dá. Um espelho? Não, antes uma máquina fotográfica! Tenho de pedir à mamã que ma traga.

Não era ela que queria estar cá quando eu acordasse? *E-mail*.

«Sou eu. Quando vieres traz-me por favor a máquina fotográfica, *ok*? E podias sacudir os caroços que estão no meu quarto e enrolá-los com cuidado em papel, para que as raízes não se partam? E traz também, por favor, os copos vazios. Mas esconde-os, *ok*? Aqui proíbem tudo, a não ser flores.

Obrigada. Até já. Ah, e já agora podes trazer também uns trinta palitos? Obrigada.»

Eu cultivo abacateiros. Para além de foder, é esse o meu grande passatempo. Quando era miúda, a minha fruta, ou os meus legumes, ou lá o que é aquilo, preferidos eram os abacates. Comia-os cortados ao meio, com um bom pedaço de maionese no buraco. Por cima há que pôr muito pimentão picante em pó. Depois de comer ficava a brincar com o grande caroço. A minha mãe costumava dizer que as crianças não precisam de brinquedos, um tomate com bolor ou um caroço de abacate também servem.

Ao princípio, o caroço ainda está escorregadio e mucoso com o óleo. Eu esfrego-o nas costas das mãos e pelos

braços acima, espalho o óleo viscoso por todo o lado. Depois o caroço tem de secar.

Em cima do aquecimento demora apenas um par de dias. Quando o líquido seca, passo a superfície castanho-escura pelos meus lábios. Eles também têm de estar secos, para se sentir aquela sensação de suavidade tão grande que até dá vontade de ficar ali assim uma data de tempo, com os olhos fechados. Como fazia no ginásio da escola, com os lábios secos a roçarem pelo cabedal ensebado e macio do cavalo de arção, até que alguém me vinha incomodar. «Helen, o que é que estás aí a fazer? Acaba lá com isso.»

Ou até os outros miúdos começarem a

gozar comigo. O que há a fazer então é guardar esses pequenos momentos para quando pudermos estar sozinhas no ginásio, sem ninguém que nos chateie. É mais ou menos tão suave como os meus biscoitos de baunilha, quando acabo de os rapar.

A pele castanho-escura do caroço tem de ser retirada. Para isso, dou umas pancadas com a unha do polegar entre a pele e o caroço e ela vai caindo aos poucos. Mas é preciso ter cuidado para não enfiar um pedaço do caroço por baixo da unha. Isso dói muito e é difícil de tirar, mesmo com agulha e pinça. Andar a escarafunchar com objectos pontiagudos por baixo da unha ainda dói

mais do que a entrada da farpa. E depois há aquelas manchas de sangue pisado horríveis que se formam por baixo da unha. Infelizmente, as manchas de sangue também não ficam vermelhas, mas tornam-se castanhas. É preciso ter muita paciência, até elas desaparecerem. A unha parece então uma camada de gelo num lago gelado, com um ramo bonito preso lá dentro. Sem a pele, o caroço fica com uma cor no fundo muito bonita. De um amarelo-claro, ou às vezes até de uma tonalidade rosada, muito delicada.

Depois dou-lhe uma martelada forte. Isto é, forte mas sem que o caroço estale. A seguir meto-o durante várias horas na arca congeladora, para ele pensar que é Inverno. Quando já tiver

Inverno suficiente espeto-lhe três palitos. Ponho-o então num copo com água e os palitos seguram-no sobre a água à altura ideal.

Um caroço de abacate desses parece um ovo. Tem uma extremidade mais achatada e outra mais bicuda. A extremidade mais achatada tem de ficar em cima, fora da água. Um terço do caroço de fora, dois terços mergulhados na água. Depois deixo-o ficar assim durante vários meses.

Com o tempo ele forma na água uma camada viscosa e para mim muito convidativa. Às vezes aproveito, nessa altura, e agarro nele, tiro-o do copo e enfio-o dentro de mim. Chamo-lhe o meu

biovibrador manual. Claro que para as minhas culturas só utilizo abacates biológicos. Senão ainda acabava por cultivar árvores envenenadas.

Mas antes de o introduzir é indispensável retirar os palitos. Graças aos bem treinados músculos da minha vagina, posso depois projectá-lo outra vez cá para fora. A seguir, toca a andar novamente para o copinho de água, devidamente empalitado. Depois é só esperar.

Decorrido um par de meses, pode reconhecer-se na extremidade achatada uma racha. Que se torna cada vez maior, uma fenda funda que atravessa o caroço ao meio. Dá a impressão que ele está quase a separar-se em duas metades, até

que de repente se vê lá em baixo uma raiz grossa e branca a crescer. A pouco e pouco, ela vai-se enroscando no copo, porque não pode crescer noutra sítio. Quando a raiz já está bastante comprida, podemos aproximar um olho da fenda, para vermos lá em baixo o minúsculo rebento verde que está a desenvolver-se. É altura de plantar o caroço num vaso com terra de sementeira. Não tarda então muito a crescer um tronco a sério, com muitas folhas grandes e verdes.

É o máximo que eu posso aproximar-me da experiência de um parto. Tratei daquele caroço durante meses a fio. Tive-o dentro de mim e deitei-o cá para fora. E trato impecavelmente de todos os

abacateiros que assim criei.

A sério que desde que me conheço quis ter uma criança. Só que na nossa família há um padrão que se repete invariavelmente. A minha bisavó, a minha avó, a mamã e eu. Todas primeiras filhas. Todas raparigas. Todas fracas de nervos, perturbadas e infelizes. Eu consegui interromper esse círculo vicioso. Este ano fiz finalmente dezoito anos e há muito tempo que andava a poupar dinheiro. No dia a seguir a ter feito anos, assim que não precisei da autorização dos pais, deixei-me esterilizar. Desde então, aquela frase que a mamã passa a vida a repetir deixou de ser tão ameaçadora: «Aposto que o teu primeiro filho vai ser uma

menina!» É que eu já só posso ter abacateiros. Para cada nova árvore é preciso esperar vinte e cinco anos até ela dar frutos. Mais ou menos o tempo que uma mãe tem de esperar até se tornar avó. Nos dias de hoje, claro.

Enquanto eu aqui estive deitada e feliz, a pensar na minha família de abacates, as dores passaram. Quando elas chegam nota-se perfeitamente; quando se vão embora não notamos, nem sequer reparamos. Só agora é que constatei que elas desapareceram por completo. Adoro analgésicos e ponho-me a pensar como é que seria se tivesse nascido numa outra época, quando ainda não havia analgésicos decentes. A

cabeça está livre de dores e tem agora lugar para tudo o resto. Respiro fundo umas quantas vezes e adormeço esgotada. Quando abro os olhos vejo a mamã debruçada sobre mim.

– O que é que estás a fazer?

– A tapar-te. Estás completamente desnudada.

– Deixa estar assim, o cobertor é demasiado pesado para a ferida que tenho no cu, mamã. Dói-me. Estou-me nas tintas para o aspecto. Pensas que eles aqui não viram cenas destas mais de mil vezes?

– Então pronto, deixa-te ficar assim, em nome de deus. Boa deixa.

– Podes tirar ali o crucifixo que está por cima da porta? Incomoda-me.

– Não, não posso. Helen, acaba lá com essas parvoíces.

– Bom, se não me queres ajudar vou ter de me levantar e tirá-lo eu própria.

Deixo pender uma perna para fora da cama, finjo que me vou levantar e solto um gemido de dor.

– Está bem, está bem, eu tiro-o. Por favor, fica lá quietinha. Então, funciona ou não funciona?

Ela tem de se servir da única cadeira que se encontra no quarto para tirar a cruz de cima da porta. Enquanto trepa para a cadeira, vai-me fazendo perguntas num tom exageradamente amigável, descontraído. Fico com pena, mas agora já é demasiado tarde.

– Desde quando é que tens essas coisas?

Do que é que ela está a falar? Ah, pois, as hemorróidas. – Desde sempre.

– Mas, antigamente, quando eu te dava banho ainda não as tinhas.

– Então devo tê-las apanhado quando deixei de ter idade para que tu me desses banho.

Ela desce da cadeira com o crucifixo na mão e olha para mim com um ar interrogativo.

– Mete-o aqui na gaveta. E aponto para o meu armariozinho de cabeceira metálico.

– Mamã, tu sabes que as hemorróidas são hereditárias. A questão é: de quem é

que as herdei.

Ela fecha a gaveta com demasiada força.

– Do teu pai. Como é que correu a operação?

Nas aulas de Pedagogia aprendemos que os pais divorciados tentam, muitas vezes, puxar os filhos para o seu lado. Cada parte fala mal da outra em frente aos filhos.

O que cada uma das partes não percebe, quando está assim tão entretida a dizer mal da outra, é que ao fazê-lo está sempre a ofender uma das metades da criança. Isso partindo do princípio que uma criança é metade mãe, metade pai.

Os filhos cujo pai foi sempre

ridicularizado pela mãe acabam por vingar-se nela. As agressões dão a volta, como um *boomerang*.

Durante uma série de anos a mãe tenta que a criança passe para o seu lado, mas o que acontece é precisamente o contrário. A única coisa que consegue é empurrar a criança para o pai.

A nossa professora de Pedagogia tem razão.

– Sei lá, não estava lá, foi anestesia geral. Dizem que correu tudo bem. Mas dói. Trouxeste-me os caroços?

– Sim, ali os tens.

Ela aponta para o peitoril da janela. Mesmo ao lado da caixa das fraldas está uma caixinha com os meus queridos

caroços. Ótimo. Posso lá chegar sozinha.

– Trouxeste a máquina fotográfica?

Ela tira-a da mala e coloca-a em cima do armário de cabeceira metálico.

– Para que é que a queres aqui no hospital?

– Acho que não se deve documentar só os momentos felizes, como as festas de anos, mamã. Os momentos tristes, como as operações, as doenças e a morte também são importantes.

– Com essas fotografias no álbum de certeza que vais dar grandes alegrias aos teus filhos e netos.

Eu sorrio. Ai se tu soubesses, mamã.

Agora quero que ela se vá rapidamente embora, para que eu me

possa ocupar com o meu rico cuzinho. Os únicos momentos em que tenho vontade de passar mais tempo com ela são aqueles em que posso alimentar esperanças bem fundadas de que a posso juntar novamente com o papá. Hoje ele não vem. Mas amanhã vem de certeza. O hospital com a filha internada é o cenário perfeito para uma aproximação familiar. Mas isso é amanhã, hoje estão as fotografias do cu no programa.

Ela despede-se depois de me avisar que arrumou a minha roupa de dormir no armário. Obrigada. Como é que eu chego lá? Não faz mal, de qualquer maneira devo andar com as partes ao léu, por causa da porcaria do penso. O

ar faz bem à ferida.

Assim que a mamã sai toco a campainha para o Robin vir. Espero e espero. Pois, não és só tu que estás doente, Helen,

por mais que isso te custe a aceitar. Pronto, lá vem ele. – Como é que a posso ajudar, menina Memel?

– Quero perguntar uma coisa. E por favor, não diga logo que não, está bem?

– Diga lá então.

– Podia ajudar-me... Se estiver de acordo podíamos acabar com o «você», está bem? É que este tipo de pedido não condiz com esses modos.

– Claro, não há problema nenhum.

– Então é o seguinte: tu és o Robin e eu sou a Helen. E pronto. Podes ajudar-

me, por favor, a fotografar o meu cu e a ferida? Tenho de ver o aspecto daquilo lá atrás.

– Oh, não sei se posso fazer isso. Preciso de pensar primeiro...

– Por favor, senão dou em doida. É que não tenho outra forma de descobrir o que é que eles andaram a fazer. Lembra-te de que o Notz não é capaz de explicar. E ao fim e ao cabo trata-se do meu cu. Por favor. Apalpar não serve de nada. Tenho de ver.

– Compreendo. Interessante. Outros doentes não querem saber como ficou. Certo. O que é que quer que eu faça?

Ligo a função da memória da máquina digital. Primeiro sem *flash*. É sempre

mais bonito. Depois retiro o adesivo que segura o penso e o tampão, o que demora mais do que pensei.

Fartaram-se de enfiar gaze lá atrás. Viro-me com todo o cuidado para o outro lado, com a cara virada para a janela, e afasto as nádegas com as mãos.

– Robin, agora fotografa-me a ferida o mais perto possível, por favor. Mas não tremas, que é sem *flash*.

Oiço-o disparar e depois ele mostra-me a imagem no ecrã. Quase não se reconhece nada. O Robin não tem uma mão lá muito firme. Mas não lhe hão-de faltar outros talentos. Pronto, então vai mesmo com *flash*. E voltemos à carga.

– Tira várias fotografias de

perspectivas diferentes. De muito perto e a uma certa distância.

Clic, clic, clic, clic. Olha, está a tomar-lhe o gosto.

– Já chega, obrigada, Robin.

Ele passa-me a máquina para a mão com todo o cuidado e diz:

– Já trabalho há tanto tempo na secção protológica e nunca pude ver a ferida que todos aqui têm. Obrigado.

– Quem tem de agradecer sou eu. Posso então observar com calma o buraco do meu rabo? E se for preciso tu importavas-te de repetir a brincadeira?

– Não há qualquer problema, estás à vontade.

– És um tipo mesmo *cool*, Robin.

– E tu então nem se fala, Helen.

Ele vai-se embora a sorrir. Eu volto a enfiar a gaze.

Estou agora sozinha com a máquina onde se escondem as imagens da minha ferida. Não faço a mínima ideia do que me espera. O meu pulso dispara, a excitação provoca-me um ataque de suor.

Rodo a rodinha que está ao lado do ecrã para ver as imagens gravadas e aproximo a câmara dos olhos. Surge então uma fotografia de um buraco ensanguentado: o *flash* iluminou o interior até bem fundo. Mas está todo aberto. Nada aponta para um esfíncter fechado.

Não consigo reconhecer uma coroa de pele rosada e enrugada em forma de anel. No fundo, não há ali nada que eu

possa reconhecer. Era então nisso que o Notz estava a pensar quando falou no tal corte em forma de cunha. Péssima explicação. Estou apavorada com o aspecto do meu próprio olho do cu, ou com aquilo que dele resta. Mais olho do que cu.

Bem, para modelo de cus já não sirvo. Agora já só serve para uso pessoal. Ou será que a fotografia está ao contrário? Não, não pode ser. O Robin também não pode ter segurado a máquina ao contrário quando fotografou.

Não, vê-se tudo lá para dentro. Parece o túnel da rotunda. Sinto-me muito pior do que antes de ver esta desgraça. E, claro, de um momento para o outro voltaram as dores. Agora que sei qual é

o meu aspecto lá atrás já não acredito que elas um dia possam passar. Em toda a zona operada não resta nem um bocadinho de pele: é só carne viva, tudo vermelho.

Primeiro há que deixar crescer a pele. Quanto tempo é que isso demora? Semanas? Meses? O que é preciso comer para que se constitua uma camada de pele nova no cu? Sardas?

Será que os cavalheiros aqui estão à espera que eu esprema merda através desta chaga aberta? Nunca na vida. Quantos dias e semanas posso aguentar? E se conseguir mesmo aguentar durante muito tempo a caca não se torna cada vez mais grossa e dura e dolorosa ao

sair? O melhor é perguntar. Vão ter de me dar um remédio que provoque prisão de ventre, para dar tempo que a ferida sare. Vou carregar na minha campainha S.O.S..

Estou à espera. Enquanto ninguém aparece, vou vendo as outras fotos que o Robin tirou. Não há nem uma única em que a ferida pareça inofensiva. Mas que raio é que vem a ser isto ao lado da ferida? Está tudo à volta cheio de umas borbulhas vermelho vivas. Só me faltava mais isto. Apalpo com as pontas dos dedos ao longo de ambas as nádegas. Consigo sentir as borbulhas. Mas há bocado, quando andei a apalpar, não as senti. Lá está, em comparação com a visão o meu sentido do tacto é muito

pouco desenvolvido. Tenho de o treinar, isto assim não pode continuar. De onde é que vêm estas borbulhas horríveis? Uma alergia? Alergia a operações ao rabo? Volto a olhar para as fotografias. Já sei, andaram a rapar-me e a pele ficou toda irritada. Fazem isso sempre antes das operações, mas pelos vistos não são nada meigos, os senhores.

Chrap chrap chrap, passa a lâmina e deixa andar. É sempre a aviar, o que interessa é que aqueles pêlos todos desapareçam dali o mais depressa possível. Nem devem ter usado água e espuma. Assim, à má fila, lâmina neles e que se lixe a dona.

Chiça, eles aqui ainda conseguem ser

mais brutos do que eu quando me depilo lá em casa. Antigamente estava-me nas tintas para a depilação. Achava que uma pessoa pode aproveitar muito melhor o tempo que passa na casa de banho do que andar às voltas com essas tretas. E foi o que fiz: aproveitei. Até que encontrei o Kanell. Ele é africano, mais precisamente etíope. Apareceu num sábado, lá na banca de legumes e de fruta onde eu trabalho para arranjar mais uns euritos para além da mesada. Ajudo a montar a banca na praça às quatro da manhã e depois vendo até ao princípio da tarde. O meu chefe, o Bauer, a quem a banca pertence, é um racista. O que é muito engraçado, pois ele acha que tem de apresentar todo o tipo de espécies de

legumes e fruta exóticos. Um nicho de mercado. Mas quem é que está interessado em utilizar nos seus cozinhados coisas tão esquisitas como pomelos, topinambur ou okras, a não ser gente vinda de África, da Índia, da América do Sul ou da China?

E assim o meu chefe passa todo o santo dia irritado com os estrangeiros, que o chateiam porque querem comprar coisas na sua banca, e abespinhado, por causa da sua má pronúncia alemã. Apesar de ele próprio os ter atraído com a sua mercadoria. Kanell não tinha percebido a insistência na pergunta do Bauer: «É tudo?!»

E teve de lhe perguntar o que é que

ele queria dizer com aquilo. O Bauer tratou-o com tal arrogância quando lhe explicou, que eu depois me esgueirei para fora da banca para lhe pedir desculpa.

Corri pelos corredores da praça, à procura dele. Até que o vi mesmo à minha frente. Dei-lhe um toque no ombro, ele virou-se e eu disse, ofegante: – Olhe, desculpe lá, por favor. Só lhe queria dizer que há bocado fiquei muito envergonhada pelo meu patrão.

– Reparei nisso.

– Ainda bem.

E sorrimos um para o outro.

Depois comecei a ficar nervosa e não me veio nada melhor à cabeça do que dizer:

– Bem, então vou voltar para a banca.

– Tu rapas-te?

– O quê?

– Estou a perguntar se te rapas?

– Não. Porque é que perguntas uma coisa dessas?

– Porque eu gostaria de te rapar, lá em minha casa. – Quando?

– Depois de saires do trabalho. Quando a praça fechar.

Ele aponta a morada, dobra a folha até ela ficar muito pequenina e coloca-a como um pequeno presente na palma suja da minha mão. A sério que este é um dos meus encontros mais espontâneos. Enfio a folhinha no bolso do peitilho do meu avental verde e

regresso, orgulhosa, ao reino do racista.

Durante as horas que se seguem prefiro não pensar lá muito naquilo que me espera em casa dele. Porque senão ainda perco a coragem e acabo por não ir. E isso, convenhamos, seria um desperdício e uma pena.

Depois do trabalho recebo a guita e procuro o endereço indicado. Toco à campainha do Kanell. Deve ser o apelido. Ou então tem daqueles apelidos e nomes próprios tão complicados que, como alguns futebolistas, inventou um nome artístico qualquer, capaz de ser pronunciado por europeus burros. Ele abre-me a porta e diz lá de cima:

– Segundo andar.

Eu dou um passo em frente e a porta

fecha-se logo atrás de mim. Quase que me bate na nuca e provoca, ao fechar-se, uma corrente de ar frio que me levanta os cabelos. A afinação do braço articulado mecânico está demasiado apertada. É só preciso desapertar um parafuso, algures lá em cima, e a porta fecha-se logo de uma forma mais elegante e subtil. Foi o pai que me ensinou. Se eu puder vir cá mais vezes não me hei-de esquecer de trazer uma chave de fendas, para pôr isto a funcionar como deve ser.

Levanto a saia e enfio a mão por dentro das cuecas. Depois enfio o dedo médio bem lá para dentro da ratinha, deixo-o lá ficar um bocadinho no calor e

tiro-o. Abro a boca e meto o dedo inteiro lá dentro. Fecho os lábios à volta do dedo e retiro-o lentamente, aproveitando para o chupar e saborear tanto quanto posso.

O que não pode acontecer é eu abrir as pernas a um tipo qualquer e deixar que, por exemplo, me lamba a preceito, sem ter a mínima ideia dos sabores e aromas que o esperam lá em baixo.

Na nossa casa de banho há todos aqueles espelhos maravilhosos e úteis, que me ajudam a observar a passarinha por baixo com o devido rigor. É que uma mulher vê a sua coninha de cima, para além da barriga, o que é completamente diferente do campo de visão que o homem tem quando está de

gatas na cama, com a cabeça entalada entre as pernas da amante.

A mulher só vê sobressair um tufo de pêlos pequenino e, eventualmente, dois relevos, que anunciam os lábios exteriores da vagina.

O homem vê uma bocarra toda aberta, a suar tesão e com pregas carnudas por todo o lado. Cá no meu corpinho eu quero ver tudo como um homem; é que ele vê mais da mulher do que ela própria, porque ela lá por baixo é feita de uma forma tão escondida e enviesada que era preciso ser-se serpente para se poder observar decentemente. O mesmo acontece com as minhas secreções: quero ser eu própria a primeira a vê-las,

cheirá-las e saboreá-las, e não ficar ali deitada, à espera que tudo corra bem.

Sempre que vou à casa de banho levo a mão à ratinha e faço o teste antes do chichi. Escarafuncho com o dedo, para retirar o máximo de nhanha possível, e cheiro-a. Cheira quase sempre bem, a não ser que tenha acabado de comer muito alho, ou pratos indianos.

A consistência varia muito, às vezes mais para o requeijão, outras mais para o azeite, depende de há quanto tempo me lavei. E isso, por sua vez, depende de com quem quero ter sexo. Muitos adoram requeijão. Quem diria, mas é mesmo assim. Eu pergunto sempre antes.

Depois o que também é bom é chupar tudo aquilo do dedo, degustá-lo

lentamente na boca, de um lado para o outro, como um *gourmet*. Sabe quase sempre muito bem. A não ser às vezes, quando o fluxo apresenta um travozinho azedo, ainda não percebi de onde é que isso vem, mas hei-de descobrir.

O teste tem de ser repetido de cada vez que vou à casa de banho, pois pode muito bem acontecer que eu me entregue aos imprevistos ou às delícias do sexo espontâneo. Mas também aí quero manter-me a par da produção das minhas secreções vaginais. A Helen não entrega nada ao acaso. Só quando sei ao certo o que se está a passar com a minha adorada e preciosa nhanha é que um homem a pode lambar e chafurdar nela à

vontade.

Acabei de a saborear e estou entusiasmada. Assim sim, podemos dar largas à fantasia, deixarmos que nos vejam e provem com deleite. Um toquezinho a trufa de uma nhanha já madura, com estágio. Os homens ficam todos excitados. Pelo menos quase sempre.

Subo as escadas. Não preciso de subir lentamente, como se estivesse farta de fazer aquilo. Nada de joguinhos. Assim, ao subir os degraus de dois em dois, mostro-lhe a urgência e a curiosidade que tenho. Ele está à porta, agarra-me nas mãos e beija-me na testa. Depois leva-me para a sala. Está muito quente, o aquecedor crepita e estala ao

máximo. Um sítio onde alguém pode ficar nu durante muito tempo. E está escuro, muito, as persianas corridas. Apenas uma lâmpada de mesa de 25 *watts*, que ilumina um alguidar com água a fumegar no chão. Ao lado uma pequena toalha turca dobrada, uma lâmina de barbear e um *spray* de espuma de barbear. O sofá-cama está todo coberto com várias toalhas.

Ele despe-me rapidamente. A única coisa que o atrapalha um bocadinho é a saia. O fecho é complicado. Pelos vistos, não lhe basta subi-la. Tudo quanto é tecido tem de desaparecer. Eu lá o ajudo e depois ele deita-me atravessada no sofá. Com a cabeça para

o canto do fundo e o rabo virado para o abismo. Eu apoio-me com os pés nos cantos e fico ali deitada na posição ginecológica.

Ele despe-se completamente. Não estava à espera disso. Pensei que me ia despir, mas ele ficasse vestido. Ainda melhor. Já está com os mamilos duros e meia erecção. Tem uma pila muito fininha, com a glande bicuda e uma leve inclinação para a esquerda. Vista do meu lado, claro.

E tem um pão tatuado no peito. A forma aponta mais para um pão de forma do que para um pão integral ou de mistura. A pouco e pouco, a minha respiração acalma. Eu adapto-me rapidamente a situações imprevisíveis.

Cruzo os braços atrás da cabeça e fico a observá-lo. Parece muito atarefado e feliz. Dá-me cá a impressão de que não tenho mais nada que fazer senão ficar para ali deitada. A ver vamos.

Ele sai do quarto e volta com uma lâmpada de espeleólogo acesa na cabeça. Eu desato a rir e digo-lhe que parece um cíclope. Acabámos de dar isso na escola. Ele ri-se também.

Depois põe uma almofada no chão e senta-se em cima, diz que não quer ficar com calos nos joelhos. A seguir, mergulha ambas as mãos na água quente e começa a esfregar-me as pernas. Ah ah, então é isso: um aquecimentozinho, a começar por baixo.

Depois espalha-me a espuma de barbear pelas pernas, mergulha a lâmina na água quente e raspa toda uma pista ao longo da perna. Por onde a lâmina passou a espuma desapareceu. E assim prossegue, pista após pista, como se estivesse a cortar relva. Depois de acabar uma linha, sacode a lâmina cuidadosamente debaixo de água, até ela ficar limpa. Restos de espuma e pêlos nadam à superfície da água. Não demora muito até ambas as pernas ficarem depiladas. Ele diz-me então para deixar ficar os braços assim. Ah, então agora é a vez dos sovacos. Mas então quando é que ele me começa a rapar a ratinha? Se é que está a pensar fazê-lo.

Ele molha-me os sovacos com água e espreme aquela espécie de *chantilly* lá para dentro. Debaixo dos braços é um pouco mais difícil, porque os pêlos são mais longos. Ele tem de passar várias vezes com a lâmina pelo mesmo sítio, até conseguir eliminar todos os pêlos. As minhas axilas também são muito fundas, por isso ele tem de alisar a pele com os dedos em várias direcções, para poder trabalhar sobre uma superfície lisa. A lâmpada que tem na testa projecta um círculo de luz na minha pele. Quando ele aproxima a cabeça, para ver melhor, o círculo torna-se pequeno e muito claro. Quando se afasta projecta numa superfície maior uma luz

difusa. O círculo ilumina exactamente o ponto para o qual ele está momentaneamente a olhar. A claridade do círculo revela a intensidade do seu olhar. Eu vejo o círculo de luz dançar frequentemente nas minhas mamas. Mais na da direita, com o mamilo tipo língua de cobra. E na ratinha. O que ainda não fez foi encadear-me. Parece que a cara não lhe interessa. Depois de ficar tudo rapado e lisinho, lava-me as axilas com as mãos cheias de água, para limpar a espuma, e seca-me cuidadosamente com uma toalha. Sorrimos um para o outro.

– Então e agora... – digo, fazendo uma festinha na minha ratinha peluda.

– Hummm.

Ele mergulha as duas mãos na água e

molha uma generosa superfície da parte inferior do meu corpo. A partir do umbigo para baixo, depois ainda um pedaço das coxas, para a direita e para a esquerda, e entre as pernas, passando pelos lábios da vagina até ao orifício do rabo e por aí adiante, até ao princípio da racha do cu. A couve-flor é examinada com muita atenção. Um autêntico percurso de obstáculos depilatório. E toca de espremer a espuma na pele húmida. Sinto um fervilhar agradável nos lábios da vagina. *Crrrcht*. Depois massaja-me um pouco, para que a pele absorva a espuma, e pega na lâmina. Começa pela coxa. Os pêlos púbicos que aí crescem, em direcção às pernas,

são rapidamente rapados. Depois poussa a lâmina por baixo do umbigo e pára. Afasta-se um pouco, para ter uma visão mais alargada da zona, franze o sobrolho e diz muito sério:

– Acho lindo que eles cresçam tanto aqui para cima. Vou deixá-los ficar. Desbasto um bocadinho aqui dos lados, de modo a ficarmos com uma longa faixa escura até à fenda; a partir daí debaixo e até lá atrás rapo tudo.

Enquanto fala não me olha nos olhos, é como se explicasse tudo à minha passarinha.

E ela responde:

– De acordo.

Ele começa então a cortar uma faixa de relva de cada um dos lados. Até ao

sítio onde se abre a cortina que cobre os biscoitos de baunilha deixa o penteado crescer em bico para cima. Agora vai ter de se atirar aos lábios da vagina. Finalmente. Ele inclina-se e enfia a cabeça entre as minhas pernas. Isso permite-lhe obter uma iluminação perfeita da minha ostra. De certeza que está para ali a brilhar como uma lanterna peluda. O interior incandescente. Com todo o cuidado e esmero, começa então a rapar-me os biscoitinhos de baunilha. A uma certa altura, tem de os afastar para o lado, para prosseguir a tarefa na parte interna. Tudo com muito jeitinho e dedicação, fenda após fenda, reentrância após reentrância. Até a espuma ter

desaparecido por completo. Eu quero é que ele me foda. E é o que vai acontecer, de certeza, quando acabar a função depilatória. Mais um bocadinho de paciência, Helen. Ele pede-me para manter as pernas abertas, mas para levantar os joelhos, para que possa chegar ao cu. E pergunta-me se aquela coisa que tenho no rabo me dói.

– Não, não, são só hemorróidas reviradas para fora. Acho que podes passar a lâmina com cuidadinho.

Lá atrás tenho muito menos pentelhos. Ele passa um par de vezes para cima e para baixo com a máquina pela fenda do rabo e uma vez em círculo, em torno do perineu. E pronto. E uma vez mais sou lavada com a água, entretanto já morna,

do alguidar e cuidadosamente secada. Durante a depilação das pregas e rachas a minha passarinha produziu muitas e abundantes secreções, que se misturam agora com a água com que o Kanell me lava. Ele bem a seca com a toalha, mas logo a seguir ela recomeça a escorrer.

– Não me queres foder agora?

– Não, tu és demasiado novinha para mim.

Mantém-te calma, Helen. Senão, aquela sensaçõzinha fixe lá em baixo desaparece.

– É pena. Posso então foder-me a mim própria aqui? Ou vai ser preciso ir para casa para me vir?

– Podes vir-te aqui à vontade. Tenho

muito prazer em convidar-te.

– Dá-me a *gilette*.

Eu agarro-a pelo lado das lâminas e enfito o cabo na minha passarinha extra-húmida. Até nem está assim tão frio como pensava. A mão do Kanell esteve a aquecê-lo aquele tempo todo.

Com movimentos rítmicos vou enfiando e tirando o cabo. Faz-me lembrar os dedos de um miúdo de catorze anos. Vou esfregando o cabo entre os lábios da vagina cada vez com mais força. É o mesmo movimento que fazemos quando cortamos pão. Pão duro, claro. P'rá frente, p'ra trás, p'rá frente, p'ra trás. E serra que serra e volta a serrar. Cada vez mais fundo.

Kanell fica a observar-me.

– Podes pôr-me essa lâmpada na cabeça? Também me quero iluminar.

Ele enfia-me o elástico pela cabeça, até a lâmpada ficar mesmo a meio da minha testa. Estou a olhar para a minha passarinha completamente iluminada. Kanell vai-se embora. Porra, que a depilação me deixou de cabeça perdida. Pouso a *gilette* na barriga e acaricio com ambas as mãos os lábios pelados da minha coninha. Meu querido deus inexistente, como são macios. Macios como o couro do cavalo de arção. Como caroços. Tão macios que quase já não os sinto com os meus dedos. Esfrego-os cada vez com mais força. E venho-me.

E agora? Estou completamente suada e ofegante. Está muito quente aqui. Onde é que se meteu o Kanell? Visto-me. Ainda fiquei com mais calor. Ele aparece e pergunto-lhe:

– Queres voltar a fazer isto?

– Com todo o gosto.

– Quando?

– Todos os sábados, depois do teu trabalho.

– Bom. Então vou ter sempre uma semana para deixar crescer os pêlos o mais possível para ti. Hei-de esforçar-me. Até sábado.

Essa foi a primeira vez que eu me rapei. Ou que me raparam. Pronto: a minha primeira depilação. Desde então,

vemo-nos quase todas as semanas. Às vezes ele não me abre a porta. Ou não está lá. Então tenho de andar duas semanas sem depilação, com os pêlos todos a crescerem. Acho horrível. Ou completamente pelada ou bem peluda. E depois fico cheia de comichão. Quer dizer, se ele não faz nada, lá tenho de meter eu mãos à obra. Mas nem se compara, ele é muito melhor. Aquele esmero, aquele carinho...

Rapar-me a mim própria é uma parvoíce, porque nesse aspecto estou mal acostumada. Estou habituada a ser rapada. Acho que se os homens quiserem mulheres rapadas, devem ser eles a assumir a depilação. E não deixarem o trabalho todo para as

mulheres. Sem os homens as mulheres estavam-se nas tintas para os pêlos. Agora se ambos se raparem mutuamente conforme gostarem mais, então esse é o melhor aquecimento que posso imaginar. E cada um faz ao outro o penteado que o põe mais acelerado. É melhor do que desejar tudo do outro e ter de andar a explicar e a ouvir explicações. Só dá é chatices.

Eu cá corto tudo a eito. Rapo-me num instante, é passar a máquina por cima e já está, lâmina para que te quero... Depois fico quase sempre a sangrar, e os poros abertos inflamam-se. Quando o Kanell vê aquilo chateia-se, porque não é assim que as coisas se fazem. Mas é

que afina mesmo. Embora, para dizer a verdade, não seja nem por sombras tão bruta comigo própria como o cavalheiro que me rapou o cu antes da operação.

Entra uma enfermeira. Pena não ser o Robin. Que se lixe, também lhe posso perguntar a ela.

– Como é que faço quando tiver de evacuar?

É assim que se diz, não é? Pois, depende da pessoa com quem esteja a falar, até me posso exprimir num tom elevado.

Ela explica-me que, sob o ponto de vista médico, até é desejável que eu cague o mais depressa possível. Para que nem sequer surja uma inibição de cagar. Explica também que a ferida deve sarar com o evacuar diário, para que tudo cicatrize como deve ser e seja capaz de se dilatar. Esta gente não deve

estar a bater bem da bolinha. Ela também me diz que o Professor Notz vem já aí, para me explicar tudo ao pormenor. Depois vai-se embora. E enquanto estou aqui, à espera do Notz, entretenho-me a imaginar os vários modos de provocar uma prisão de ventre. Lembro-me de muitas possibilidades. Mas aí está o nosso homem. Cumprimento-o e olho-o bem nos olhos. É o que faço sempre quando quero intimidar alguém.

É então que reparo nas suas pestanas longas e densas. Não, não pode ser, como é que ainda não tinha reparado nelas? Talvez por estar tão ocupada com as dores. Quanto mais olho para ele, mais pestanudo ele vai ficando. Creio

que me está a explicar coisas importantes para a minha defecação, para a minha alimentação e para a minha cura. Eu não oiço uma única palavra, porque estou entretida a contar as suas pestanas. E vou fazendo uns barulhinhos, para dar a impressão de que estou a ouvir tudo. *Humm-humm*.

Umhas pestanas daquelas merecem o nome de bigodes oculares. Não gosto nada de homens com pestanas bonitas. Na verdade, até já nas mulheres isso me irrita. As pestanas são um dos grandes temas da minha vida. É que não deixo mesmo passar ninguém. Se são compridas, se são densas, de que cor, se estão pintadas com rímel, tingidas, se as

dobraram ou estão coladas com ramelas. Muitas são claras na ponta e escuras na raiz. Basta um bocadinho de rímel para ficarem logo com o dobro do tamanho. Eu própria passei muitos anos da infância sem pestanas. Quando era mais pequenina recebia muitos elogios por causa das minhas pestanas densas e longas. Ainda me lembro muito bem disso.

Uma vez, uma mulher perguntou à mamã se não era triste que a própria filha tivesse, aos seis anos, pestanas mais cerradas do que a mãe, apesar de ser visível que ela as revirava e pintava com rímel. A mamã sempre me disse que há um velho provérbio cigano: se recebermos muitos elogios por uma

coisa, ela acaba por se estragar. Foi essa sempre a sua explicação, de cada vez que eu lhe perguntava porque é que já não tinha pestanas. Mas lembro-me de uma imagem. Acordo a meio da noite, a mamã está sentada na esquina da cama, onde costuma estar sempre quando me lê histórias, segura-me a cabeça com uma mão e eu sinto um frio metálico a debicar-me as pálpebras. *Clic*. Em ambos os olhos. E a voz da mamã a dizer: «Foi tudo um sonho, filhinha.» Eu andava sempre a apalpar as pestanas cortadas. Se o provérbio dos ciganos fosse verdade, então elas teriam caído completamente. Mas também não posso culpar a mamã por isso, porque sei que

muitas vezes misturo a realidade com a mentira e o sonho. Então agora há muitas coisas que não consigo distinguir, por causa de todos aqueles anos em que consumi drogas. A festa mais louca da minha vida aconteceu quando a minha amiga Corinna descobriu que o Michael, o meu amigo *dealer* de então, tinha deixado lá em casa a caixinha das drogas. No fundo, não havia motivo nenhum para festejar. Mas é o que dizemos quando tomamos drogas: vamos festejar.

O Michael tinha todos os seus papelinhos e comprimidos e panfletos com *speed* e coca numa espécie de artigo carnavalesco: parecia uma lata de

coca-cola normal, mas com uma tampa de desatarraxar.

O Michael era um tipo meticoloso, tinha a ambição de encher a lata com drogas até esta ter o peso exacto de uma lata de cola verdadeira.

E a Corinna diz então: «Olha para isto, Helen. A lata do Michael. Achas que ele ficava chateado?» E olha para mim com um grande sorriso e o nariz enrugado, daquela maneira que indica que está mesmo, mesmo satisfeita da vida.

Faltámos à escola, comprámos vinho tinto no supermercado e deixámos uma mensagem no atendedor de mensagens do Michael: «No caso de andares à procura da cola-cola, nós encontrámos

uma grade cheia no quarto da Corinna. Não te zangas por começarmos já a beber antes que chegues, pois não?»

Nós éramos especialistas em deixar péssimas mensagens crípticas pelo telefone. Quando se toma drogas fica-se paranóico e confundimo-nos a nós próprios com o *Scarface* e pensamos que andam atrás de nós e que estamos sob escuta o tempo todo, e estamos quase a ser apanhados numa rusga, e presos e levados para o tribunal, onde o juiz então pergunta: «Olhe lá, Helen Memel, então diga-me o que significam as palavras ‘detergente’, ‘*pizza*’ e ‘pintura’?» Durante todo este tempo não lavou, não comeu *pizza* e também não

andou a pintar. Você não só esteve sob escuta, como também andou a ser seguida.»

Depois começou a nossa luta contra o tempo. O objectivo era meter o máximo de drogas possível, antes que as primeiras comesçassem a fazer efeito e antes que o Michael aparecesse. Tudo aquilo que não conseguíssemos engolir, teríamos de devolver. Começámos às nove da manhã, sempre com dois comprimidos ao mesmo tempo, empurrados com quantidades industriais de vinho tinto. Como achámos impróprio *snifar speed e coca* àquela hora matinal, fizemos umas bombinhas com papel higiénico.

Vai daí, cada uma esvazia meio panfleto, portanto meio grama, para um pedaço de papel higiénico, trata de o enrolar, com todo o amor e carinho, e emborca-o com uns belos goles do tintol. Bem, se calhar, cada panfleto tinha menos de um grama: o Michael era bom negociante e aldrabava toda a gente nas quantidades. Para ganhar mais, claro. Uma vez cheguei a pesar aquilo que, supostamente, devia ser um grama. O tanas é que era. Mas também não podemos ir logo queixar-nos à polícia, não é? São as desvantagens do mercado negro, ali não há protecção ao consumidor.

De qualquer forma, esse tipo de

bombinha é muito difícil de engolir. É preciso ter prática. Se andarmos a salivá-la no fundo das goelas, o papel acaba por desfazer-se e ficamos com aquele sabor amargo lá atrás, na língua e no palato. Há que evitar isso.

Provavelmente, todo aquele efeito começou devagar. Só me consigo lembrar dos pontos altos. Rimo-nos o tempo todo e andámos a contar histórias sobre um paraíso de drogas. A uma dada altura, apareceu o Michael para vir buscar o seu produto e andou por ali a barafustar. E nós numa risota pegada. Ele disse que se não morrêssemos com a quantidade que tínhamos metido, íamos ter de pagar tudo. Nós rimo-nos às gargalhadas nas barbas dele.

Mais tarde vomitámos. Primeiro a Corinna e depois eu, por causa do barulho e do cheirete. Num grande balde de limpezas branco. O vomitado parecia sangue, por causa do vinho tinto, mas demorou muito tempo até percebermos isso. E depois havia ainda todas as pílulas não digeridas a nadarem naquela sopa. Achámos que era um desperdício imperdoável.

Eu: «Meia, meia?» E a Corinna: «Sim, primeiro tu!» E foi assim que, pela primeira vez na minha vida, bebi litros e litros do vomitado de uma outra pessoa. Misturado com o meu próprio vomitado. Em grandes goles, uma vez eu, uma vez ela, até esvaziarmos o

balde.

Num dia assim creio que morrem muitos neurónios. E no meu caso concreto, esta e outras festas do género deram-me cabo da memória. Há ainda uma outra lembrança que eu não sei se é mesmo uma lembrança. Um dia, chego a casa, vinda da escola primária e ponho-me a chamar pelos meus pais. Ninguém responde. Então, penso: não está cá ninguém.

Vou à cozinha e vejo a mamã e o meu maninho deitados no chão. De mãos dadas, a dormir. O meu irmão tem a cabeça apoiada na sua almofada com o Winnie the Pooh, enquanto a da mamã repousa sobre um pano de louça verde-claro, muito bem dobradinho.

O fogão está aceso e cheira a gás. O que é que se faz numa situação dessas? Vi uma vez num filme alguém provocar uma faísca e a casa foi toda pelos ares. Portanto, temos de nos esgueirar, com todo o cuidado, até ao fogão e fechar o gás. A seguir, abri a janela e chamei os bombeiros. Não me lembrei do número para chamar uma ambulância. Eles vêm buscá-los aos dois, que continuam a dormir, e eu posso acompanhá-los. Duas ambulâncias. Uma verdadeira coluna familiar. Com os rotativos acesos e a sirene a tocar. No hospital fazem-lhes uma lavagem ao estômago e o papá vai lá ter directamente do trabalho.

Ninguém na família falou no assunto.

Pelo menos comigo ninguém falou. É por isso que eu não tenho a certeza se sonhei com a cena, ou a inventei, ou a imaginei durante tanto tempo, até que se tornou realidade. Não me admirava nada.

Eu fui instruída pela mamã para ser uma óptima mentirosa. A perfeição vai ao ponto de acreditar em todas as mentiras que invento. Às vezes, é um óptimo entretenimento. Já outras vezes, deixa uma pessoa completamente confusa, como neste caso. No fundo, até podia perguntar à mamã: «Ouve lá, tu cortaste-me mesmo as pestanas por inveja?» E outra: «É verdade que uma vez te tentaste matar, a ti e ao mano?» E já agora: «Porque é que não me quiseste levar convosco?»

Nunca consigo encontrar o momento apropriado.

Seja como for, as minhas pestanas lá acabaram por voltar a crescer e eu sempre tratei de as tingir, revirar e pintar, para tirar o maior efeito delas e deixar a minha mãe cheia de inveja, caso se trate mesmo de uma lembrança. Quero que as minhas pestanas verdadeiras se pareçam, em baixo e em cima, com aquelas pestanas grossas artificiais que se colavam nas pálpebras nos anos 60. Eu misturo qualidades diferentes de rímel, do rasca e do caro, para obter o tal efeito *non plus ultra*. O melhor é mesmo empastar as pestanas com a ponta da escovinha, onde se

acumula mais rímel. O objetivo consiste em que cada pessoa pense, já a um quilómetro de distância: «Olha, lá vem um belo par de pestanões ambulantes.»

A publicidade das marcas de rímel assegura sempre que elas não empastam e que a escova consegue separar muito bem os cílios das pestanas, para que não fiquem pegajosas. Isso para mim é argumento mais do que suficiente para não comprar aquela marca. Quando os meus familiares e vizinhos se aperceberam de que eu nunca limpo o rímel dos olhos, mas que, antes pelo contrário, o reforço, dia após dia, começou a histeria.

«Se não limpares as pestanas estás a

impedir que a luz e o ar passem e elas acabam por apodrecer e cair!» E eu na minha: «Pior do que antes também não podem ficar.» Depois também inventei uns truques óptimos para evitar que a água nunca entre em contacto com as minhas pestanas carregadas de rímel. Depois de ter tido tanto trabalhinho e gastado tanta guita com as minhas ricas pestanas, não vou borrar a pintura toda de cada vez que tomo um duche. Além disso, quando um rímel assim acumulado durante meses e amolecido por água quente nos entra pelos olhos adentro, arde como o caraças. E há que impedir isso a todo o custo. Por isso, vou tomando o duche por etapas.

Primeiro lavo o cabelo no lavatório e enrolo-o numa toalha turca, das mãos, para evitar que me escorram pingos para os olhos. Depois tomo um duchezinho do pescoço para baixo. Houve uma altura em que me esqueci do pescoço e quando dei por isso tinha uns anéis encardidos a marcar-me as três pregas.

Quando esfregamos então a pele do pescoço com os dedos formam-se uns pequenos chouricinhos escuros e pegajosos com um cheiro semelhante ao do pus. Portanto, ou nos lavamos do pescoço para baixo, ou nos esfregamos regularmente, para limpar os chouricinhos das pregas do pescoço. O importante é que a cara nunca entre em contacto com a água. Há anos que não

mergulho, nem na banheira nem na piscina da escola. Para isso tenho de entrar na água pelas escadas, como uma avozinha, e só posso nadar de bruços, uma vez que em todos os outros estilos de natação o rosto acaba por mergulhar, completa ou parcialmente, na água. Se alguém se meter comigo e me quiser pregar uma amona eu transformo-me numa autêntica fúria e grito e imploro e explico-lhe que fico com as pestanas todas estragadas. Até agora deu sempre resultado.

Há anos que não vejo a água por baixo. É claro que isso também quer dizer que nunca lavo a cara. Até porque isso é algo que, na minha opinião, é

totalmente sobrevalorizado. Então quando tiramos a maquiagem com os cremes e o algodão não estamos também, de certa maneira, a lavar a cara? Mas claro, há que manter a devida distância em relação às pestanas. Como disse, já há muitos anos que faço isso. E até agora só uma ou outra pestana ficou presa à pinça para dobrar. Mas voltou sempre a crescer. Com isso consegui provar que as pestanas não caem logo só porque uma pessoa não tira o rímel todas as noites.

O meu ex-namorado Mattes viu-me uma vez a dobrar as pestanas e perguntou-me se uma série de pestanas daquelas não tinham mais ou menos o comprimento de um lábio vaginal

interno.

– Sim, mais ou menos.

– E tu tens duas dessas pinças?

– Tenho.

Uma dourada e outra prateada.

Vai daí, ele foi logo deitar-me na cama, com as pernas abertas. Afastou os biscoitinhos e separou cuidadosamente com a pinça as cristas de galo, para os lados. Assim, conseguia manter os lábios interiores afastados do buraco e olhar bem lá para dentro. Parecia aquela cena dos olhos do chefe do bando, com a música do Beethoven no filme *Laranja Mecânica*. Depois disse-me para os segurar e manter afastados, para ficar bem entesada. O Mattes quis logo foder-

me ali e depois ejacular nos lábios repuxados, mas primeiro tinha de tirar uma fotografia, para que eu visse como a minha ratinha era bonita, assim toda escancarada. Até batemos palmas de entusiasmo. Quero dizer, bateu ele, eu tinha as mãos ocupadas.

Se esticarmos muito bem essas pregas da pele enrugadas, obtemos, de facto, uma superfície do tamanho de um cartão postal. O bom do Mattes acabou por se afastar de mim, mas a sua bela ideia ficou.

Eu gosto da sensação que tenho quando afasto os lábios vaginais com a pinça das pestanas, até eles ficarem, vistos da minha perspectiva, como asas de morcegos. Será por isso, talvez, que

são tão grandes e salientes? Não, creio que eles sempre foram assim, compridos e grandes e pregueados num tom rosa acinzentado. Tudo isso me passa pela cabeça enquanto escuto, sem ouvir, o Prof. Dr. Notz. Agora ele quer despedir-se.

Mas eis que intervém a Helen triunfante, com as suas fotos do próprio cu.

Quero que ele me explique onde é que fica a parte de cima e a parte de baixo. Por mais que eu olhe e volte a olhar, vire e revire as fotografias, não consigo descobrir o olho do cu em parte alguma.

Ele olha e desvia imediatamente o olhar. Está com nojo do resultado da sua

própria operação. Já antes não me queria explicar o que tencionava fazer.

– Diga-me, pelo menos, em que posição é que tenho de segurar a máquina, para saber qual é o aspecto que tenho.

– Isso também não lhe posso dizer. Na minha opinião, a fotografia foi tirada demasiado perto. Nem eu próprio consigo perceber como deve ser vista.

Parece fulo. Está a passar-se, ou quê? Então não foi ele quem me fez este trabalhinho? Eu não andei lá a escarafunchar no cu dele. Na minha modesta opinião, sou eu a vítima e ele o culpado.

É espantoso: só consegue olhar de relance para a fotografia e depois afasta

logo o olhar. Só espero que na sala de operações consiga olhar durante mais tempo para estas feridas. Vejam bem que atraso de vida me saiu na rifa! Ou será que entra num outro mundo sempre que abre as portas da sala de operações? Se calhar aí consegue ver tudo nas calmas e só depois é que não quer que o confrontem com aquilo?

Como um daqueles que vai a uma casa de putas e ensaia os números mais escabrosos e íntimos, sempre com a mesma puta, mas quando a encontra na rua vira logo a cara e fica a assobiar de fininho para o lado.

Pois, não se pode dizer que o Notz tenha cumprimentado com carinho o meu

olho do cu.

Na verdade, nem sequer olha para ele.

Vejo o pânico estampado nos seus olhos: socorro, o meu pequeno olho do cu operado pode falar, faz perguntas, fotografou-se a si próprio.

Nada disto faz sentido. O homem simplesmente não sabe como é que se fala com uma pessoa que acaba de ser operada ao cu. – Muito obrigada, Sr. Notz.

Isso significa que ele deve dar de frosques. Deixei propositadamente de fora todos os títulos académicos. E resultou. O gajo deu mesmo à sola.

Com que então, depois da operação e da explicação do Dr. Notz, toca a cagar e rir que a vida é bela, se não dermos cabo dela. Houve uma frase que eu ouvi com atenção, no meio do seu longo discurso: só recebo alta do hospital quando tiver umas bem sucedidas fezes sem vestígios de sangue. Na sua opinião, é esse o indicador de que a operação teve sucesso e tudo está sarado.

Desde então, não param de chegar pessoas que nem sequer me foram apresentadas, para me perguntarem se já fui à casa de banho. Nããã, ainda não! O medo da dor parece inultrapassável. Só de imaginar ter de espremer um

cagalhão duro através daquela chaga aberta, credo nosso senhor, o que é que me vai acontecer? Rebentava de certeza.

Desde a operação que só me dão *muesli* e pão integral. Dizem-me para não amolecer demasiado os cereais no leite. O que se pretende é que eles cheguem o mais possível secos ao estômago e ao intestino, para que aí absorvam os sucos, se dilatam e depois pressionem as paredes do intestino, sinalizando que querem sair.

Parece que isso serve para potenciar até ao infinito o impulso para cagar. Pois, lançam a bomba por cima e cá em baixo o medo aperta-me até mais não poder. Já sei que não vou conseguir

cagar durante os próximos dias. Faço como a minha mãe: espero até que se dissolva tudo lá dentro.

Será que podemos comer *pizza*, enquanto estamos à espera para evacuar? Nem sequer pergunto e decido que para a cura anal há que comer normal. É importante ingerir coisas de que uma pessoa goste. Telefono ao Marinara, o meu serviço de entregas ao domicílio preferido. O número sei-o de cor, é tão fácil de decorar como aqueles números para telefonemas de sexo. Até já me está a crescer água na boca, mas claro que não deixo que isso se note. Tento ser tão áspera quanto possível:

– Uma *pizza funghi*. E duas garrafas

de cerveja Pilsen. Hospital Mariahilf, quarto 218. O meu nome é Memel. E rápido, não quero que chegue cá fria. Dirijam-se à recepção, eles ligam cá para cima. Pronto, adeus.

E acabou-se o falatório.

Há aquela história contada desde sempre e que me tem dado tanto que pensar: duas miúdas telefonam a mandar vir uma *pizza*. Esperam e esperam, mas a *pizza* não chega. Telefonam umas quantas vezes a queixarem-se, até que, finalmente, a *pizza* lá acaba por chegar.

Mas é um bocado esquisita e tem um sabor estranho. Por acaso, uma das raparigas é filha de um técnico de controlo de qualidade alimentar, pelo

que, antes de morfarem tudo, embrulham os restos num saco e levam-no ao paizinho.

Até aqui, todos pensam ainda que a *pizza* está estragada, ou qualquer coisa do género. Mas depois das análises de laboratório vêm a descobrir-se cinco espécies de esperma diferentes. E eu reconstruo os acontecimentos da seguinte maneira: os tipos do serviço de entregas andam lixados com os constantes telefonemas. Como as queixosas são raparigas, desenvolvem logo fantasias de violação. Normal, não é? Discutem o assunto, engendram um plano e puxam das pilas para baterem uma bela pívia em cima da *pizza*. Os

tipos que andam com a mão na massa é que vêem as pichas dos colegas. E não se pense que as vêem murchas, em estado normal. Não senhora, vêem-nas tesas, em perfeita erecção, enquanto eles batem as punhetas e se estão a vir. É por isso que eu invejo os homens. Eu também gostava de ver as passarinhas das minhas amigas e colegas de escola. Não me importava nada de as ver todas a virem-se. Mas isso é muito raro, e também não me atrevo a perguntar se elas alinham numa cena dessas.

Eu só vejo os mangalhos dos homens com quem fodo e as ratas das mulheres a quem pago.

Acho que tenho o direito de ver um pouco mais da vida!

É por isso que costumo alinhar em jogos do tipo assaltar piscinas públicas, para nadarmos nus e completamente bêbedos, depois de vir da discoteca.

No fundo, toda aquela treta da violação do domicílio até me incomoda bastante. Mas assim, ao menos, sempre nos é dado a apreciar umas coninhas e uns caralinhos estranhos.

Bom, de qualquer maneira sou sempre muito antipática quando encomendo uma *pizza*. E telefono a queixar-me, mesmo que não tenha passado muito tempo. Adorava comer uma *pizza* regada com cinco qualidades de esperma diferentes.

Caramba, deve ser qualquer coisa como ter sexo com cinco desconhecidos

ao mesmo tempo. Vá lá, sexo directamente não. Mas é como se cinco estranhos ejaculassem em sincronia para a minha boca. Nada mau para a biografia, não é? *Chapeau* para quem tenha feito a façanha.

Como não posso andar, também não posso ir buscar a *pizza*. Devia ter perguntado antes. Merda. Agora vão descobrir. Não pode ser, tenho de pedir a alguém que me vá buscar. De certeza que não é o homenzinho da recepção que vai andar por aí a distribuir *pizzas*. Tem de vir o Robin. A campanha de emergência. Será abuso? Que se lixe.

Entra um outro enfermeiro. Na etiqueta do nome está escrito Peter. Não

consigo evitar o riso. É que eu gosto do nome Peter. Tive uma vez uma história com um. Baptizei-o com o nome de «Peter Mijado». Era um ás a lamber. Ficava ali horas, todo entretido entre as minhas pernas. Tinha uma técnica especial.

Entalava as cristas de galo entre os dentes e a língua e depois tratava de esfregar com a língua. Para cima e para baixo. Ou então avançava a toda a largura da língua e montes de cuspo, do olho do cu para a trombinha perlada e novamente para baixo. Com toda a força e sem deixar escapar uma única racha.

Ambas as técnicas eram excelentes. Vinha-me quase sempre várias vezes. Uma vez fiquei mesmo tão doida que lhe

mijei na cara. Primeiro ficou lixado, porque pensou que eu tinha feito de propósito. Também se compreende, é um bocado humilhante, o rapaz está ali ajoelhado e depois acontece aquilo.

Eu sequei-o com uma toalha e pedi-lhe desculpa. Mas achei que devia ter ficado orgulhoso, porque até então ninguém tinha conseguido isso comigo, fazer-me vir de uma tal maneira que perdi o controlo da minha bexiga. E nem sequer estava bêbeda ou coisa assim.

Depois também ele acabou por ficar muito orgulhoso. Nesse dia fiquei a saber, pelo Peter Mijado, que o mijo deixa os olhos a arder imenso. Algo digno de ser apontado no Livro da

Minha Vida. De que outra maneira poderia vir a saber uma coisa dessas?

– Onde é que está o Robin?

– Mudança de turno. Eu faço o turno da noite.

Já é tão tarde? Então um dia no hospital passa assim tão depressa? De facto, já escureceu. Estou-me a passar. Pois muito bem, até nem é nada mau aqui, Helen, o tempo voa enquanto tu andas a brincar na tua cabecinha.

– Então, em que posso ajudar?

– Queria pedir um favor ao Robin, mas contigo ainda não

tenho a confiança necessária. Ainda não nos conhecemos.

Desta vez, passo por cima do «você», acho despropositado

nesta situação desavergonhada em que me encontro. É esquisito tratar o outro por você quando se está deitada de cu ao léu. – E que favor?

– Eu encomendei uma *pizza*, deve estar quase a ser entregue lá em baixo, na recepção, e eu não a posso ir buscar. Preciso que alguém vá lá e que ma traga cá para cima.

Pode ser que um auxiliar como este não se interesse pela alimentação adequada e a minha asneira consiga passar despercebida.

– Mas depois da operação não devias comer alimentos ricos em fibras? *Muesli*? Pão integral?

Merda.

– Sim. Pois é. E a *pizza* não tem fibras?

Ótima ideia. Armar-me em parva.

– Não. É antes contraproducente.

Contraprodução. Esta gente aqui só tem mesmo merda na cabeça. Nisso estou eu à vontade.

– Mas também é importante comer coisas que o estômago já conhece. Mudanças repentinas de alimentação também não são boas para a digestão. Vá, faz lá o favor.

O telefone toca.

Eu atendo.

– A *pizza* já chegou?

Afasto o auscultador e sorrio para o Peter erguendo as sobrancelhas, em jeito

de pergunta.

– Está bem, eu vou buscar-ta. Já vais ver a chatice que arranjas – diz ele com um sorriso bonito, antes de se ir embora.

– O auxiliar Peter vai aí buscá-la. Não a entregue a mais ninguém. Obrigada.

Tenho sorte com os meus auxiliares de enfermagem. Gosto muito mais de auxiliares do que de enfermeiras.

E cá estou eu, à espera do Peter.

Lá fora está escuro. Vejo-me reflectida no vidro. A cama é muito alta, para que o pessoal não arranje problemas na coluna, cada vez que tem de levantar um doente. E a vidraça ocupa toda a frente, do tecto até quase ao chão, até ao aquecimento. Um enorme

espelho, quando lá fora está escuro e as luzes do quarto estão acesas. Afinal, talvez nem sequer precisasse da máquina fotográfica. Viro o meu cu para o vidro e a cabeça o mais possível na mesma direcção. Mas vejo tudo bastante desfocado. Claro, são vidros duplos, que reflectem duas vezes com uma leve distorção. Pronto, já estou mais descansada, sempre foi boa ideia mandar vir a máquina. Mas durante a noite podia ficar deitada com o cu voltado para a porta e, mesmo assim, ver quem entra, sem ter de me virar. Acho óptimo. Será que me podem ver lá de fora? Oh, que se lixe! Todos sabem que isto aqui é um hospital, de fora não

há que enganar. O mais que podem pensar é que está ali uma pobre miúda meio doida, que, sob a influência de comprimidos, vira o cu para a janela. E ficam cheios de pena, o que é óptimo.

Mais algum tempo aqui no hospital e fico uma autêntica nudista. O que até nem é algo que me atraia. Bem, lá ter a passarinha ao léu até gosto. Sempre. Mas não estas cenas de cus.

Aqui estou eu, esparramada e a descoberto, com tantas dores no cu que não me atrevo a tapar-me. Qualquer um que entre vê esta ferida aberta e um pedaço da minha ameixa. Pois, não tarda que todos se habituem. Sou a doente do cu estraçalhado. Vê-se logo à distância, e é como tal que me comporto.

O facto de eu ser tão saudável nas questões da pardala e geralmente tão stressada nos assuntos do «sim senhor» tem que ver com o gigantesco problema com o cagar que a minha mãe me arranjou. Quando eu era miudinha ela passava a vida a dizer-me que nunca fazia serviço grande. Também nunca se peidava. Retinha tudo, até tudo se dissolver. Ora pois, assim também não é de admirar!

Por causa dessas histórias fico completamente envergonhada quando alguém me ouve ou cheira quando estou na retrete. Numa casa de banho pública, mesmo quando vou só fazer chichi, ou quando me descuido e deixo escapar um

traque, ao relaxar os músculos lá de baixo, é certo e sabido que tento impedir a todo o custo que a mulher que está na cabina do lado venha a conhecer a cara que corresponde ao ruído. O mesmo acontece em relação ao cheiro da minha caca. Se o trânsito nas cabinas que me rodeiam for intenso e eu larguei uns peiditos, fico quietinha que nem um rato no meu lugar, até as testemunhas desaparecerem todas. Só então é que me atrevo a sair.

Como se fosse uma defecocriminosa. As minhas colegas da escola fartam-se de gozar comigo por causa das minhas vergonhas exageradas.

Eu também não mudo de roupa assim nas calmas lá no meu quarto. As paredes

estão cheias de cartazes da minha banda preferida. E porque, quando estavam a ser fotografados, todos olhavam para a máquina, uma pessoa fica com a sensação de que eles nos perseguem com os seus olhares. Por isso, quando quero mudar de roupa no meu quarto e eles podem espreitar-me para a ratinha ou para as mamocas, eu escondo-me atrás do sofá. Quando se trata de rapazes e homens verdadeiros já me estou nas tintas.

Estão a bater à porta. É o Peter que entra. Pousa o cartão com a *pizza* no armário de cabeceira metálico e coloca ao lado as duas garrafas, uma de cada vez, lentamente e com um pouco de

força a mais. Tudo muito juntinho, não cabe mais nada.

Enquanto faz isso, não deixa de me olhar bem nos olhos. E eu não desvio o olhar. Sou especialista nisso. Acho que está contente por poder tratar de alguém da sua idade. Então, claro, também deve ser fixe para ele.

– Queres uma das cervejas?

– É simpático da tua parte, mas estou de serviço. Se sair daqui a cheirar a cerveja é o fim do mundo.

Detesto que me digam não. Também me podia ter lembrado que ele aqui está proibido de beber. Que vergonha, Helen, já disseste outra vez um disparate. Isto aqui é um hospital, não é uma casa de putas.

O seu olhar afasta-se. Está a olhar lá para fora? Oh não, de certeza que descobriu a imagem reflectida da minha ameixa. Lá fora não se consegue ver nada. Ótimo. Belo começo do serviço nocturno. Pronto, já estou a ver que com o Peter também me entendo.

– Bem, obrigada. Vou então comer.

Ele sai. Eu abro a caixa de cartão e fico a olhar para a minha *pizza*. Como é que a vou comer sem talheres? Os tipos do Marinara nem sequer se deram a trabalho de me cortar em fatias. Não me digam que vou ter de a morfar como um bicho, dentada a dentada. De repente, o Peter entra novamente. Com talheres. E volta a sair com um sorriso estampado

no rosto. E ei-lo que entra de novo. Outra vez, Inês? Traz na mão um saco de plástico com um autocolante de papel onde está escrita uma coisa qualquer.

– Está aqui escrito que te devo entregar isto. Deve ter que ver com a operação. Sabes do que se trata? Tinhas contigo qualquer coisa e agora eles querem devolvê-la?

– Queria ver a cunha que eles me cortaram. Não admito que me cortem um pedaço de carne, enquanto estou inconsciente, e depois nem sequer tenho o direito de o ver, só porque o deitam logo ao lixo.

– A propósito de lixo. Sou eu o responsável por garantir que este saquinho com o seu conteúdo vá parar

ao lixo contaminado do hospital.

Pelos vistos, cá o nosso Peter é um rapazinho muito consciencioso. Leva as suas tarefas sempre muito a sério. E depois exprime-se daquela maneira tão formal, diz logo «sou o responsável» e tretas dessas. Também podia dizer «tenho de levar isso para lá», ou assim. Soava melhor, como uma pessoa e não como um *robot*, que está programado para repetir tudo. Ele entrega-me o saco e fica à espera. Mas está com pouca sorte, porque eu só o abro quando estiver sozinha. Agora tenho o saco nas mãos e fico a olhar para o Peter, até ele sair. E a *pizza* a arrefecer. Que se lixe, isto aqui é mais importante. Além disso,

ouvi dizer que os verdadeiros *gourmets* nunca comem as coisas muito quentes, porque caso contrário não se pode apreciar o verdadeiro sabor. As sopas a escaldar não sabem a nada. Com uma *pizza* deve acontecer o mesmo. Quando se cozinha algo mesmo mau, só precisamos de servir aquilo o mais quente possível e ninguém nota que não sabe a nada, porque toda a gente fica com as papilas gustativas escaldadas. O mesmo é válido para o outro extremo: o frio. É por isso que bebemos aquelas bebidas horríveis, como a *tequila*, quase geladas, senão nem as conseguíamos emborcar.

O saco é transparente e fechado com

um daqueles sistemas de calhas de plástico. Abro-o e lá dentro está um outro saco, mais pequeno e opaco, branco. Apalpo-o e sinto que o pedaço que me cortaram está lá dentro. Sem outra embalagem adicional. Se eu tirar isto daqui agora, borro a cama toda. Rasgo a tampa da embalagem da *pizza*. Fácilimo, até porque o cartão está perfurado a toda a largura. Deve ser a pensar em momentos como estes, quando estamos deitados na cama e precisamos de uma base apropriada para um pedaço ensanguentado de carne. Ponho o saco em cima do cartão na minha barriga. Será que preciso de luvas de plástico para tirar o pedaço? Qual quê, afinal é

uma parte do meu corpo, não posso ficar contaminada, por mais ensanguentado que esteja. Também ando sempre a mexer sem luvas no negativo deste pedaço, na ferida aberta que tenho no cu. Vamos então a isto, que se faz tarde. A sensação ao tacto é de que se trata de um pedaço de fígado, ou algo assim do género, que compramos no talho. Espalho todos os bocadinhos pelo cartão. Que desilusão: uma data de aparas, não tem nada que ver com uma cunha. Depois da descrição do Notz estava à espera de um pedaço de carne comprido e fino, parecido com um daqueles filetes de lombo de veado que a mamã faz no Outono e no Inverno, quando temos visitas. Vermelho escuro e

brilhante, antes de ser frito, e até um bocadinho escorregadio, como o fígado. Mas o que eu tenho aqui são aparas de carne para guisar, um banal *gulasch* cortado por um talhante forreta. Nalguns pedaços há umas partes amarelas, de certeza que é a infecção. Parece aquela carne mal congelada que aparece na publicidade. Claro que eles não se puseram a cortar a eito, tudo de uma vez, numa só peça, por assim dizer. Valha a verdade, também não sou um veado morto, mas sim uma rapariga viva. Pensando bem, talvez tenha sido melhor assim, aos bocadinhos, passo a passo. Um olho na infecção, outro no esfíncter. Em vez de desatarem a cortar, só para

me apresentarem depois um belo pedaço de filete anal. Acalma-te lá, Helen. As coisas acabam por sair sempre diferentes daquilo que imaginas. Bem, mas pelo menos sempre imagino qualquer coisa, visualizo tudo tintim por tintim, até ao mais ínfimo pormenor. Depois insisto, pergunto se é mesmo assim e no final fico a saber mais. Aprendi isso com o papá. Ir até ao fundo das coisas, até ao ponto em que quase sentimos vontade de vomitar. Mesmo assim, estou contente por ter podido ver estes bocadinhos, antes de eles serem queimados no crematório do lixo do hospital. Não os vou pôr outra vez no saquinho. Tapo-os com o saco e pressiono um pouco, para ficarem

colados ao plástico. Ponho o cartão que já foi tampa da embalagem da *pizza* com as aparazinhas do meu cu e o saco de plástico em cima do armário de cabeceira metálico. Tenho os dedos cheios de sangue e de nhanha. Se os limpar no lençol fica aqui uma nojeira. Na fatiota de anjinho idem, a mesma porcaria. Hum. Bem, que se lixe, sempre são pedaços do meu corpo. Mesmo que estejam infectados. Chupo mas é os dedos, um a seguir ao outro. É o género de ideias que me deixam muito orgulhosa. Sempre é melhor do que ficar aqui aflita, à espera que me venham trazer desses toalhetes húmidos para limpar as mãos. Por que carga de água é

que devo sentir nojo do meu próprio sangue e do meu próprio pus? Não costumam ser coisas que me afligem. Quando, por exemplo, espremo borbulhas e fico com o pus nos dedos, lambo-o e engulo-o com o maior dos gozos. A mesma coisa acontece com os pontos negros: quando aquela minhocazinha transparente e com a cabeça preta se contorce cá para fora, apanho-a com a ponta do dedo e como-a. Com as ramelas nos cantos dos olhos passa-se o mesmo: engulo-as todas quando acordo de manhã. E quando tenho uma crosta de uma ferida raspo sempre a parte de cima para a comer.

Como sozinha a minha *pizza*.

Nunca gostei de comer sozinha. Meteme medo. Quando metemos uma coisa na boca temos de ter alguém ali para dizer a que é que ela sabe, não é?! Já estou a sentir outra vez aquelas pontadas no cu. O que é que aprendeste, Helen? Não se deve sofrer mais do que o necessário. Ora bem, cá temos a nossa campainha de emergência. O Peter entra e eu digo-lhe que preciso de comprimidos, porque as dores estão outra vez a começar. Ele fica muito admirado e diz que na folha do relatório que lhe deixaram não estão prescritos quaisquer comprimidos para as dores durante a noite. Com um grande pedaço de *pizza* na boca eu digo:

– Sim, sim. O Robin disse-me para eu

pedir se precisasse, que vocês me davam logo.

Não, não acredito. Então agora peço a tempo e horas e não me querem dar nada para passar a noite sossegada? Socorro. O Peter sai para telefonar ao seu superior. Diz que não pode tomar decisões por iniciativa própria, se não estiver escrito na folha do relatório. O medo deixa-me com vômitos. Então eu fui operada hoje e esta gente deixa-me passar a noite sem nada para tomar contra as dores? Abro as duas cervejas com o cabo do garfo. Sou uma das poucas raparigas que conheço que sabe fazer isso. É prático. Nós, gajos das obras, mamamos cerveja e comemos as sobras. Bebo as cervejas, uma a seguir à

outra, o mais rápido possível. O cu está cada vez pior e a barriga ficou gelada com a cerveja.

Peter, Peter, Peter, despacha-te. Traz-me lá os comprimidos, homem. Fecho os olhos, as dores aumentam, estou toda contraída. Não é nada que eu não conheça. Cruzo as mãos no peito e transformo-me, toda eu, no meu cu.

Oiço-o entrar. Com os olhos ainda fechados pergunto-lhe se me trouxe os comprimidos.

– Que comprimidos?

É a voz de uma mulher.

Abro os olhos e vejo uma mulher. Com aquela farda de enfermeira de hospital, mas de uma cor completamente diferente das que vi até agora. As das outras são azul-claras, a dela é verde-claro. Deve tê-la lavado na máquina com a roupa errada.

— Boa noite. Desculpe tê-la incomodado a esta hora. A visita hoje demorou mais do que o costume. Sou um «anjo verde».

Como? Esta voou de certeza de um ninho de cucos. Deve ter escapado da secção de psiquiatria. Fico embasbacada a olhar para ela. Acho que se passou, mas cá por mim ela que pense o que quiser. Estou cheia de dores no cu.

Cada vez me dói mais. É a única coisa que tenho para lhe dizer. Uma conversa fantástica: «Eu sou um anjo verde.» «Pois, e a mim dói-me o cu.»

Continuo a olhar para ela com uns olhos semicerrados de avozinha. Acho que ela fala muito devagar, cada palavra forma como que a bolha de um pequeno eco.

– Isso quer dizer que sou uma voluntária, que tenta facilitar um bocadinho a vida aos doentes que aqui estão internados. Nós, os anjos verdes...
– Não, então não é só ela! – ... encarregamo-nos das compras dos doentes, carregamos-lhes o telemóvel, trazemos o correio e coisas assim.

Muito bem.

– Pode trazer-me comprimidos para as dores?

– Não, não temos competência para isso. Não somos enfermeiras, apesar de sermos parecidas com elas. E expira o ar com força pelo nariz. Pois, parece que é uma espécie de riso.

– Vá-se embora, por favor. Sinto muito, estou cheia de dores e à espera do enfermeiro com os comprimidos. Normalmente, sou mais simpática. Eu telefono-lhe se quiser qualquer coisa.

Ao sair, ainda pergunta:

– Para onde é que telefona?

Pronto, já passou. Silêncio.

Muito mais tempo não consigo aguentar. Inspiro fundo e deixo sair o ar

ruidosamente. A minha mão procura o monte de Vénus e encolho-me toda, até os joelhos ficarem colados ao peito. Apesar de esta posição embrionária me doer muito, permaneço assim deitada. Vá, mergulha fundo na dor, Helen. A outra mão coloco-a sobre a cratera esticada do cu. Que sítio mais horrível. Que experiência de solidão e de medo, esta cena das dores! E eu que pensava que aqui nos hospitais alemães os doentes não precisavam de suportar dores, que aqui havia sempre remédios fantásticos e à descrição para toda a gente. Volto a tocar a campainha das dores. Ao som da dolorosa, o Peter aparece logo a correr. Pede desculpa por ter demorado tanto tempo. Não

conseguia contactar o chefe. Mas descobriu que o turno do dia cometeu um erro. Deviam ter-me dado um doseador electrónico com um analgésico. O anestesista liga-nos aquilo à cânula do braço e nós próprios podemos regular a dose, carregando num botão. E eles esqueceram-se. Esqueceram-se? Estou entregue à bicharada. Esqueceram-se. E agora?

– Durante a noite, sempre que quiseres, podes tomar comprimidos fortes. Aqui tens o primeiro.

Toca a enfiar então o primeiro comprimido na boca e a engoli-lo com o último resto de cerveja choca. Peter leva a embalagem da *pizza* para o lixo.

Esqueceu-se, de certeza, que também é responsável pelo lixo tóxico. O hospital do esquecimento. Esqueceram-se dos meus comprimidos contra as dores, do meu *gulash*. Vamos lá ver do que é que se esquecem a seguir. A *pizza* de cogumelos meia comida está em cima e esconde tudo. O meu guisado de cu vai agora parar ao lixo normal. Até acho bem. Eu é que não digo nada. Ele também leva as garrafas de cerveja, com todo o cuidado, para não tilintarem uma contra a outra. Um rapazinho muito sensível, este Peter.

As dores fazem com que os músculos se contraíam nos ombros, até lá cima, às orelhas. Estão tensos como um elástico

esticado. Agora, sob o efeito do comprimido, começam a distender-se e já consigo respirar melhor. No fundo, ainda tinha de ir fazer chichi, por causa da cerveja, mas não me posso levantar. Que se lixe, quero mas é dormir.

Quando acordo ainda está escuro. Não tenho relógio. Tenho sim senhora, na máquina fotográfica há um. Ligo a máquina, tiro uma fotografia ao quarto, e quando olho pelo visor ainda lá deve estar, não deve? 2:46. Que pena, tinha esperança de que com o comprimido ia conseguir dormir a noite toda. O Peter deixou-me aqui comprimidos?

Acendo a luz. Uma claridade horrível, ofuscante, encandeia-me. Sinto tonturas. Devem ser estes comprimidos que estou

a tomar, doses de cavalo. Sinto dificuldade em pensar com clareza. Entretanto, os meus olhos já se adaptaram a esta luz de pesadelo.

Porque é que tirei uma fotografia para ver as horas, se tinha aqui à mão o telemóvel? Às vezes és mesmo esquisita, Helen. Deve ter que ver com os medicamentos. Só espero que sim. Estou a ver ali um comprimido no pequeno pires de plástico, em cima do armário metálico. Toca a emborcar. Este vai mesmo sem beber nada. Tem um sabor horrível, a químicos. Demoro uma eternidade até conseguir segregar saliva suficiente para o engolir. *Glup*. E lá se foi ele. Apago outra vez a luz e tento

adormecer de novo. Mas não funciona. Tenho a bexiga cheia. Mesmo muito cheia. Pelo menos desta vez é a bexiga que incomoda e não o cu. E depois há um barulho que me perturba muito. Um rumor que à medida que o tempo passa me parece cada vez mais ensurdecido. Vem lá de fora, creio eu. Soa como a descarga do sistema central de ar condicionado do hospital. Enquanto eu estava a dormir, dirigiram o tubo mesmo contra a minha janela. Recuso-me a ir ao quarto de banho. Tem lá santa paciência, Helen, mas vais ter de adormecer com a bexiga cheia, ou então não dormes. Tapo o ouvido com a almofada, para me livrar do rumor. A orelha de cima está tapada pela almofada, a de baixo pelo colchão.

Mas o rumor prossegue agora com a mesma intensidade dentro da minha cabeça. Fecho os olhos e tento adormecer à força. Pensa noutra coisa, Helen. Mas em quê?

Estou a sentir um cheiro qualquer.

Temo que seja gás. Ergo a cabeça e fico a farejar na escuridão. Sim, só pode ser gás. Uma fuga de gás. Quase que consigo ouvir. *Chchchchcht*. Para ter a certeza absoluta e não ter de passar por uma vergonha espero um pouco mais. Contenho a respiração. Conto uns segundos e inspiro fundo. É gás de certeza. Acendo outra vez a luz. Levanto-me. Cada movimento provoca dores. Mas agora estou-me nas tintas.

Sempre é preferível ter dores no cu do que ir pelos ares.

Saio para o corredor e chamo.

– Alô, está aí alguém?

A mamã proibiu-nos de chamar alguém com um «alô». Acha que soa como se estivéssemos a tratar um deficiente com desdém.

Excepcionalmente, escolho a palavra. Também é uma urgência, não é?!

– Alô?

Silêncio completo no corredor às escuras. Assustador, um hospital assim de noite.

Lá vem alguém da sala das enfermeiras. Onde é que estará o Peter?

– Pode chegar aqui? No meu quarto cheira a gás.

A expressão do seu rosto é muito séria. Vejo que acredita em mim. Ainda bem.

Vamos para o quarto e começamos a farejar em todas as direcções. Já não me cheira a nada. Mas aquele cheiro a gás tão forte... Simplesmente desapareceu! Nem cheira a gás, nem cheira a nada. Pronto, lá aconteceu outra vez!

– Oh não, afinal não era. Enganei-me. E arrepanho exageradamente para cima os cantos da boca.

Quero que ela pense que se tratou de uma piadinha de mau gosto.

Mas não tenho jeito nenhum para fingir. Não posso crer que voltei a cair na minha própria esparrela. Pela

centésima vez, calculo.

Ela olha para mim com ar de desprezo e vai-se embora. E tem toda a razão, não se brinca com essas coisas. Só que eu também não estava a brincar. A experiência mais horrível com o gás, para além de verdadeira, foi também lá em casa. À noite, quando estava a adormecer, tive a certeza de que cheirava a gás. O cheiro tornou-se cada vez mais intenso. E porque sei que o gás é mais leve do que o ar, embora isso seja difícil de conceber, pensei que ali, como estava, deitada na cama, ficava em segurança. A minha cama está quase ao nível do chão.

Também sei que demora bastante tempo até todos os quartos da casa se

encherem de gás e este começar lentamente a espalhar-se para baixo, a partir do tecto. Tinha a certeza de que a mamã e o meu irmão Toni já estavam mortos. Viesse a fuga de onde viesse, da cave ou da cozinha, os seus quartos já estavam cheios.

Fiquei muito tempo ali na cama, de vez em quando os olhos fechavam-se-me – por causa da falta de oxigénio, achava, mas era tudo sono –, a pensar no que podia fazer.

Pensei que se me levantasse da cama provocava uma faísca e depois era eu a culpada por toda a casa ir pelos ares e pela minha própria morte. Para os outros já não havia salvação, esses já estavam

mortos. Para eles era indiferente que a casa fosse pelos ares.

Por fim, decidi escorregar devagarinho para fora da cama e arrastar-me, colada ao chão, até lá fora.

A casa permanece em silêncio. Se conseguir sair daqui com vida só tenho o meu pai, que por sorte já não vive aqui nesta casa da morte. É a única vantagem de ter pais divorciados que consigo imaginar.

Deitada no chão, estendo a mão para o trinco da porta da entrada e abro-a. Demoro muito tempo a percorrer os poucos metros no corredor, contorcendo-me como uma cobra, sobre o tapete. Assim que consigo chegar lá fora, respiro fundo, uma e outra vez.

Sobrevivi.

Afasto-me da casa, para não ser apanhada pelos tijolos que a qualquer momento serão projectados pela explosão.

Ali estava eu, no passeio, em camisa de noite, iluminada pelo único candeeiro da rua, a olhar para a sepultura da minha mãe e do meu irmão.

A luz da sala estava acesa. Podia ver a mamã sentada no sofá, com um livro na mão. Primeiro pensei que tinha morrido assim, asfíxiada, inerte. Mas era muito improvável.

Entrei em casa e voltei para a cama. Desta vez batendo com os calcanhares no chão, para provocar faíscas.

Para mim, não há nenhuma possibilidade de descobrir se é realidade ou se estou a delirar, quando me cheira a gás. O que se passa é que simplesmente me cheira intensamente a gás. E acontece com frequência.

No fundo, até é um cheiro apetitoso.

O medo esgota-nos. De certeza que também teve que ver com os comprimidos. Deito-me na cama e volto a adormecer.

Dormi todo o resto da noite sem acordar. Só com dois comprimidos. Ótimo. Tento convencer-me de que é pouco. Para falar verdade, pensei que a noite ia ser pior. Em cima do armário de apoio está um comprimido numa tacinha de plástico do tamanho de um copo de aguardente. Mais um. Muito generoso, este Peter. Calculo que seja para as dores. Pronto, se é assim.. Hoje tento levantar-me. Também tenho de ir ao quarto de banho. E com urgência. Não cheira bem aqui. Desta vez não é gás. O culpado só pode ser o meu cu, quem é que havia de ser?

Ponho-me a apalpar lá atrás e toco em algo húmido. Sangue? Vejo os dedos.

Não estão vermelhos. Um leve matiz castanho claro. Cheiro. Merda, inequivocamente. Como é que isto aconteceu, inspectora Helen?

Tiro da caixa para a higiene uns pensos e limpo-me. Temos, portanto, aqui uma água castanha que cheira a caca. Ontem, na fotografia, tinha o buraco do rabo completamente aberto, e acho que agora escorre tudo simplesmente por ali, porque o buraco já não é tão apertado como de costume. O fecho já não veda bem. Baptizo o produto que dali sai com o sugestivo nome de «molho de merda» e entretanto já me habituei a ele. Também já desenvolvi uma técnica especial para dobrar os paninhos de gaze quadrados:

afasto um pouco as bochechas do rabo e coloco a obra de arte ao branco, muito bem dobradinha, tão próximo quanto possível da ferida, para que absorva todo o molho de merda. Quando toco com o penso ou com os dedos na ferida aberta dói-me imenso. Com todo o cuidado, deixo que as bochechas do rabo se juntem novamente. Elas ajudam-me a manter o penso na posição desejada. Pronto, este problema já está resolvido.

A pouco e pouco, estou a ficar com a sensação de que aqui no quarto não está a cheirar nada bem. Temo que, de qualquer maneira, também já esteja incontinente no que respeita aos gases.

Correntes de ar quente libertam-se constantemente do intestino. Por mais que queira, não lhes posso chamar peidos. Até porque lá em baixo estou simplesmente aberta. Normalmente, os peidos têm um princípio e um fim. Eles lá procuram o seu caminho, tonitruantes, sempre que necessário com muita pressão. Ora essa pressão não é necessária aqui. Os gases simplesmente espraiam-se e enchem o ar do meu pequeno quarto com todos os odores que, no fundo, deviam ficar dentro de mim, até eu decidir quando é que podem ou devem sair. Cheira aqui a pus quente, misturado com diarreia e qualquer coisa azeda, que eu não consigo identificar. Pode ser que seja dos medicamentos.

Se agora entrar aqui alguém, fica a saber tanto de mim como se, numa situação normal, me enfiasse a cabeça no cu e aspirasse profundamente.

Hoje estou muito bem disposta, acho que deve ser porque dormi tão bem. O próximo problema: ir ao quarto de banho. Viro-me de barriga para baixo e deixo que as pernas escorreguem lentamente para o chão. E fartam-se de escorregar. Estas camas altas de hospital. Uma tortura. Os pés tocam no chão. Apoio-me nos braços e com um impulso consigo pôr o tronco na posição vertical. Pronto, estou em pé. Ah! Viro-me, e lá vou eu como uma pata choca, pé ante pé, em direcção à retrete. Três

longos metros. Muitos minutos para pensar em coisas bonitas. Este cheirinho a caldo de merda não me é estranho.

Quando sei que estou quase a ter relações com alguém que gosta de sexo anal, pergunto sempre: com ou sem molho de chocolate? Quer dizer: há quem goste quando a ponta da pila, ao ser retirada do rabo, extrai uma cobertura de cacá. O cheiro de uma pequena colheita de merda deixa um investigador das profundezas super-excitado. Outros querem o aperto do cuzinho sem a porcaria. É ao gosto do freguês. Para os que desejam o servicinho limpo encomendei pela Internet uma coisa muito prática na Oficina do Couro. Parece um vibrador

com buracos na ponta e todo ele é em aço cirúrgico. Não sei explicar bem o que é, mas soa bem e o aspecto é a condizer.

Primeiro desatarraxo o meu bom amigo, o chuveiro, e atarraxo aquela coisa com a rosca compatível. Acho óptimo que por cá toda a técnica seja normalizada. E toda a fazer a limpeza do intestino grosso. Primeiro lubrifico a ponta do coiso de aço com *pjur*. Depois, com toda a força, enfio o aparelho, fazendo-o passar pela couve-flor, e enterro-o até não poder mais. Quero dizer, era isso que eu fazia antes, agora a couve-flor desapareceu. O que vai tornar, de certeza, tudo muito mais fácil.

O andar ali a escarafunchar, até o enterrar, deixa-me toda maluca; normalmente, o que costuma entrar assim no meu cu é uma pila. Será que isso se pode considerar já um condicionamento clássico?

Mas aquilo é mais duro e mais frio do que uma pila. Depois abro a água toda do duche, mas não demasiado quente, para não me escaldar lá por dentro. E agora vem o melhor da minha lavagem interna. É como se nos estivessem a encher como um balão. É que, normalmente, conhecemos essa sensação de ficarmos cheias de gases e não de estarmos cheias de água. Por isso pensamos logo que é ar e não água. Pouco depois, ficamos com a sensação

de que já temos litros e litros de água no intestino e de que estamos quase a rebentar. É então que sinto uma forte vontade de cagar.

Depois fecho a água e agacho-me no duche, como se quisesse fazer chichi. E pressiono com força para fora toda a água armazenada no intestino. Uma sensação esquisita, como se estivéssemos a mijar do cu. Faz lembrar uma daquelas diarreias líquidas que espirram por todo o lado. A tampa do ralo e o cesto têm de ser tirados, porque logo a seguir esguicha caca a valer, em grandes e pequenos pedaços. Repito o procedimento três vezes, até que já não haja o mínimo pedacinho de merda na

água. E não há pila, por mais grossa e comprida que seja, que consiga então retirar amostras de excrementos de um intestino grosso impecavelmente lavado. E assim fico perfeitamente preparada para o sexo anal limpo, como uma boneca de borracha.

Mas se o nosso amigo desejar com molho de chocolate, então só lhe faço a vontade se já tiver tido com ele umas quantas vezes sexo satisfatório. É que é mesmo uma grande prova de amor que eu lhe presto. Sexo anal sem ter primeiro lavado o cu. Tem de haver uma grande confiança, para que eu autorize alguém a decorar a cabeça da sua pila com a minha merda. Se eu não esvaziar o intestino mesmo antes do sexo, seja

com a verga de aço ou na retrete, então é certo e sabido que há caca à espera de ser evacuada, a uns centímetros para lá da entrada. Para mim não há coisa mais íntima. Numa cena de sexo dessas, tudo o que está no quarto fica a cheirar às minhas entranhas. O que quer dizer que eu própria fico exposta ao cheiro das minhas entranhas o tempo todo. Ele só precisa de espetar um instantinho e tocar com a ponta na minha caca. Quando o retira e nós praticamos uma outra posição, a sua pila funciona como uma daquelas arvorezinhas aromáticas rodopiantes, só que com o cheiro da minha caca.

Infelizmente, agora já não consigo

imaginar-me a repetir alguma vez a cena. Ambas as variantes, tanto a deliciosa lavagem como o levar no cu puro e duro. Seria horrível.

Consegui chegar ao quarto de banho. Não preciso de tirar as cuecas porque não as tenho. Só tenho de agarrar nas fitas da minha batinha de anjo e atá-las com um nó simples, para que não pendam para dentro da retrete. Quero sentar-me com todo o cuidado, mas ao baixar-me vejo logo que não funciona. A pressão parece que vai rasgar a ferida. Então tenho de ficar em pé, de pernas abertas sobre a sanita. Assim já consigo. Não é assim que as francesas mijam? Na parede da esquerda há uma daquelas varas cromadas para as avozinhas se

agarrarem. Provavelmente, servirá mais para se levantarem, quando se sentam e já não conseguem erguer-se. Eu uso-a e abuso dela para manter o equilíbrio, enquanto mijo. Do lado direito agarro-me à cabina de plástico do duche. Consigo acertar com quase todo o mijo dentro da retrete. E é assim que devo cagar? Impensável. Mas, no fundo, é impensável seja em que posição for. Nem sequer tento. É claro que não lavo as mãos depois de ter mijado. Se pudesse sentar-me na tampa da retrete faria aquilo que faço sempre lá em casa: enquanto estou na retrete, ponho-me a ler os rótulos dos vários geis de banho e champôs que estão arrumados na borda

da banheira. Pelos vistos, a mamã também pôs aqui umas coisinhas quaisquer em cima do lavatório. Só que nestas condições não me consigo aproximar. Lá em casa já conheço de cor muitos dos rótulos. O meu preferido descreve uns sais de banho de imersão da mamã: «vivificante e tonificante». Não faço ideia do que isso possa significar. Bem, «vivificante» ainda vá lá. Mas «tonificante»? Imagino sempre a mamã «tonificada». Não é lá grande fantasia. E desde que incluí a palavra no meu léxico, passei a chamar o meu irmão Toni assim: «tonificado». Ele nunca se riu da piada, mas eu rio-me sempre.

Ora voltemos então rapidamente para

a cama com toda a lentidão.

Para este curto caminho preciso de meia eternidade. Nunca pensei que o olho do cu tivesse tanto que ver com o andar. Durante esta meia maratona de tartaruga posso meditar no que quero fazer hoje. De certeza que o meu pai e a minha mãe vão aparecer por cá. Vou juntá-los novamente. E tenho de montar e regar convenientemente a minha colecção de abacateiros. Tenho de arranjar um bom esconderijo para os caroços, senão ainda mos levam. Já cheguei à imagem de Cristo. Tiro-o da parede e levo-o comigo para a cama. Fica impecavelmente entalado entre o armário de apoio e a parede, onde

ninguém o pode ver. Lindo. Um quarto de hospital ateísta. Depois lá consigo trepar como uma aleijada para cima da cama e fico a descansar, completamente rebentada. O que é aquilo? Vejo pingos no chão. Um longo rasto. Do quarto de banho até aqui à cama, com um desvio até à parede. São gotas de chichi. Não me limpei. Também nunca o faço. Normalmente, vai parar às cuecas ou ao tecido das calças. Como aqui não tenho nada por baixo foi tudo parar ao chão. Engraçado. Mas não me vou agora levantar e pôr-me a limpar o chão, não é agora que vou conseguir percorrer toda esta distância outra vez e andar a esfregar tudo a quatro patas. Não, está fora de questão. Portanto, tem de ficar

assim. Conto as gotas que consigo ver até à porta. Doze. Sendo que as número nove e dez são apanhadas pela luz do Sol, que entra pela janela, e parecem dois minúsculos círculos de folha de alumínio recortados, ou algo ainda mais bonito. O meu pai é cientista, explicou-me que ao penetrarem na gota alguns raios de luz são refractados. É por isso que parece que a luz fica presa lá dentro. E a restante luz é reflectida pela superfície. Daí o brilho em cima. Batem à porta e alguém com sapatos brancos ortopédicos percorre a rota do mijo. As peúgas são inacreditavelmente brancas. Lá em casa não há nada que consiga manter-se branco. Tudo o que é branco

muda de cor depois da primeira lavagem. Um cor-de-rosa sujo, ou um cinzento acastanhado. Entram mais pessoas. As gotas são pisadas e repisadas, o pessoal tem agora o meu chichi por baixo do seu calçado ortopédico. Este é o tipo de humor que eu adoro. Consigo imaginá-los a cirandar pelas diversas secções, a marcar o meu território. Mas afinal o que é que andam aqui a fazer, para além de andar a estragar as estradinhas de chichi de uma menina pequenina?

Ah pois, são médicos e aprendizes, ou lá como eles se chamam. Vêm fazer-me uma visitinha. Mas que raio de visita é esta? Já me cumprimentaram há que tempos. E perguntas também fizeram. E

eu ocupada com outros assuntos. Já que é assim, também posso continuar. O melhor sítio para a minha colecção de caroços é o parapeito da janela. Por causa da luz. Só era preciso protegê-los, para que quem esteja no quarto não os possa ver.

Oiço alguém dizer:

– Quando conseguir evacuar sem problemas pode ir para casa.

Pronto, já percebi, estão a falar de mim. A *lady* Defeka. Olha, o Notz também cá está. No meio de todos os outros médicos ainda não tinha reparado nele. Peço a alguém para me pôr água nos copos? Não posso andar de um lado para o outro a encher copinhos, é

impossível, ao meu ritmo actual iria durar dias. Tenho os copos para os caroços e um outro copo à parte para a minha água mineral. O encarregado da rega teria de o encher e depois era só andar de um lado para o outro umas quantas vezes, entre o lavatório e o parapeito da janela. Não, já sei. Uso a água mineral para os caroços. As enfermeiras estão sempre a trazer-me água nova. Nem preciso de pedir, elas encarregam-se de ir substituindo a garrafa. É isso mesmo: para os meus «bebés-caroços» só a melhor aguinha mineral. Rica em cálcio e magnésio e ferro e sei lá o que mais. Vão ali crescer que é uma maravilha.

Lá vão eles espalhar a minha

mensagem urinária. Até que enfim que posso começar a trabalhar.

Vou buscar a caixinha que a mamã utilizou para transportar os caroços. Primeiro tenho de desembulhar os copos do papel de jornal. Completamente exagerado, embrulhá-los assim desta maneira. Mas também é assim que ela guia. A cinco à hora e sempre que vê uma lomba no asfalto mete travão a fundo.

Para poupar os eixos, diz ela. Antigamente era assim. Mas os carros modernos são tão robustos e insensíveis a golpes que se pode passar nas calmas por cima dessas irregularidades do terreno. É o que o meu pai diz.

Ponho os oito copos no canto direito do parapeito. Depois espeto três palitos em cada um dos oito caroços, suspendo-os nos copos e encho-os com água mineral, até dois terços ficarem submersos.

A ver vamos como é que suportaram o transporte e um dia e uma noite sem água. É a primeira vez que organizo uma viagensinha para os meus carocinhos. Agora preciso de qualquer coisa para os proteger dos olhares dos humanos que entram aqui no quarto. Não há ali um livro na gaveta do armário de cabeceira? Abro a gaveta. A Bíblia, como não podia deixar de ser. Estes cristãos. Metem-se por todo o lado. Mas

comigo não têm sorte nenhuma. Para escudo contra os olhares indesejáveis ainda serve. Ponho-a à frente dos copos, aberta, mas ao contrário, para que a cruz fique de cabeça para baixo. Isso vai chateá-los, não vai? Não tem um significado terrível para eles? Mas qual? Sei lá, que se lixe.

Em cima da minha pequena casinha dos caroços ponho a folha com a ementa para a semana. Assim ninguém pode espreitar e descobrir o meu segredo. De qualquer maneira, também só me trazem pão integral e *muesli*.

Pronto, aqui está a família no seu lugar. Com a colecção de caroços sinto-me um bocadinho como se estivesse em

casa. Tratar deles distrai-me e ajuda-me a passar o tempo. Há sempre algo a fazer: regar ou mudar a água. Documentar o crescimento com fotografias. De vez em quando, limpar a secreção dos caroços. Podar os rebentos mortos ou doentes, para que possam nascer saudáveis. Coisas assim.

Toca o telefone. Quem é que fez a ligação? Será obra dos anjos verdes? Com que dinheiro? E será que é preciso dinheiro para isso? Vou ter de investigar. Levanto o auscultador.

– Alô?

– Sou eu. A mamã.

Hoje a mamã e o papá querem vir visitar-me. Vão tentar aparecer quando o outro não está cá.

Eu gostava tanto de ver os meus pais juntos num quarto. Que eles me viessem visitar juntos aqui ao hospital. E tenho um plano. A mamã pergunta:

– Quando é que o teu pai vai?

– Estás a falar do teu ex-marido? Aquele que amaste tanto? Às quatro.

– Então eu vou às cinco. Achas que consegues que ele se vá embora antes dessa hora?

Eu digo que sim e penso que não. Assim que desligo, ligo ao papá e digo-lhe que me convinha que viesse às cinco.

O papá vem às cinco e traz-me um livro sobre lesmas.

Considero-o uma alusão ao meu cu

estraçalhado e pergunto-lhe se é isso. Ele pensou que me podia interessar porque uma vez lhe fiz umas perguntas sobre esses bichinhos. Pois, de certeza que o fiz, porque com o papá só posso falar de temas superficiais.

Nada de sentimentos e problemas verdadeiros. Deve ser coisa que ele nunca aprendeu. É por isso que converso com ele muitas vezes sobre plantas, bichos e sobre a poluição do meio ambiente. Uma coisa que nunca lhe passaria pela cabeça perguntar-me é como é que vai a minha ferida aberta. Não me lembro de muitos assuntos que possa discutir com ele. Vejo-o ali, sentado na sua cadeira, aos pés da minha cama, e durante todo o tempo só espero

que a mamã bata à porta e entre. Se há uma coisa que eu odeio são estas pausas tão penosas, quando não há assuntos para falar. Mas lá tento aguentá-las, sempre é uma nova experiência. Nesse joguinho o meu pai é o adversário perfeito. Fica ali calado, simplesmente não diz nada, a não ser que eu lhe pergunte alguma coisa. Acho que ele nem sequer tem necessidade de falar. Olho para ele, ele olha para mim. É um silêncio horrível. Não é que ele olhe de uma maneira desagradável ou antipática. No fundo, até tem uma expressão bastante amável e pacífica. A mamã deixou-o. Porquê, não faço ideia. Também podia perguntar, mas se calhar

tenho medo da resposta. De qualquer maneira, o facto de ele ficar sentado, a olhar para uma pessoa, sem dizer nada, não pode ser motivo para o abandonar. Tem de haver uma explicação melhor. Talvez o amor tenha desaparecido. Há uma promessa que vai para além de tudo: se tu quiseres, fico contigo, mesmo quando já não te amar. Ora aí está uma boa promessa. Assim sim, é mesmo para sempre.

Tanto nos bons como nos maus tempos. E não se pode dizer que os tempos sejam bons, quando um já não ama o outro. Ficar só enquanto o amor dura não chega, quando se tem filhos.

A mamã está mais do que atrasada. Às seis ainda não chegou. O papá despede-

se. E lá falhei eu outra vez. Estes dois repelem-se como dois ímanes que eu tento atrair a todo o custo.

O meu objectivo é que eles se vejam e que, muitos anos depois do divórcio, voltem a apaixonar-se perdidamente. E voltem a juntar-se. Muito improvável. Mas já aconteceu tudo isso. Creio eu, pelo menos, mas sei lá...

Passa muito tempo entre a despedida do papá e a chegada da mamã. Com ela ainda falo menos do que com o papá. Ela acha que eu estou chateada por ela ter chegado tarde. A eterna consciência pesada de uma mãe trabalhadora. Ela não sabe o que eu sei. Que acabou de perder a oportunidade de se casar outra

vez. Já que não o sabe, pelo menos que o sinta. Por mim, pode associar à vontade a minha má disposição às dores.

A sua visita ainda foi mais breve do que a do papá. Do que é que estavas à espera, Helen?

Amanhã estão a pensar vir cá os dois outra vez. E eu vou tentar novamente a minha sorte. Quanto mais tempo estiver no hospital, mais oportunidades terei de os voltar a juntar. Se estivesse lá em casa, com a mãe, o pai nunca iria aparecer. Se estivesse em casa do pai, a mãe nunca poria lá os pés.

Portanto, o melhor é mesmo não evacuar. Claro que para a minha própria cura, se formos a acreditar no que os médicos dizem, seria mesmo melhor largar uma poiazita o mais rapidamente possível. Também posso evacuar às

escondidas e não dizer nada a ninguém. Assim podia ficar mais tempo internada, sem ter de me preocupar comigo e com o meu rabo.

É mesmo isso que vou fazer. Talvez consiga até provocar uma nova operação com mais uma automutilação. Nesse caso, tinha muitos dias para preparar os meus planos.

Talvez tenha uma ideia. De certeza. Nesta pasmaceira deste quarto de ateuista tenho tempo mais do que suficiente para imaginar tudo quanto é possível. Os meus pais pouco tempo cá estiveram. Não falo suficientemente com pessoas. Reparo sempre nisso quando começo a ficar cismática e a cheirar mal da boca. Quando fico muito tempo sem falar e

não abro a boca para a arejar, os restos de comida misturam-se com a saliva quente na cavidade bucal fechada e começam a fermentar. É por isso que cheiramos tão mal da boca quando acordamos de manhã. Durante a noite a boca é a proveta perfeita, mantida à temperatura do corpo, para todo o tipo de bactérias, que proliferam para decompor os restos dos alimentos alojados entre os dentes. É o que está agora a começar a acontecer comigo. Tenho de falar com alguém. Campanha de alarme. Entra o Robin. Vou ter de inventar um motivo para o ter chamado. Ah pois, uma pergunta.

– Quando é que me trazem o

autodoseador com o analgésico?

– Isso já cá devia estar há muito tempo.

– Pois. Isso quer dizer «já a seguir, a qualquer altura», não é? É que senão eu ia agora perguntar pelos comprimidos. As dores estão a voltar lentamente.

Mentira. Mas torna a chamada credível. Lá está ele a levar a mão ao trinco.

– Sentes-te bem, Robin?

Típico Helen. Ele é que tem a obrigação de me tratar. Mas eu fico logo preocupada e sinto-me responsável por ele ter um turno agradável.

– Sim, sinto-me bem. Pensei muito na tua ferida e em como és descontraída. Até falei com um amigo sobre isso.

Ninguém aqui do hospital está descansado. Ele acha que és uma exibicionista, ou lá como é que isso se chama.

– «Uma que gosta de mostrar», como costume dizer. É verdade. Há algo de errado nisso?

– Cá por mim, gostaria que mais raparigas fossem assim. Por exemplo, alguém que eu encontrasse numa discoteca.

Para manter a conversa interessante, e talvez também um bocadinho para excitar o Robin e o prender a mim, conto-lhe a minha situação *standard* quando saio à noite.

– Sabes o que é que eu faço sempre

que vou a uma discoteca?

Quando combino encontrar-me com um rapaz e quero acabar a noite com uma queca, arranjei um óptimo truque que me serve de prova. Como prova de que sou eu a causadora dessa queca nocturna. E de que aquilo que acontece depois não é mero acaso. É que uma noite assim é sempre imprevisível. Toda a gente sabe: será que querem ambos a mesma coisa? Será que conseguem fazer sexo no final da noite? Ou vai tudo por água abaixo? Para que fique completamente claro aquilo que eu sempre quis desde o princípio, corto, primeiro, um grande buraco nas cuecas, para que se possam ver os pentelhos e os lábios da vagina e isso tudo.

Portanto, todo o papinho de rola, a ameixa, tem de ficar à mostra. É claro que uso sempre uma saia. Quando depois começamos aos linguados e a apalpar-nos, e depois das festinhas da ordem nas minhas maminhas, a uma certa altura é certo e sabido que o seu dedo começa a subir pela minha coxa acima. Ele pensa que vai ter uma trabalhadeira dos diabos para o enfiar por entre as cuecas apertadas e tem mesmo medo que eu não queira ir tão longe. Até porque não nos pomos logo a falar nisso quando acabamos de nos conhecer. É então que o dedo toca directamente, e sem pré-aviso, na minha rata húmida.

Todos os rapazes têm a mesma

reacção perante um tal presente. O dedo sofre um enfarte e imobiliza-se. Depois o pobre reanima-se e tem de andar ali de um lado para o outro, a tactear como uma barata tonta, pois não consegue acreditar no que o seu dedo sente. Claro que a primeira coisa que pensam é que eu não trago cuecas. Depois de as cuecas com o buraco serem devidamente examinadas, como num jogo de apalpadelas, torna-se evidente que eu preparei tudo antecipadamente. Isso faz desabrochar um grande sorriso ordinário no rosto do meu futuro parceiro. Parceiro de foda, claro.

Eu própria começo a suar um bocadinho, só de contar. Porque é que faço uma coisa destas? Acho que deve

ser por causa do seu elogio, ao princípio. Ficaste embriagada e agora pimba, queres ver se ele vai ao tapete, não é Helen?

O Robin fica ali, de boca entreaberta, e a minha história começa a fazer efeito. Já consigo ver o chumaço da sua picha através das calcinhas brancas de enfermeiro. Enquanto lhe contei aquilo, ouviu-se o toque das campainhas várias vezes no corredor. Outros doentes que querem alguma coisa do Robin. Mas não aquilo que eu quero.

– *Ok*, então até logo.

E desaparece.

Deixei-o meio transtornado. É como um desporto. Esteja onde estiver, tenho

de ser sempre a mais *cool* dos presentes. Desta vez ganhei. Mas o adversário também era fácil, e não foi uma competição a sério. Foi mais como uma espécie de libertação.

Já estou a ficar excitada com a brincadeira. Será que ele vai voltar a olhar-me nos olhos, como há bocado? Também me meto em cada situação... Será que todos aqueles que trabalham num hospital, sejam eles velhos ou novos, bonitos ou feios, se tornam sexualmente atraentes, pela simples razão de que não há mais ninguém para além deles?

Expiro com força pelo nariz, para controlar a respiração. Pronto, assim já

está melhor. Nem tenho de me dar ao trabalho de me levantar para ir lavar os dentes. Basta tocar e pôr-me aqui a contar umas histórias debochadas para arejar todos os cantos da boca. Antigamente, quando uma criança dizia uma coisa feia, lavava-se-lhe a boca com sabão. Fazia-se mesmo isso, ou eram só ameaças? Hei-de experimentar uma vez. Digo um palavrão dos grossos e lavo a seguir a boca com sabão. Depois posso apontar o resultado no Livro da Minha Vida. Também já usei uma vez o *spray* de gás KO contra mim própria, porque queria saber o que é que uma pessoa sente, para apontar no Livro da Minha Vida. Pelo menos agora já sei

que não há motivo nenhum para lhe chamar «gás KO». Eu não fiquei KO, nem perdi os sentidos. Os olhos é que começam a lacrimejar muito e o efeito demora bastante tempo a passar. Também somos obrigados a tossir imenso e a baba escorre-nos pela boca abaixo. Estimula bastante a produção das secreções, o raio do gás. Que seca estar aqui. Apercebo-me disso quando reparo naquilo que penso. Tento entreter-me com as minhas velhas histórias. Tento entreter-me a mim própria, para não ter de sentir até que ponto estou só. Mas não funciona. A solidão mete-me medo. Faz de certeza parte das minhas queixas de filha de pais divorciados.

Não me importo nada de ir para a cama com qualquer idiota, só para não ficar sozinha na cama, ou ter mesmo de dormir uma noite toda sozinha. Qualquer um sempre é melhor do que nenhum. Não foi essa a intenção dos meus pais quando se separaram. A imaginação dos adultos não chega até aí, quando se divorciam. Acomodo a cabeça na almofada e olho para o tecto. Lá está a televisão pendurada. É isso. Posso jogar o meu velho jogo do adivinhar as vozes. Tiro o comando da gaveta e ligo a televisão. Carrego no menos do botão da claridade, até o ecrã ficar completamente escuro. Agora aumento o som e ponho-me a fazer *zapping*. O

objectivo consiste em adivinhar de que pessoa se trata, só pela voz. Claro que só funciona com gente conhecida. Comecei a jogar a isto porque queria sempre ver televisão para fugir à solidão. Por outro lado, a televisão começou a irritar-me cada vez mais. Isso teve que ver sobretudo com uma coisa: quando havia uma cena de sexo e a mulher depois se levantava, tapava sempre o peito com um cobertor. Eu cá não consigo suportar isso. Ainda há momentos estavam engatados um no outro, e agora ela tem de esconder as tetas à viva força. Não dele, mas de mim. Como é que eu posso acreditar numa treta dessas? Se me estão sempre a lembrar que eu estou a vê-los? Se é o

homem a levantar-se, filmam-no sempre por trás. Irrita-me. Foi assim que a televisão me perdeu como espectadora. As únicas excepções no capítulo do mostrar das mamas na televisão são as das actrizes desconhecidas. Se mostram uma nua da cintura para cima, é certo e sabido que ninguém a conhece. As estrelas nunca mostram nada. Ao ponto a que a arte chegou... Agora só vejo televisão para jogar ao adivinhar. Mas já fui melhor. Quando era miúda fartava-me de ver televisão e reconhecia quase todas as vozes.

Estou aqui pasmada, a olhar para o ecrã negro e a tentar concentrar-me na voz que está agora a falar. Não faço a

mínima ideia. Desligo o televisor. Afinal não tenho vontade de jogar. A dois dá muito mais gozo. Vou perguntar ao Robin quando é que ele tem tempo. No dia de São Nunca à Tarde, claro!

O que é que se pode fazer nesta seca deste quarto? Hei-de descobrir qualquer coisa.

Apoio a cabeça com toda a força na almofada e encosto a nuca às costas, para ver o que está por cima e atrás de mim. Até agora ainda não vi o que lá está. Então é dali que vem esta luz clara! Na parede estão fixados, numa longa série, vários tubos de néon. Para não sermos encadeados montaram uma cobertura de madeira à frente. Observo o padrão e só consigo ver umas

coninhas.

Sempre que vejo aberturas em tábuas de madeira com veios, imagino coninhas de todas as formas e feitios. Como lá em casa, na porta do meu quarto. As portas são todas forradas com aquele laminado de madeira fininho, aplicado simetricamente. É tal e qual como nas aulas de Educação Visual na escola, quando era miúda. Damos umas pinceladas com aguarela e muita água no meio de uma folha, dobramos a folha, esfregamos um bocadinho as duas metades uma contra a outra, abrimo-las novamente e já está: a perfeita imagem de uma vulva. Tento imaginar outra coisa na protecção de madeira dos tubos

de néon. Nada feito. Só montes de conas! Toco à campainha. De que é que eu preciso agora? Tenho de inventar rapidamente um pretexto.

Batem à porta, esta abre-se. Entra uma enfermeira. Atenção que, no fundo, até nem foi assim: primeiro abriu a porta e só depois é que bateu. Eu sou tão delicada para esta brutamontes desta enfermeira que troquei as duas acções na minha cabeça, só para ficar com uma melhor impressão da sujeita. De certeza que foi o Robin que a mandou. Deixei-o abalado, para já. Agora tenho de dar outra vez tempo ao tempo. A enfermeira chama-se Margarete. Está escrito na placazinha que traz ao peito. Olhei primeiro para o peito dela e só depois

para a cara. Faço isso muitas vezes. Mas estou fascinada com o seu rosto. É incrivelmente cuidado. É assim que se diz, não é? Uma mulher muito bem cuidada.

Como se isso tivesse, só por si, um valor especial. Lá na escola dizemos que essas colegas são «filhas de médicos», seja qual for a profissão dos pais. Não sei como é que elas conseguem fazer isso, mas parecem sempre mais bem lavadas do que as outras. Tudo está limpo e de uma certa e misteriosa maneira «tratado». Toda e qualquer parte do corpo, por mais ínfima que seja, foi objecto de uma atenção particular.

Só o que elas não sabem: quanto mais se preocupam com todas essas pequenas partes, mais estáticas se tornam. A sua atitude torna-se hirta e controlada, porque têm medo de estragar o trabalho todo.

As mulheres cuidadas arranjam elas próprias os seus cabelos, unhas, lábios, pés, caras e mãos. Tingiram, aumentaram, pintaram, depilaram, arrancaram, cortaram e encheram de creme.

Depois põem-se em pose, como uma obra de arte total, porque sabem a trabalhadeira que tiveram e querem que aquilo se agunte o mais tempo possível.

Mas quem é que se atreve a revolver

e a foder uma mulher dessas?

Tudo o que pode ser considerado *sexy*, cabelos despenteados, alças que pendem dos ombros, o brilho do suor na pele, parece desarranjado, mas é acessível.

A Margarete olha para mim com um olhar inquiridor. Quer que eu lhe diga o que se passa.

– Por favor, preciso de um balde para os meus pensos sujos. Se os ponho aqui em cima do armário, fica a cheirar mal cá dentro. Boa, Helen, muito convincente.

Ela compreende perfeitamente o meu desejo afectado de ter mais higiene no quarto, diz «naturalmente» e vai-se

embora.

Ouve-se barulho vindo lá de fora. Está agitado, o pessoal. Não deve ser nada de especial. Coisas normais dos hospitais. Aposto que estão a servir o jantar. Aqui no hospital estamos submetidos a um horário rigoroso, que um pobre de espírito qualquer imaginou. A partir das seis da manhã as enfermeiras e as auxiliares passam-se dos carretos, a rodopiar de um lado para o outro nos corredores, numa barulheira infernal. Entram, trazem o café, querem limpar o quarto, querem-me limpar a mim. Sinto-me prisioneira numa colmeia cheia de abelhinhas diligentes, todas a voarem de um lado para o outro na sua azáfama diária. Na maior parte das

vezes com um zunido assaz incomodativo. A única coisa que as pessoas doentes desejam verdadeiramente é dormir, e isso é precisamente aquilo que aqui não é permitido. Quando eu, depois de uma noite má – e no hospital todas as noites são más –, pretendo recuperar o sono durante o dia, há pelo menos oito pessoas que conspiram para me impedir de o fazer. Não há ninguém que trabalhe num hospital que tenha em consideração o facto de uma pessoa poder estar a dormir, quando entra no quarto. Todos gritam simplesmente: «Bom dia!» e desatam a fazer aquilo que têm a fazer com muito barulho. Também podiam

abdicar do «bom dia» e cumprirem as suas tarefas de uma maneira discreta e silenciosa. Eles têm aqui qualquer coisa contra o sono. Ouvi dizer uma vez que não se deve deixar os depressivos dormir muito, porque isso potencia a depressão. Mas isto aqui não é nenhum manicómio. Às vezes tenho a impressão de que com todo aquele acordar constante eles só querem controlar se os doentes ainda estão vivos. Assim que alguém fecha os olhos, lá estão eles a trazê-lo de volta à vida. «Bom dia!»

O pessoal entra e sai. Todos querem que eu seja compreensiva com eles. Mas se é assim, então que haja compreensão para todos. É assim que o mundo funciona.

A enfermeira regressa com um pequeno balde cromado para o lixo, que coloca em cima do meu armário de apoio. Ela acciona com a mão o pedal de plástico preto, a tampa abre-se e eu ponho lá dentro os pensos usados que tinha entre as nádegas. O modo como a Margarete acciona o pedal também é típico das mulheres bem cuidadas. Toma o máximo cuidado com as unhas. Toca em tudo só com as almofadinhas das impressões digitais. Que fenómeno mais estranho. Claro, quando se acaba de pintar as unhas há que ter cuidado para não as borratar, até que sequem. Mas há mulheres que não abdicam dessa atitude, mesmo quando já têm as unhas mais do

que secas. Têm um aspecto muito pouco prático. Até parece que sentem nojo de tudo o que as rodeia.

– Muito obrigada. No que diz respeito à higiene sou um bocadinho especial – admito, sorrindo de orelha a orelha.

Ela concorda com um aceno de cabeça, sem saber com quê. Está a pensar que eu quero ter tudo aqui em ordem e que o cheiro me incomoda, ou que me envergonho quando tiro os pensos do cu. Mas na verdade sou especial em questões de higiene porque me estou a borrifar para ela e porque desprezo pessoas higiénicas, bem cuidadas e esterilizadas como a boa da Margarete.

Mas o que é que se passa comigo?

Porque é que ela me irrita assim tanto?
Até agora não me fez nada.

Sou eu que estou a gozar com ela com o meu pedido de caixote do lixo e não ela comigo. Normalmente, quando me ponho a desprezar alguém assim, sem motivo compreensível, e a sentir vontade de lhe ir às trombas, ou pelo menos de a desancar verbalmente, estou à beira da menstruação. Pronto, só faltava mais essa.

A Margarete diz:

– Então divirta-se com o seu novo balde do lixo.

Sim, pois, obrigada, ó engraçadinha.

Como se não bastasse o sangue que já perdi lá em baixo. Tenho tido mais do que fazer com a ferida do cu e agora aparece-me o sangue da menstruação. Tirando a leve irritação que o antecede, dou-me, no fundo, muito bem com o meu período menstrual. Quando estou a sangrar até costumo ficar cheia de tesão.

Uma das primeiras piadas ordinárias que ouvi numa festa dos meus pais, era eu ainda mínima, e que só vim a perceber depois de perguntar uma data de vezes qual era a graça daquilo, foi: um bom pirata também navega no mar Vermelho.

Antigamente, os homens

consideravam nojento foder uma mulher que sangra. Mas, pelos vistos, esses tempos há muito que passaram. Se eu fodo com um rapaz que gosta de me ver sangrar deixo-lhe a cama toda besuntada.

De preferência, sempre que tenho voto na matéria, utilizo lençóis brancos lavadinhos de fresco. E passo o tempo todo a mudar de posição e de lugar na cama, para espalhar as minhas marcas por todo o lado.

Nessas alturas, gosto imenso de fornicar sentada ou de cócoras, para que a força da gravidade me empurre o sangue para fora da passarinha. Se ficasse só deitada, a tendência era para que o sangue se acumulasse.

Também adoro que me lambam quando estou a sangrar. Para o parceiro é assim a modos que uma prova de coragem. Quando ele acaba o minete e olha para mim com a sua boca toda ensanguentada, beijo-o, para nos parecermos ambos com dois lobos que acabaram de matar uma corça.

Gosto muito de sentir também o sabor do sangue na boca quando continuamos a fornicar. Para mim é extremamente excitante, e quase sempre fico triste quando, depois de dois ou três «dias de lobo», o período acaba.

Mas também há que admitir que tenho sorte, porque muitas raparigas dizem que às vezes passam os dias todos da

menstruação com dores. Não se pode dizer que seja lá muito estimulante para o sexo.

Eu só fico um pouco mal disposta antes, como agora, e decididamente injusta e agressiva, em relação a pessoas que não têm culpa nenhuma. Depois vem o sangue e não sinto quaisquer dores. Nada de pontadas.

Antigamente, quando a menstruação era ainda algo de novo para mim, cheguei a acreditar na má disposição. E acabava por ser surpreendida pelo sangue, em plena escola, para todos visível sob a forma de uma mancha vermelha no vestido, na parte do rabo. Porque ela me vinha sempre quando estava sentada.

Pois, na escola passa-se muito tempo sentada. Ou quando fomos visitar a tia. Dormi lá, não me sentia bem, mas não sabia porquê.

E na manhã seguinte levantei-me e tinha a cama toda cheia de sangue. Uma grande poça. E depois não era assim tão descontraída que fosse ter com a tiazinha e lhe dissesse: «Olha, aconteceu-me uma coisa, tive um azar.» Achava que não tinha culpa.

Eu estava a dormir e não notei nada. Também não sabia como descrever o que me tinha acontecido. Decidi-me por não dizer nada. Na manhã seguinte viajei normalmente e deixei-lhe de presente toda aquela trapalhada, sem um único

comentário.

E agora ela vai arrumar o quarto e vê imediatamente aquilo. Eu nem sequer tentei esconder a mancha com a manta. Todos aqueles litros vermelhos ficaram ali à mostra, para a minha tia os inspeccionar. Desde então, fico sempre muito encavacada quando a tia está por perto. Ela também nunca tocou no assunto.

Mas isso é típico da nossa família.

E eu não consigo pensar noutra coisa quando a vejo. Até que a vergonha me faz corar toda.

Para mim a menstruação também não tem nada que ver com a higiene. Toda essa treta me parece completamente sobrevalorizada. Os pensos higiénicos

são caros e desnecessários. Quando me vem o período entretenho-me, quando estou na retrete, a construir os meus próprios tampões com papel higiénico. E tenho muito orgulho nisso.

Desenvolvi uma técnica especial de embrulhar e dobrar, para que eles possam ficar lá dentro mais tempo e impedir que o sangue escorra. Tenho de admitir que os meus tampões de papel higiénico entopem mais a passarinha e contêm o sangue do que o absorvem, como os tampões que se encontram por aí no mercado. Mas eu perguntei ao meu ginecologista, o Dr. Brökert, se o facto de o sangue ser contido durante algum tempo na passarinha e escorrer depois

para a retrete, quando lá estamos sentadas, é mau, e ele disse que é um equívoco muito comum pensar que o sangue da menstruação assume uma qualquer função de limpeza. Portanto, sob o ponto de vista médico, a minha barragem sanguínea é perfeitamente inócua.

Por mais que uma vez até já fui parar ao ginecologista porque me desapareceu um tampão. Tinha a certeza absoluta de que os tinha enfiado, mas depois, quando os quis tirar, não os consegui encontrar. É claro que isso é uma outra pequena desvantagem dos meus tampões feitos à mão: falta-lhes o fiozinho azul-claro para os puxar cá para fora. Depois os meus dedos também são para o curto

e quando ando à procura de qualquer coisa na passarinha não vou assim tão fundo. Quando me aconteceu isso na casa do papá tive mesmo de ir buscar aquela bela pinça do grelhador de carvão que ele lá tem.

Muitas vezes ela ainda tinha restos carbonizados de carne e gordura, e como eu não me queria rebaixar ao ponto de ter de limpar a porcaria da pinça, deitei-me com as pernas para cima e tentei, o melhor que pude, encontrar o rolinho de papel higiénico.

Com os restos dos grelhados e tudo. E muitas vezes nem sequer encontrei nada. Tal como não limpo a pinça antes de a enfiar pela rata adentro, também não a

limpo quando, após a minha intervenção ginecológica, a vou novamente depositar no grelha-dor do papá. Sempre que o papá convida amigos para um churrasco, eu ando com um sorriso de orelha a orelha.

Divirto-me à brava a perguntar a toda a gente se a comida lhes está a saber bem e aceno para o meu paizinho, que retribui, sorridente, acenando delicadamente com a sua bela pinça. Pois, esse é o meu terceiro passatempo: propagar bactérias.

Quando, portanto, sou mal sucedida na minha procura com a pinça do grelhador e fico com medo de que o meu chouriço de sangue de papel higiénico comece a criar bolor dentro de mim e eu

possa morrer com uma horrível infecção bacteriana, lá tenho de ir outra vez ao ginecologista.

Ele chama a isso o problema do triângulo das Bermudas. Às vezes consegue ajudar-me, mas, na maior parte das vezes, também não encontra nada. E no entanto tem uns dedos compridíssimos e uma data de pinças de grelhar médicas em aço inoxidável. E nada.

– Tem a certeza de que usou um tampão?

Que querido. Ele diz sempre «usou». Eu prefiro «enfiei». – Sim, certeza absoluta – digo.

Para ele sou um verdadeiro enigma.

Mas também o é, para mim, a minha passarinha. Como é que hei-de saber onde é que aquela porcaria foi parar? Espero viver o suficiente para decifrar o enigma. O Dr. Brökert ainda faz um exame de ultra-som, para ter a certeza de que não se escondeu lá nada bem ao fundo.

Muitas vezes, falta-me a paciência para andar a construir novos tampões. Por isso não deito sempre fora o tampão antigo e tão cuidadosamente preparado quando vou à retrete. Saco-o cá para fora com os dedos, depois de me ter sentado. E ponho-o no chão. Quanto mais sujo o chão estiver, tanto melhor.

E se, para além de todas as nódoas que lá estão, eu puder contribuir com a

minha modesta mancha de sangue, tanto melhor. E quando acabo o que lá fui fazer, agarro no tampão e volto a enfiá-lo. Gosto do cheiro do sangue velho, mas também gosto do cheiro das trufas. Já estou mais do que farta de ouvir histórias de horror sobre o que acontece quando não andamos sempre a renovar os nossos tampões. Apanham-se as maiores infecções, que até podem levar à morte em estado de choque. Mas desde que tenho o período, há seis anos portanto, procedo assim comigo, com a minha passarinha e as minhas bactérias – e o meu ginecologista não está minimamente preocupado.

Eu tive uma grande amiga que era a

Irene. Chamava-lhe sempre Sirene, condizia com ela. E uma vez lembrámo-nos de uma completamente louca: quando nos vinha, na escola, a menstruação ao mesmo tempo – o que, como se pode imaginar, acontecia muito raramente – aprontávamos o seguinte: cada uma em cima da sua retrete. Só com uma divisória a separar-nos. Por baixo da divisória a habitual abertura de dez centímetros. Tiramos ambas os respectivos tampões – na altura ainda eram dos mini, com o cordelinho azul-claro – e depois de contar até três, cada uma atira o seu tampão para o outro lado, através da abertura.

E quando estávamos prontas com o chichi e a limpeza, cada uma enfiava o

tampão da outra. Assim ficávamos ligadas, através do nosso velho sangue malcheiroso, como o Old Shatterhand com o Winnetou. Irmandade de sangue.

Também achei que os tampões da Sirene tinham um aspecto muito interessante. Antes de os enfiar, examinava-os sempre ao pormenor. Totalmente diferentes dos meus. E quem sabe o aspecto que os tampões das outras raparigas podem ter? Bem, claro, também quem é que se interessa por uma coisa dessas? A não ser eu. E eu sei.

Ainda há pouco tempo, aprendi umas coisas sobre menstruação e tampões durante uma das minhas excitantes visitas a casas de putas. Agora deu-me

para ir a casas de putas, com o objectivo de investigar o corpo feminino. Não são perguntas que se façam à mãe ou a uma amiga. Perguntar-lhes se não estão dispostas a abrirem, por um momentinho, a rata para mim, só para satisfazerem a minha perversa fome de conhecimento. É que não me atrevo mesmo.

Desde que fiz dezoito posso entrar numa casa de putas, só tenho é de apresentar à entrada o bilhete de identidade. Uma vez que pareço muito mais nova do que sou, exigem-me sempre a identificação. Com a maioridade a minha vida tornou-se muito melhor, mas também mais cara. Primeiro foi a esterilização. Novecentos

euros, incluindo a narcose. E agora isto aqui, no hospital. Também fui eu que paguei tudo. Mais as visitas às casas de putas nos últimos tempos. Tudo pago com o dinheirinho ganho na praça, na banca do racista.

Quando fazem dezoito anos, os rapazes também são convidados pelos mais velhos para uma visita a um bordel, para darem a sua primeira queca com uma puta. Antigamente, devia ser de certeza sempre a primeira vez. Hoje as coisas já não são assim.

Como sou uma menina bem comportada, também eu esperei até ao meu décimo oitavo aniversário, mas como ninguém me convidou, tomei eu

própria a iniciativa. Toca a procurar os números de telefone das casas de putas na nossa cidade, de lhes ligar e perguntar, muito gentilmente, se trabalhavam ali prostitutas que não se importavam de ter relações também com mulheres. Até nem acontece assim tantas vezes.

Mas um dos estabelecimentos até tinha uma grande escolha de damas com total disponibilidade para irem com mulheres. Chama-se o Oásis da Sauna. A *madame* pediu-me para ir a meio da tarde, pois os clientes masculinos costumam ficar pouco à-vontade com as *clientas* femininas. Ou diz-se também clientes? Não importa, que se lixe.

Achei compreensível e desde então tenho lá ido várias vezes. Quis ir com uma prostituta que escolhi na sala de recepção do bordel. Era tal e qual eu, só que em preto. Quero dizer, tínhamos a mesma constituição: magras, peito pequeno, um cu grande e largo, bastante para o baixo. E cabelos lisos e muito compridos. Mas acho que o cabelo dela era de plástico. Umas daquelas trancinhas entrançadas no cabelo natural. Fui ter com ela, sabendo de antemão que ela também ia com mulheres. Esse ponto, portanto, já não tinha de esclarecer. Quando chego lá, depois de me apresentar, as mulheres que encontro estão todas dispostas a

irem comigo. Todas as outras que só vão com homens – sei lá, talvez por motivos religiosos – escondem-se no quarto das traseiras, enquanto eu faço a minha escolha. Avanço para ela, tentando evitar quaisquer hesitações. Nestas situações no bordel sou muito pouco segura de mim. Não é de espantar que os homens tenham sempre de se embebedar perdidamente, antes de avançarem. E depois não conseguem ter uma erecção, ou não se lembram da foda caríssima que deram. Mas é mesmo verdade que uma pessoa se sente como se estivesse a fazer algo de incrivelmente proibido e ímpio. Eu também preferia estar bêbeda quando lá vou. Só que tenho medo de não me lembrar depois do aspecto das

ratas delas. Nesse caso, tudo seria em vão. Afinal de contas, é por causa disso que eu lá vou: para aprofundar o meu estudo vaginal. Portanto, não há como ir sóbria. Até porque tenho todo o respeito pelas mulheres que lá trabalham e pela situação em si. Mas fico contente só de pensar na altura em que conseguir pôr todos esses pruridos de parte, para passar a ser simplesmente uma cliente. Actualmente, sinto sempre um nó na garganta e o coração aos saltos. Só passados alguns minutos com uma mulher é que começo a descontraír pouco a pouco. E pergunto-lhe como se chama.

– Milena.

Digo-lhe também o meu nome. E ela pergunta-me, perante toda aquela equipa de putas reunida, se eu estou com a menstruação. Como é que a gaja adivinhou? Até acho que sei. Cheirou aquilo através das minhas calças. Uma vez tive uma amiga polaca na escola que tinha um olfacto tão apurado que era capaz de cheirar, do seu lugar, quem é que na sala de aulas estava com a história. Na altura, aquela rapariga fascinou-me completamente. Era como um perdigueiro. Eu divertia-me à brava com a sua capacidade. Quase todos os dias lhe perguntava quem é que estava, nesse momento, menstruada. Para ela aquilo não era nada agradável, sentia

nojo das raparigas que sangravam. Incomodava-a a sua proximidade. Infelizmente, acabou por regressar à Polónia. É claro que conseguia cheirar muito melhor as raparigas que por uns quaisquer estúpidos motivos de virgindade usavam pensos higiénicos. Porque era como se transportassem lá em baixo, durante todo o dia, o próprio sangue num tabuleiro. Já em relação às raparigas que recorriam a tampões desvirginadores para conter o fluxo do sangue, era-lhe um pouco mais difícil localizá-las. Tinha de farejar mais um bocadinho, mas acabava também sempre por dar com elas. Bem, aqui temos nós, portanto, esta alhada no bordel.

Eu respondo que sim. Ela diz-me que

então não quer foder comigo por causa da sida. Ótimo. Algumas putas dão umas risadinhas.

A Milena sorri e diz que tem uma ideia.

– Vem daí. Conheces *sponges*?

– Isso não é esponja em inglês?

– Eu sou tão má em inglês como em francês, mas ela dá-me razão. Isto hoje começa bem, penso.

Em que é que ela está a pensar? Sigo-a até ao quarto. O número quatro. Será o quarto dela, ou partilham os quartos? Na meia hora que me foi disponibilizada vou aproveitar para lhe perguntar tudo. Afinal paguei cinquenta euros. Não consigo decidir o que é melhor: foder

com prostitutas ou interrogá-las sobre tudo o que já fizeram com os homens ou os homens com elas. Isso também me entesa à brava. O melhor deve ser mesmo as duas coisas ao mesmo tempo: foder e perguntar.

Lá vai ela, completamente nua, com as suas sandálias de salto alto, tirar do armário um grande cartão. Isso dá-me a oportunidade de a observar demoradamente por trás. Adoro o seu cu. Se ela, daqui a nada, me lamber, hei-de aproveitar para lhe enfiar o dedo no cu durante o tempo todo. Aquilo que tem na mão é uma embalagem familiar de uma coisa qualquer. Tira lá de dentro uma peça que eu nunca vi. Um pedaço redondo de esponja, embalado em

plástico transparente. Parece uma daquelas bolachas chinesas com um presente surpresa.

– Isto é que são os *sponges*. Quando temos o período não devíamos, no fundo, trabalhar, por causa do perigo de contágio. E se usarmos tampões normais os clientes sentem no caralho. Os tampões são demasiado duros. O que fazemos, portanto, é enfiar estas esponjas o mais para dentro possível da vagina e elas conseguem absorver, durante algum tempo, o fluxo do sangue. As esponjas são tão macias que não há ponta de caralho no mundo que as consiga sentir lá dentro. Parece tudo carne de cona, mesmo se a apalparmos

com os dedos. Mas já vais poder experimentar. Deita-te aí que eu enfio-ta. Depois vou-te fazer um minetezinho à maneira, apesar de estares menstruada.

Milena é um bom pirata. E ainda por cima diz aquela palavrazinha: «cona». Eu não me atrevia.

Tenho perguntado por todo o lado, em drogarias e farmácias, mas uma cidadã comum não tem qualquer hipótese de comprar aquelas *sponges*, ou lá como se chamam. Se calhar, é preciso apresentar um documento que prove que somos prostitutas. É pena, porque me davam um jeitão. Nem todos os rapazes com quem costumo foder gostam de navegar no mar Vermelho. Com eles podia usar o

velho truque «meretrístico» de esconder o sangue. De contrário, acabo por falhar uma ou outra foda, só porque tenho de admitir que estou com o período aos rapazes que não apreciam uma boa foda de cabidela. Vejam bem, o azar às vezes até bate à porta da Helen.

O que tem mesmo de acabar é a constante imprevisibilidade com que a menstruação surge.

Eu, pelo menos, estava sempre a ser surpreendida. Antes de tomar a pílula, tal como agora, que a tomo, não para fins contraceptivos, claro, mas por causa das borbulhas. O raio do período nunca vem regularmente ou como devia vir. As coisas nunca acontecem como está descrito na embalagem. Não há cuecas

que escapem. Sobretudo as brancas. Se elas forem manchadas e eu tiver de andar com elas ainda durante algum tempo, o sangue, à temperatura do corpo, penetra no tecido e não desaparece, mesmo que seja lavado a noventa graus. Nem que lavássemos as cuecas brancas a duzentos graus, não há hipótese.

É assim que a minha colecção completa de cuecas apresenta, mesmo ao centro, uma mancha castanha. Mas não é nada a que uma pessoa não se consiga habituar, passados uns anitos. Será que com as outras acontece o mesmo? A quem é que eu poderia perguntar? A ninguém. É sempre assim, em relação a

tudo que eu quero mesmo saber.

Se calhar, as outras raparigas, mais limpinhas, passam a vida com aqueles pensos higiénicos, para protegerem sempre e a toda a hora as cuecas do próprio fluxo menstrual.

Mas eu não sou uma dessas. Se é essa única alternativa, então prefiro ter tudo cheio de nódoas de sangue castanhas.

Essas raparigas também não têm, de certeza, aquela linda crosta amarelinha clara no fundo das cuecas, que, ao longo do dia, vai sendo constantemente humedecida por cima, o que a faz engrossar.

Às vezes, um pedacinho dessa crosta enrola-se num pentelho como um

dreadlock e vai-se acumulando, devido aos movimentos constantes do andar, como pólen na patinha de uma abelha.

Adoro colher esse pólen e comê-lo. Um petisco.

De facto, não há nada no meu corpo que eu não goste de experimentar. E encontro uma utilização para tudo. Quando noto que há um macaco que, a pouco e pouco, está a ficar consistente no meu nariz, tenho logo de o tirar.

Quando era mais miúda até o fazia na sala de aula. Ainda hoje não consigo perceber onde é que está o mal em petiscar uns macaquitos de vez em quando. De certeza que não faz mal à saúde. Na auto-estrada farto-me de ver

peessoas que, quando pensam que não estão a ser observadas, catam rapidamente o seu macaco para o meter na boca.

Se o fizermos durante as aulas somos logo gozadas e deixamo-nos rapidamente desses hábitos. A certa altura, passei a fazê-lo só lá em casa, sozinha ou diante do meu namorado. Pensei que era aceitável. E faz parte integrante de mim, esse pequeno passatempo. Mas li nos olhos do meu namorado que aquilo era de mais para ele.

Desde então, vivo uma vida dupla de quarto de banho. Sempre que vou mijar ou cagar, esvazio o nariz e encho a barriguinha de macaquinhos. Fica-se

com uma sensação libertadora no nariz. Mas esse não é o motivo principal que me leva a fazer isso. Quando descubro um pedaço de macaco seco e o puxo com jeitinho – para que o pedaço de ranho que vem atrás não se descole e o caracol venha, por assim dizer, completo – sinto um grande tesão. É o mesmo que me acontece com o cabelo na passarinha. Ou a crosta de pólen no pentelho. Dói um bocadinho e faz crescer o tesão. E tudo isso vai parar à boca, onde é lentamente triturado e mastigado pelos dentes caninos, para que eu possa saborear tudo muito bem. Não preciso cá de lenços de papel. Sou eu que engulo o meu próprio lixo. Uma

verdadeira máquina de reciclar dejectos orgânicos. E sinto o mesmo tesão quando limpo a cera dos ouvidos com um cotonete. Gosto de escarafunchar até lá mesmo ao fundo.

Essa é, aliás, a minha recordação de infância mais forte. Estou sentada na beira da banheira, a minha mãe limpa-me os ouvidos com um cotonete humedecido em água quente. Uma espécie de cócegas agradáveis, que pode logo transformar-se em dor se tocar lá no fundo. Passam a vida a dizer-me que não devo usar cotonetes, porque isso só empurra a cera para dentro e lesa o interior do ouvido. E que não é bom usar muitas vezes os cotonetes, porque o ouvido fica demasiado limpo e

porque a cera serve para proteger o ouvido interno. Estou-me nas tintas. Também não faço isso como limpeza, mas para auto-satisfação. Várias vezes ao dia e de preferência quando estou na retrete.

Mas voltemos às rapariguinhas limpas. De certeza que cada vez que vão ao quarto de banho deitam fora a bela crosta acumulada nos pensos higiénicos. E depois toca de acumular mais no novo penso. Que desperdício.

E essa gente de certeza que também nunca se esquece de que está com o período. Nem sequer quando estão no hospital cheias de dores. A maior obrigação na sua vida é impedir as

nódoas a todo o custo. Comigo é o contrário.

Pronto, cá está ele a escorrer, o sangue. Eu bem sabia. Vou buscar o *tupperware* gigante que está ali à janela, pouso-o em cima da minha barriga e ando para ali a remexer, até encontrar os panos de gaze quadrados. Calculo que tenham dez por dez centímetros. Desta vez vou experimentar construir um tampão com um destes panos, em vez de papel higiénico.

No fundo, ainda devia funcionar melhor e, ao contrário do papel higiénico, absorver também. A ver vamos. Tiro um dos panos e volto a pôr a caixa de plástico no peitoril da janela.

Dobro um bocadinho de um dos lados, para ficar com um princípio, de modo a poder enrolar a seguir todo o pano. Agora parece uma salsicha. Depois volto a dobrá-lo em forma de ferradura, ou como se faz com um *strudel* de maçã comprido, para que caiba no forno, e enfito-o com a extremidade grossa dobrada para a frente, o mais para dentro possível da vagina.

Fico sempre muito contente quando consigo pregar uma partida à poderosa indústria dos tampões.

Cheiro o dedo que usei para introduzir o meu «tampão-feito-à-mão» e constato um certo odor a rata já semi-amadurecido.

Numa das minhas inúmeras visitas a um bordel, uma prostituta contou-me uma vez que alguns homens adoram ir às putas com a picha suja e exigem que elas lhes façam um broche. Ela achava que se trata de um jogo de poder. São os clientes de quem ela menos gosta, os malcheirosos. Mas só os que cheiram propositadamente mal. Contra os outros, que fedem involuntariamente, não tinha nada a opor.

Eu quis então experimentar também, no papel de cliente. Passei bastante tempo sem me lavar e pedi a uma puta para me fazer um minete. Só que para mim não fez diferença nenhuma, em comparação com o ser lambida limpa.

Acho que esse tipo de jogos de poder não são para mim.

O que é que posso fazer agora para me livrar desta seca desta solidão?

Podia meditar, por exemplo, sobre todas aquelas coisas úteis que já consegui aprender ao longo da minha tão breve vida. Com isso posso distrair-me, pelo menos durante alguns minutos.

Eu já tive um amante muito velho. Gosto da palavra «amante», soa tão antiquada, é muito melhor do que dizer por exemplo «ganhão». Ele era muitos, mas mesmo muitos anos mais velho do que eu. Aprendi imenso com ele. Queria que eu soubesse tudo sobre a sexualidade masculina, para que de futuro nenhum homem pudesse gozar comigo. Agora sei pretensamente muito sobre a sexualidade masculina, mas não sei se o que aprendi é válido para todos os homens, ou se eram só as manias dele. Ainda tenho de tirar isso a limpo. Uma das suas teses principais postulava que se deve sempre enfiar o dedo no rabo de um homem quando se está fazer

sexo com ele. Ajuda-os a virem-se. Até agora, só posso confirmar isso. Ficam doidos. Mas o melhor é não puxar à baila o assunto, nem antes nem depois. Devem achar que isso é coisa de paneleiros e ficam inibidos. Há que fazer isso simplesmente e depois comportarmo-nos como se nada tivesse acontecido.

Esse meu namorado velho também me mostrou muitos filmes pornográficos. Achava que não só os homens, mas também as mulheres podem aprender muito com isso. E é verdade.

Foi aí que vi pela primeira vez passarinhas de mulheres pretas. Caramba, aquilo é que é uma coisa impressionante. Como elas têm uma pele

tão escura, as cores do interior das suas pachachas sobressaem muito mais quando os lábios são esticados para fora do que as das brancas. Aí o contraste cromático já não é tão forte. Acho que tem que ver com as cores complementares, ou qualquer coisa assim do género. Um rosa-*pink*-de-rata ao lado de um tom de pele rosa-claro é muito menos curtido do que um rosa-*pink*-de-rata ao lado de um tom de pele castanho-escuro. É que em contraste com o castanho-escuro o rosa-*pink*-de-rata parece lilás-escuro-azul-avermelhado. Inchado e a pulsar.

Foi o que eu disse. Cores complementares. A cor de pele castanha

só valoriza o rosa-*pink*-de-rata. Faz-lhe uma verdadeira vénia.

Isso impressionou-me tanto que, desde que vi aqueles filmes, não passo sem pintar a chochota antes de me encontrar com alguém para dar uma fodinha. Para isso uso as cores normais, o *rouge* que costumamos pôr na cara. Até agora, ainda não encontrei um *rouge* vaginal em nenhuma drogaria. Um nicho a explorar.

Faço como quando pinto os olhos, vou escurecendo de fora para dentro. Começo com uns tons leves de rosa, com *baton* e sombra para as pálpebras, e vou trabalhando os folhos e entrefolhos e todas essas reentrâncias

labiais, até que termino lá mesmo ao fundo, à entrada do túnel, numa apoteose de vermelho escuro, lilás e azul. Também gosto de acentuar o castanho róseo da roseta com umas discretas pinceladas de *baton* vermelho, aplicadas a dedo.

Tudo isso torna o conjunto da rata e da roseta mais dramático, profundo, resplandecente.

Desde que soube que as mulheres pretas têm as ratinhas mais vermelhas, só quero ir com putas pretas. De resto, não encontro, no meio ambiente em que estou inserida – na escola e nas redondezas, portanto –, nenhum ser feminino de raça negra que me interesse.

Como solução só me resta a prostituição. Um problema que muitos homens devem conhecer.

Uma vez, tive uma experiência horrível com uma prostituta branquíssima. Tinha um tom de pele cor de requeijão, cabelos ruivos alaranjados, era um bocadinho para o cheio e, como se não bastasse isso, estava toda rapada. Mas mesmo toda, não havia ali nem um pentelhozinho. Lá em baixo parecia um requeijãozinho recém-nascido.

Eu já estava a lamber os beiços, só de lhe imaginar as tetas, que dentro da blusa tinham um belo aspecto. Grandes e empinadas. Mas quando ela se despiu e

tirou também o *soutien*, foi grande a minha desilusão. Tinha uns melões descaídos com os mamilos virados para dentro.

Se há algo que eu não suporto são mamilos virados para dentro. A única coisa que os mamilos devem fazer é ficarem espetados para fora.

Mas não era o caso. Como se alguém tivesse carregado com o dedo naqueles mamilos e os tivesse enterrado para dentro do peito, onde se tinham deixado ficar, aterrorizados. Como minúsculos biscoitos mal paridos.

Eu pensei: agora já cá estou e vou ter de pagar. O melhor, portanto, é fechar os olhos e ir em frente. Já houve prostitutas

que me contaram que alguns homens, quando não lhes agrada o estado de nudez das putas, dão meia-volta, recusam-se a pagar e exigem outra. Isso eu ainda não consigo fazer. Sou ainda demasiado principiante e bem-educada.

Teria de lhe dizer na cara que não valia nada. Não, é melhor não. Não tenho esse descaramento.

Eu começo logo a racionalizar, a convencer-me de que também pode ser uma experiência importante fazer sexo com alguém que acho feia e desato logo a fazer-lhe um minete.

Ela cruza os braços atrás da nuca e não faz nada. Sou eu que tenho de fazer todo o trabalho. Eu lambo-a, esfrego como doida a minha rata contra o seu

joelho dobrado e venho-me rapidamente. Sim, porque eu cá sou a rainha da esfregadela. E ela impassível, nem sequer se mexeu. Uma puta muito mandriona. Não sabia que isso existia.

Depois de eu me ter vindo, ela levanta-se e põe-se à procura de um aperitivo qualquer. Que encontra logo. Mama o espumante que me custou os olhos da cara e começa a mastigar uns peixinhos picantes. Ficou muito admirada por eu me ter vindo tão depressa e pergunta-me se já fiz sexo anal.

Não sei o que é que ela está a pensar, mas digo que sim, até porque é verdade.

– Como é que é? Não dói?

O quê? Quem é que é a puta aqui? Decido que, na qualidade de jovem cliente, não me cabe a mim estar ali a ensinar-lhe a nobre arte do sexo anal e ponho-me a andar. E até me vim muito bem, se bem que o requeijão ambulante não tenha tido nada que ver com isso. Pura mecânica.

As prostitutas são sempre mais velhas do que eu, mesmo as mais novas. Talvez por isso pense que elas têm de ter sempre mais experiência do que eu nos domínios da pura javardice. Mas nada disso. Dizem por exemplo: nada de beijos, nada de sexo anal. E não aprendem nada nessas especialidades. Talvez lá tenham os seus motivos.

Talvez haja muitos clientes que não preparam convenientemente o olho do cu das raparigas, antes de lhes irem à peida. Nesse caso pode doer mesmo. E se calhar elas não dão parte fraca e então ainda dói mais.

Tudo depende, conforme o comprimento e a grossura da pila que me vai ao cu, assim eu tenho primeiro de me preparar com os meus exercícios de dilatação, ou pelo menos com muito álcool, ou com qualquer outra coisa anestésiante.

Enquanto a sessão está a decorrer, não deixa de ser bom. Muitas vezes só no dia seguinte é que percebemos que exagerámos na avaliação da própria

capacidade de dilatação.

A cena com a ruiva foi, de um modo geral, uma experiência para esquecer. Agora cada vez que vejo uma ruiva de pele muito branca rio-me para com os meus botões, penso que é uma molengona e mandriona na cama, que não tem pentelhos – em parte nenhuma, como uma alienígena – que gosta de comer peixinhos picantes e que nunca teve nada dentro do cu. E que os seus mamilos são invertidos e apontam na direcção errada.

Uma vez, o meu pai, numa festa, virou-se para uma amiga da minha mãe que é ruiva e disse:

– Telhado de cobre tem a cave sempre húmida.

Qual quê!

E que mais, Helen? O que é que vais fazer agora? Já arranjaste um plano?

Podia olhar lá para fora, pela janela, e concentrar-me na Natureza durante o máximo tempo possível. Estamos no Verão. Lá fora, no parque do hospital, os castanheiros estão em flor. Um tipo qualquer, de certeza um desses arquitectos paisagistas, cortou ao meio uns barris grandes de plástico verde e plantou-os. Se não me engano, com brincos-de-princesa e lágrimas-de-sangue. São as minhas flores preferidas. Uns nomes tão românticos. Lágrimas-de-sangue. Foi o meu pai que me explicou. Lembro-me de tudo o que o meu pai me

explica ou ensina. No fundo, nunca mais me esqueço. Já com a minha mãe não é assim. Mas também é verdade que o meu pai quase nunca me quer ensinar coisa alguma, talvez seja por isso que eu aprendo melhor com ele. A minha mãe passa todo o santo dia a falar de coisas que eu devo aprender. Coisas que ela pensa, que ela acha que são importantes para mim. Metade daquilo esqueço imediatamente, entra-me por um ouvido e sai pelo outro. Quanto à outra metade, faço de propósito o contrário. O meu pai só me ensina coisas que são importantes para a sua vida. Tudo sobre plantas. De repente, vira-se para mim e diz: «Sabias que no Outono as dalias são retiradas da terra do quintal e levadas para a cave,

onde passam o Inverno? Para na Primavera voltarem a ser plantadas no quintal?»

Claro que ainda não sabia. *Poing*. Nunca mais me esqueço. O papá tem um grande orgulho nos seus conhecimentos da Natureza. A mamã tem medo da Natureza e daquilo que sabe acerca dela. Parece que está sempre a lutar contra ela. Luta contra a sujidade na lida da casa. Luta contra os mais variados insectos. Também no quintal. Contra as bactérias de todos os géneros e feitios. Contra o sexo. Contra os homens e também contra as mulheres. No fundo, não há nada com o qual a minha mãe não tenha um conflito qualquer. Uma vez

contou-me que lhe doía quando fazia sexo com o meu pai. Que o seu pénis era demasiado grande para o interior dela. Essa informação faz parte do conhecimento que eu não quero aceitar. No fundo, eu estava era a tentar concentrar-me na Natureza lá fora. Isso deixa-me mais bem disposta do que se me puser a meditar sobre as relações sexuais dos meus pais. É que eu imagino tudo com todos os pormenores e essa imaginação fértil e precisa torna-se, muitas vezes, bastante desagradável.

Helen, vá, mata esse pensamento dentro de ti.

Pronto, lá está outra vez o tédio.

A mamã diz sempre:

– Quem está aborrecida é, ela

própria, aborrecida.

Pois, pois. Outra das baboseiras que ela manda cá para fora é: – Não viemos à Terra para sermos felizes.

Pelo menos os teus filhos não vieram, mãezinha.

Helen, uma nova tentativa. Se estás assim tão chateada podias ao menos combinar contigo própria voltar a olhar lá para fora pela janela. Boa ideia. Ocuparmo-nos com o meio ambiente. Não estarmos sempre debruçadas sobre o que temos cá em baixo. Agora, por exemplo.

Viro a cabeça instantaneamente para o lado e olho pela janela.

Relvados. Árvores. Castanheiros. E

que mais? Vejo um grande sumagre. No fundo, não preciso de dizer isso, porque esses arbustos são sempre grandes. Metem-me medo. Isso também foi o meu pai que me ensinou. Ter medo dos sumagres. Não são plantas de cá. Parece que vêm da Ásia ou qualquer coisa assim. E crescem muito mais depressa do que as nossas árvores. Quando ainda são pequenas – o que dura muito pouco tempo – desenvolvem um tronco comprido, fino, tipo borracha, que concentra toda a sua energia para crescer em altura.

E assim ultrapassam rapidamente a suas árvores vizinhas. Assim que ultrapassam em altura todas as outras árvores que estão à sua volta, estendem

uma enorme copa que as cobre a todas. E assim, tudo quanto ali cresce ao pé acaba por morrer, porque de cima deixa de vir luz e em baixo, no solo, a água é toda sugada pelas raízes do sumagre, que crescem num instante.

Mas isso ainda não é o pior. O pior é que como cresce assim tão depressa, o raio do sumagre é mesmo instável, em comparação com as nossas árvores. À mais pequena rajada de vento os ramos quebram-se. Bem feito. O que não é justo é que muitas vezes esses ramos acertam, ao cair, em pessoas que não sabem que estão nesse momento a andar por baixo de um sumagre asiático que não sabe lidar com o vento, só porque

está tão ocupado a dar cabo de tudo o que o rodeia que se esquece da sua própria estabilidade.

Eu cá, quando vejo um sumagre, dou uma grande volta para não passar por baixo dele. Não quero que na minha lápide venha escrito que fui apanhada por um.

Quando ando pelas ruas vejo rebentos de sumagres a crescerem por todo o lado. Até crescem por entre as frestas. Adoram reproduzir-se. Calculo que os jardineiros da cidade estejam sempre a arrancá-los, de contrário já estava isto tudo cheio de sumagres. Às vezes vejo que as pessoas deixam crescer no seu quintal um arbusto daqueles que foi lá parar. Os culpados são eles. Não tarda

muito e vai ser ele o único habitante do quintal. Eu é que não posso andar a tocar a todas as campainhas para explicar isso às pessoas. Dá demasiado trabalho. Infelizmente, nem toda a gente tem um pai como eu, que nos ensina coisas tão úteis.

As folhas são muito grandes. Ao meio um pecíolo comprido, em cima uma folhinha a fazer de cabeça e depois, de um lado e do outro, as outras folhas crescem simétricas. À esquerda e à direita, como os ossos das costelas. Escolho um ramo no arbusto lá fora e começo a contar as folhas. Hei-de arranjar maneira de me entreter cá dentro. Vinte e cinco folhas num único

pecíolo. Helen Olho de Águia. Ainda agora disse que são grandes, os sumagres. Demasiado grandes. O tronco é mais para o liso e esverdeado, parece a superfície de um pão escuro, com a crosta riscada. Até é agradável ao toque. Se nos atrevermos a pormo-nos debaixo da árvore, claro.

Basta de meio ambiente. Está na altura de voltar a falar de mim. Há já algum tempo que apalpei uma coisa aqui no meu braço direito. Vamos lá ver o que isto é. Empurro o ombro para a frente, agarro nas banhas do braço e viro-as com força para a frente. Cá está ele. Como calculava, um ponto negro. Também não sei porque é que os braços estão sempre cheios deles. A minha má explicação própria é a seguinte: há ali uns pelinhos que às vezes querem crescer e porque naquela zona há sempre uma constante fricção com as *t-shirts*, os pelitos vão ficando debaixo da pele e inflamam-se.

Isto dá-me oportunidade de praticar

outro dos meus passatempos favoritos: espremer borbulhas e pontos negros. Já reparei que o Robin tem um grande ponto negro na orelha. Para ser mais precisa, encontra-se na inserção do lóbulo, mesmo junto ao canal auditivo. Já reparei que muitas vezes as pessoas têm uns pontarrões enormes nesse sítio. Acho que ninguém lhes diz nada e assim o buraco do ponto negro tem montes de anos para se ir enchendo de porcaria e de sebo. Também já me aconteceu umas quantas vezes esquecer-me de pedir licença e atirar-me simplesmente às borbulhas das pessoas, para as espremer. Ao Robin também já quase o agarrei pela orelha. Lá consegui travar-me no último instante. Há muita gente

que não acha graça nenhuma, quando uma pessoa se põe a espremer-lhe as suas borbulhas sem antes perguntar. Sentem isso como uma violação da sua intimidade. Mas hei-de perguntar ao Robin se o posso espremer, quando nos conhecermos melhor. Aquele não me escapa. Refiro-me ao ponto negro, claro, o que está na orelha do Robin. Está reservado para mim. Quanto ao ponto negro no meu braço direito, aperto-o com o polegar e o indicador da mão esquerda e com um pouco de pressão a minhoca lá sai da toca.

E vai parar direitinha à minha boca.

Bem, isto já está. Agora controlemos a pequena cratera. Há uma gota de

sangue no buraquinho que se formou. Passo com o dedo por cima, mas o sangue não desaparece, deixa um rasto na pele.

Exactamente o que acontece com as minhas pernas depois da depilação, quando sou eu a rapá-las e não o Kanell. Meia bola e força. Na maior parte das vezes, o contacto com a água fria e o ficar ali, durante todo aquele tempo, em frente ao lavatório, deixa-me com pele de galinha. Depois, quando passo com a lâmina, rasgo a pele toda. Penso sempre que, no fundo, com os pêlos até ficava melhor. Em todos os poros onde havia pêlos fica um pontinho de sangue. Uma vez vesti uns *collants* por cima das

pernas feridas e consegui um efeito interessante. As meias quase transparentes, cor de pele, empurram cada gotícula para cima, provocando o tal rasto. Depois de o puxar todo para cima parece que tenho uns daqueles *collants* caríssimos de renda, com um padrão misterioso. Uso-os muitas vezes quando vou sair. Este método ainda tem outra vantagem. Eu gosto imenso de comer as crostas das minhas próprias feridas. Quando, depois de

uma dessas noites, dispo os *collants*, o atrito do tecido arranca novamente todo o sangue que entretanto secou e formam-se muitas crostas novas. Só preciso então de as deixar endurecer um

bocadinho, para as arrancar e comer.

Sabe quase tão bem como a «trampa do sono». Refiro-me às ramelas que a fadazinha dos sonhos nos deposita ao canto do olho.

Quando trato assim tão mal as minhas feridinhas das pernas acontece muitas vezes que um ou outro poro se feche, impedindo o pêlo que está por baixo de sair. E assim ele lá vai crescendo, só que todo enrolado e por baixo da pele. Como as raízes do abacate no copo. A uma certa altura, inflama-se e então lá entra em acção a boa da Helen. Até aí tive toda a paciência deste mundo. Apesar de o pêlo ter implorado durante todo o tempo: «tirem-me daqui! Eu quero crescer como os outros, ao ar

livre!»), eu refreei o meu ímpeto. O que não é nada fácil. Mas depois vem a recompensa.

Primeiro espeto a agulha no montinho inflamado e espremo o pus cá para fora. Da ponta do dedo até à boca a viagem é breve e rápida. A seguir vem o pêlo. Escarafuncho na ferida, até conseguir apanhá-lo. Parece sempre meio enfezado e retorcido, porque ainda não viu a luz do dia e foi obrigado a viver em condições muito opressivas. Agarro-o com uma pinça e puxo-o lentamente cá para fora com a raiz inflamada. E pronto. Muitas vezes, passadas algumas semanas, cresce, mesmo ao lado do sítio trabalhado, mais um desses meus

pequenos divertimentos.

Olha, está ali uma pega a saltitar no relvado tosquiado do hospital. Nos livros infantis as pegas roubam objectos brilhantes, como capas de rolhas, pedaços de folha de alumínio e anéis. Na realidade, roubam os ovos às pequenas aves canoras. Perfuram-nos à bicada e chupam-lhes o interior. Eu ponho-me sempre a imaginar como é que uma pega faz um buraco no ovinho de uma ave canora e o sorve, servindo-se do bico como se fosse uma palhinha. Ou procedem de outra maneira? Põem-se aos saltos em cima do ovo, até ele ficar feito em cacos, e depois debicam e sorvem a poça daquela nhanha toda do chão?

Eu tenho mesmo uma pancada com ovos. Antigamente, as crianças cantavam «Apanha-me se és capaz, buraco do ovo[3] ». Não queria dizer nada, era só uma rima. Eu é que levei tudo muito a sério.

Uma vez contei ao Kanell o que é que imaginava que aquilo significasse e uma tarde metemos mãos à obra.

«Buraco» igual a ratinha, claro.

E lá dentro um ovo, para «ovo no buraco».

Primeiro usámos um cru, mas esse partiu-se na mão de Kanell à entrada da rata. Não houve azar nenhum, não me cortei na casca ou coisa do género. Só que ficou tudo cheio daquela nhanha

muito fria.

Estivemos então a pensar se tinha mesmo de ser um ovo cru. No fundo não. Decidimos então cozê-lo. Bem durinho. Oito minutos. Duríssimo.

E toca de metê-lo cá dentro. Com isso tinha finalmente o buraco do ovo que eu sempre imaginei quando ouvia a rima infantil.

Desde então, ele tornou-se o nosso *insider*. Na verdadeira acepção da palavra.

Mas ainda há outra coisa que eu gostava de fazer com o Kanell. Sempre gostei de brincar com os gânglios linfáticos na região inguinal. Tinha a mania de os empurrar de um lado para o

outro por baixo da pele. Como se pode fazer também com a rótula quando se tem a perna esticada. Há pouco tempo quis que o Kanell me desenhasse o contorno de um gânglio com uma caneta de feltro. Para acentuar a forma. Como pintamos os olhos para acentuar a sua forma. Será que isto é já uma fantasia sexual? Ou uma invenção de embelezamento

corporal? Se fosse fantasia tinha de sentir tesão só de pensar nisso, não é? E é isso mesmo que acontece. E o que é que pode acontecer se pusermos em prática a fantasia? Já se viu que ele é bom a pôr em prática as minhas fantasias, o que não deixa de ser justo, pois eu, desde o princípio, tenho

apoiado também as suas de alma e coração.

Lá em baixo, no relvado, a pega começou a lutar com outra pega. Porque é que elas andam a lutar?

Nós, os humanos, classificamos as pegas como malfeitoras, só porque elas comem os bebés dos outros pássaros. Mas nós próprios comemos os bebés de quase todos os outros animais que estão na nossa ementa. Borrego, vitela, leitão.

Agora estou a ver lá fora o Robin a passear com uma enfermeira. As pegas pismam-se. Fico a olhar consternada para os dois pombinhos. Estou com ciúmes. Não pode ser. Cá está o instinto de posse a bater-me à porta, só porque

ele me fotografou uma vez a ferida do cu e eu lhe recitei uma conferência completa sobre cortes e costuras nas cuecas. E porque a enfermeira pode andar e eu não. Ou quando muito de uma maneira assaz limitada. Estão ambos a fumar. E riem. Rir de quê, palermas?

Também quero voltar a andar. Também vou andar – até à cafetaria. Tem de haver uma aqui, não é, Helen? É. Não foi o anjo verde que falou numa cafetaria? Vou devagarinho, pé ante pé, tal como estou, até à cafetaria, buscar um café. Assim mesmo, Helen, faz qualquer coisa de normal, esquece o Robin e a sua pega, ou os meus pais na cama, no truca-truca na bolinha. No buraco. Tenho todo o tempo do mundo.

Ótima ideia. Também me podia ter lembrado disso, sem ser preciso ver aqueles dois míseros amantes furtivos. Para mim, não há nada melhor do que o café para a digestão. Quero fazer o meu serviço à vontade, sem ter de avisar estes tipos aqui. Secretamente, só para mim. Para ter a certeza de que ainda o posso fazer e que ainda há uma saída de descarga lá em baixo. Não lhes digo nada. Para poder usar este sítio para voltar a juntar os meus pais. Para que aquilo que deve permanecer junto possa voltar a crescer junto.

Primeiro viro-me de barriga para baixo e deixo as pernas escorregarem devagarinho para o chão. Tiro um

analgésico da minha caixa de comprimidos e engulo-o. Posso precisar dele para o caminho. Interiormente, já estou equipada para a longa viagem. Mas exteriormente ainda não. Ainda estou com esta espécie de bata de anjinho. Atada em cima, em baixo com o cu ao léu. Não se pode andar assim, nem sequer num hospital, não é verdade, Helen? Lá por seres rectopaciente, isso não é desculpa. No corredor e na cafetaria deve andar imensa gente. A passo de caracol lá vou eu até ao armário, que alguém, por motivos de aproveitamento de espaço, encaixou na parede. A mamã disse que me pôs as coisas para vestir lá dentro. Abro a

porta. Só calças de pijama e *t-shirts*. Não vou conseguir. Para vestirmos umas calças de pijama temos de nos inclinar para a frente, primeiro enfiar uma perna e depois a outra. Ai porra! Isto estica-me de mais o cu. A boa da senhora não pensou num roupão ou numa coisa assim simples. E agora, Helen? Volto devagarinho para a cama e ponho-me a puxar pelo lençol, até ficar com ele solto nas mãos. Enrolo-me nele e ato-o nos ombros, para ficar parecida com um romano a caminho da sauna. Uma bela maneira de passear num hospital. Os salpicos de molho de merda também podem ser outra coisa qualquer. Podem vir da minha mania de andar a mamar

bombons de caramelo na cama, por exemplo. Olha que explicação mais credível, Helen! Mas deixa lá, por sorte também ninguém te vai perguntar o que isso é. As pessoas não são assim, não querem saber tudo ao pormenor. Toca a andar. Até à porta. Há três dias que estou aqui metida. Será que posso andar por aí a vadiar? Bem, vadiar não é bem o termo. Mas será que posso andar aqui a arrastar os pés pelo corredor, como uma avozinha moribunda? Se alguém me apanha pode recambiar-me imediatamente. O melhor é nem sequer perguntar antes. Abro a porta. Muita gente no corredor, todos muito atarefados. Pelos vistos, conhecem-se todos entre eles, riem e empurram coisas

de um lado para o outro. Cá para mim, estão só a fingir que trabalham, para o caso de o chefe do serviço aparecer. Não querem ser apanhadas a fumar na cozinha da sala das enfermeiras. O melhor é dar à língua enquanto se empurra qualquer coisa. A mim é que vocês não enganam. Passo por elas lenta e leve como uma sombra. Ninguém me cumprimenta. Acho que estou a andar tão devagar que elas nem sequer me conseguem ver com os seus olhos ansiosos. No corredor há tanta luz como no meu quarto. O linóleo reflecte a luz do chão. Parece uma água cinzenta. E eu levito, caminho sobre as águas. Deve ter que ver de certeza com o comprimido.

Ainda me lembro do caminho para o elevador. É algo que não esquecemos facilmente, mesmo passados dias. O caminho de retirada. Estou ali deitada o tempo todo no quarto, cheia de dores e sei perfeitamente por onde devo ir, sem que tenha consciência disso. Lá para fora e contornar à esquerda. Por todo o lado, no corredor, uns quadros cristãos muito tristes. Foram as enfermeiras que os penduraram, para agradar aos paizinhos. Mais tarde ou mais cedo vêm todos cá parar. Os pais. Serviço proctológico. Ontologia. Serviço de medicina paliativa. Qualquer coisa se há-de arranjar. Quando não tratam deles em casa, o que considero ser o melhor. Caminho muito inclinada para a frente,

agarrada à barriga, porque nesta posição não consigo chegar ao cu. Que me dói. Cheguei à porta de vidro que dá para o vão da escada. Só preciso de carregar com força no botão, como o Robin, para a enorme porta de vidro se abrir automaticamente. Fico ali parada sem passar. Esqueci-me do dinheiro. Merda. Toca a fazer outra vez todo o caminho de volta. Mas também agora ninguém repara em mim. Se calhar até posso andar por aqui. Também posso tratar da minha ferida, não é?! É um sítio muito pouco higiénico. Talvez o sítio menos higiénico que o Robin consegue imaginar. Quarto 208. O meu. Abro a porta e entro. Novamente silêncio.

Fartei-me de esbanjar energia por causa da minha estúpida tendência para o esquecimento. Procuro na gaveta do armário de cabeceira metálico e encontro umas notas das pequenas. Só pode ter sido a mamã que as pôs lá, enquanto eu dormia. Se calhar até me disse. Ou fui eu que sonhei? Que porcaria de memória. De qualquer forma, cá tenho o meu dinheiro. Guardo-o na mão enquanto me ponho novamente a caminho. É que ainda não há lençóis com bolsos. O cu lá se vai habituando aos movimentos das pernas. Já consigo andar um bocadinho mais depressa do que na minha primeira tentativa. Tem que ver de certeza com o efeito do comprimido. Durante todo o percurso

não tiro os olhos do chão. Vamos lá ver até onde consigo ir sem que alguém me aborde por causa do meu estilo de roupa. Carrego no botão *buzz*. A porta abre-se e desta vez eu sigo em frente. O vão das escadas é como um novo mundo. Aqui misturam-se várias doenças. Já não se vêem só rectopacientes e enfermeiras do cu. Também vejo uma velhota com tubos no nariz. Os tubos do nariz terminam numa mochila ligada a uma estrutura de apoio para andar.

Pelos vistos, o problema dela é mais na cabeça do que no traseiro. Ora aqui está algo de novo. Tem uns cabelos grisalhos muito bonitos, apanhados numa

longa trança e enrolados várias vezes à volta da cabeça. E um roupão também muito bonito. Negro, com umas enormes sécias estampadas. E umas pantufas igualmente bonitas. De veludo negro. Através da pantufa pode ver-se um joanete junto ao dedo grande do pé. Que nestes casos cresce deformado, por cima dos outros dedos. E para o poder fazer vai empurrando a articulação cada vez mais para fora, até ficar muito desviado. Uma hálux destes, que é como aquilo se chama, possui uma forma destruidora. A longo prazo, dá cabo de qualquer sapato. Aqueles chinelos de veludo preto também não vão durar muito. Os dedos tornam-se como aqueles dentes que crescem tortos no maxilar e que se

vão empurrando uns aos outros. Mas ali é o dedo grande que ganha a luta. Eu que o diga, porque também tenho um joanete. Ou um hálux, é à vontade do freguês. Todos têm na minha família, tanto do lado materno, como do lado paterno. No fundo, vendo bem as coisas, péssimos genes. Só porque o dedo grande quer estar onde, no fundo, deviam estar os mais pequenos, estes têm de ir sendo amputados, à medida que o tempo passa. O meu tio, a minha avó, a minha mãe já quase não têm os outros dedos. A pouco e pouco, os seus pés vão-se transformando em cascos demoníacos.

Mas quero voltar a pensar em coisas bonitas e procuro algo para concluir a

minha observação desta avozinha.

É verdade, até as flebectásias são bonitas. Antes teria chamado àquelas veias protuberantes varizes, mas em rigor chamam-se flebectásias. Eu perguntei. Tudo nela é bonito. Só o hálux e os tubos é que não. Mas de certeza que não vai ficar muito tempo com os tubos. Deus queira que não tenha de morrer com eles.

Enquanto carrego no botão do elevador faço figas para que a linda velhinha se safe e cumprimento-a quase aos berros.

Para o caso de ela ser meia surda. Muitas vezes os velhotes assustam-se quando alguém lhes dirige a palavra. Já se habituaram a serem invisíveis para os

outros. Mas depois ficam contentíssimos por alguém os ter visto.

O elevador vem lá de cima.

Sei isso pela seta vermelha luminosa que aponta para baixo. Se bem me lembro, a cafetaria é na cave. Pelo menos era aí quando estive cá para a esterilização.

As portas do elevador separam-se ao meio com um chiar estridente e convidam-me a entrar. Lá dentro não está ninguém. Tudo bem. Carrego no U[4].

Ao lado vem indicado que a cafetaria também é ali. Aproveito a viagem para levantar a minha toga, com a mão onde tenho o dinheiro e para tirar o tampão

manufacturado com a outra mão. E deixo-o ali ao pé dos botões dos andares, assim mesmo, ensanguentado e pegajoso como está. No sítio que congrega todas as atenções no interior desta caixa móvel. Mesmo por baixo há uma barra, uma espécie de corrimão para as pessoas se agarrarem. Eu abro a ferradura e escarrancho o pedaço sangrento e peganhento mesmo a meio da barra. Pronto, já está. Toga outra vez para baixo, como se nada tivesse acontecido. A porta abre-se e aqui estão dois homens. Ótimo. Parecem pai e filho. Nesta família também não se fala muito sobre as coisas importantes da vida. Leio-lhes isso nos rostos. O pai está doente. Tem um tom de pele

macilento, cinzento-amarelado e usa um roupão. Talvez seja o tabaco. O filho deve ter vindo visitá-lo. Cumprimentos com um sorriso radiante:

– Bom dia, meus senhores.

E saio muito direita. A cena é breve. Os homens entram no elevador. O pano cai. Eu dobro-me novamente sobre mim própria e ainda consigo ouvir uma voz trémula, vinda do interior do elevador, exclamar num tom indignado:

– Mas o que é isto? Não pode ser...

De certeza que não se vão encarregar eles próprios de tirar aquilo. Nem lhes vai passar pela cabeça de que se trata de um inofensivo sangue menstrual. Parece um penso que caiu de uma ferida. Nem

sequer se consegue reconhecer a gaze como tal, tão embebida em sangue que está. Na verdade, até podia ser um pedaço de carne. Carne humana. Hoje em dia, toda a gente tem medo disso. Tocar em sangue. Vão logo avisar na secção em que saírem. O pai vai pôr-se à porta, para impedir que ela se feche e que o elevador siga com o meu tampão ensanguentado. E o filho põe-se à procura de uma enfermeira no corredor. Ela, por sua vez, vai ter de ir buscar umas luvas de borracha e um saco de plástico, para retirar o objecto. E eventualmente ainda um pano húmido para limpar a vara contaminada.

Depois irá agradecer ao pai e ao filho. Pela coragem cívica manifestada

no âmbito da higiene. E depois a minha obra vai parar aos recipientes para os resíduos hospitalares perigosos.

Já cheguei à cafetaria. Entretanto, o dinheiro já esteve em ambas as mãos e apresenta uma decente patina de sangue. Os dedos que enfiei na dita cuja também apresentam restos de sangue evidentes por baixo das unhas. Em contacto com o ar, o sangue torna-se castanho. Fica mais parecido com caca ou com terra. As minhas mãos menstruadas parecem agora as mãozinhas sujas de uma menina que andou a brincar na rua. Depois logo me encarrego de roer as unhas. Limpar as unhas com os dentes em público é logo interpretado como roer as unhas e

eu não gosto nada disso. Roer as unhas é reconhecido por quase toda a gente com uma fraqueza psíquica. Insegurança. Nervosismo. Deve fazer-se às escondidas. Comer ou ser comida. Um café, por favor. Como recompensa pela longa caminhada concedo-me hoje um com sabor a caramelo.

Pago com uma das notas besuntadas de sangue. E divirto-me a imaginar as voltas que ela ainda vai dar de mão em mão. Para já vai parar à gaveta da máquina registadora. Até chegar a altura de ser entregue como troco. Irá então para o porta-moedas de um doente, de onde seguirá, quando lhe derem alta – ao doente –, para o mundo. Quando me vem parar às mãos uma nota com marcas de

sangue, a primeira coisa em que penso é nos ferimentos provocados no nariz por *snifar* coca em excesso. Muitas vezes, a ponta enrolada da nota que é introduzida no nariz fica com sangue. Uns restinhos de macacos, um leve vestígio de sangue. Talvez nem seja bem assim. Há muitas maneiras de o sangue ir parar a uma nota. Levo a minha chávena de café e o troco para uma mesa desocupada na cafetaria.

Consegui. Estou aqui sentada como uma pessoa hospitalizada normal a beber o seu café. Para isso tive de percorrer um longo caminho, em que assustei pelo menos três pessoas com provas da mais debochada falta de

higiene. Um dia assaz satisfatório.

Enquanto aqui estou a saborear o meu cafezinho vou meditar sobre como posso ficar por cá mais tempo. Vou ter de infligir-me mais um ferimento, ou voltar a rasgar o antigo. Mas como é que posso fazer isso sem que pareça propositado? Para que os pais não desconfiem? Os pais e os médicos. A cafetaria está a ficar cheia. Pelos vistos, o pessoal gosta de vir cá beber um cafezinho a esta hora. A maior parte dos que aqui estão sentados querem ir-se embora o mais depressa possível. Eu quero ficar o mais tempo possível. Acho que as únicas pessoas que gostam de ficar hospitalizadas o mais tempo possível são os sem-abrigo. Na nossa cidade há o

«Willi Cego». Não faço ideia porque é que o chamam assim, até porque ele nem é cego. Pelo menos quando eu falo com ele. Gosto de lhe dar dinheiro. A mamã diz que dar-lhes dinheiro só serve para que eles se matem ainda mais depressa com o álcool ou com outras drogas. Ela sabe lá o que diz! Quando ia à cidade sem a mamã costumava conversar sempre com ele e aproximava-me sempre muito do seu rosto, para lhe cheirar o hálito. E não cheirava a álcool nem um bocadinho. Para já, nesse ponto ela não tinha razão. E quanto às drogas também lhe perguntei. Ele limitou-se a soltar uma gargalhada e a abanar a cabeça. Como acredito nele, passei a

roubar dinheiro do porta-moedas da mamã e a guardá-lo para ele. Sempre que ia à cidade sem ela, entregava-lho e dizia que era da parte da minha mãe. Com os seus cumprimentos. Mas avisava-o que não lhe agradecesse, porque ela não apreciava manifestações públicas de gratidão. Ele considerava-a uma senhora fina e humilde, amiga de dar, e não uma cristã falsa. Também roubei lá em casa mochilas e coisas para comer e vestir para o Willi. Ele sempre pensou que tudo isso

vinha dela. Quando eu passava por ele acompanhada pela mamã, olhávamos muito discretamente um para o outro e depois baixávamos o olhar com um sorriso conivente.

O Willi fica de certeza contente quando tem um problema qualquer na perna ou algo que lhe permita passar uma noite no hospital.

Eu ainda preciso de ficar hospitalizada muitos dias, para poder aproveitar as visitas dos meus pais para os voltar a unir. Se pudesse, comprava a cada um que por aqui anda a sua doença. Mas não vale a pena pensar nisso. De qualquer maneira, não funciona. Tal e qual como com a troca de peito com a minha amiga Corinna. Ela tem um peito grande com mamilos suaves e cor-de-rosa claros. Eu tenho um peito pequeno, com mamilos duros de um castanho avermelhado. Sempre que vejo as suas

mamas desenhadas na *t-shirt* quero à viva força trocar com ela. Imagino-nos a irmos a um cirurgião estético e como ele nos corta a ambas as respectivas mamas e as volta a coser na outra pessoa. Tenho até de me obrigar, de cada vez, a deixar de pensar nisso, porque apesar de eu o desejar tanto, é algo que simplesmente não é possível. Dá-me cabo do coração saber que ainda não dá para fazer algo desse género. Além disso, também tinha de perguntar à Corinna se ela estaria de acordo. Não posso fazer uma coisa dessas sem o seu consentimento. Ou talvez possa. Mas, nesse caso, de certeza que a perdia como amiga. De qualquer maneira, como

disse, não o posso fazer porque é pura e simplesmente impossível. Vê lá se metes isso na cabeça, Helen! Deixa de te torturar, sempre às voltas com o mesmo pensamento. E esta de andar aqui a matutar sobre quanto poderia pagar a alguém pela doença que tem é precisamente o mesmo desperdício de capacidade mental. Não funciona.

Aqui não consigo pensar com calma no meu plano de prolongamento de estadia no hospital. Estou a ser demasiado distraída pelo pessoal que está sentado à minha volta.

Também já reparei que o café está a fazer o seu habitual efeito em mim. Começa a gorgolejar e a fazer ruídos esquisitos na barriga. Eu reajo a uma

chávena de café como um qualquer indígena nos confins da selva à primeira chávena da sua vida. Com manifestações de intoxicação extremas. Enfio por cima meia chávena de café e no momento seguinte sai por baixo à pressão da caganeira fina. Uma vez fiz o teste do café e do chichi. Foi o meu pai que me ensinou. De manhã, quando acordamos, temos quase sempre de mijar, porque a bexiga andou a armazenar durante toda a noite. Quando depois vamos ao quarto de banho esvaziá-la, podemos partir do princípio que não temos quase nenhum chichi no corpo. Se então bebermos uma chávena de café, o organismo fica tão intoxicado que desata a produzir água

para se desenhencilhar o mais depressa possível daquela bebida venenosa. Logo a seguir a termos bebido a chávena temos de correr para a retrete e urinamos mais líquido do que aquele que ingerimos sob a forma de café. Consigo provar isso com rigor científico porque utilizo na retrete a mesma chávena de café como unidade de medida. O chichi transborda sempre. Consegui assim provar, para satisfação do meu pai, o efeito desidratante do café. A minha mãe não fica nada contente, porque acha que uma chávena de café não é para encher com urina.

Tenho de ir rapidamente para o meu quarto. Está a começar. O meu corpo defende-se contra o café. Agora não

posso, de maneira nenhuma, utilizar uma casa de banho pública aqui em baixo, se sentir vontade de cagar. Tenho imenso medo e preciso de paz e sossego. Também pode acontecer que me doa tanto que precise de gritar. E isso não é coisa que se faça aqui. E depois quero fazê-lo secretamente. Portanto, toca a andar para o quarto. Desta vez, excepcionalmente, nem sequer arrumo a chávena e o pires no carrinho com as bandejas para a loiça suja, apesar de, no fundo, querer portar-me como uma paciente exemplar. Em determinadas ocasiões

podemos proceder assim.
Levantarmo-nos simplesmente e

caminhar lentamente em direcção ao elevador. Não sem antes apertarmos com toda a força o que resta do esfíncter, para que não vá parar nada ao lençol.

Também me lembro a tempo de que ainda há pouco usei o meu «tampão-faça-você-mesmo» para uma brincadeirazinha. Logo, contrair e apertar tudo aqui em baixo é mesmo o melhor que tenho a fazer. Também no que à parte da frente diz respeito. Já estou a ver o escândalo. Descoberta uma romana com mancha de sangue na toga a passear na cafetaria. Há que impedir isso. Graças à minha excelente musculatura vaginal consigo reter o sangue durante bastante tempo. Depois,

quando me sento na retrete, sai tudo de uma vez. Quando chego ao elevador digo para mim própria que já consegui percorrer metade do caminho. No elevador só preciso de estar quieta e quando chegar ao meu andar vou ter de percorrer mais ou menos a mesma distância que andei aqui em baixo, entre a cadeira e a porta do elevador. *Bling*. Cá está ele. Ponho-me à procura do meu legado. Mas nada. Aliás, como calculei. O tampão levou sumiço. E nem a sombra de uma mancha de sangue se reconhece. Num hospital as manchas de sangue têm uma meia-vida breve. Enfio a ponta do polegar no meu reservatório sanguíneo e pressiono-o, como se fosse um carimbo,

precisamente no sítio onde retiraram o meu tampão. Cá temos então uma linda impressão digital oval. Não me apanham. A porta abre-se. Precipito-me para o quarto mais depressa do que as minhas dores suportam. A pressão torna-se cada vez maior. Estou muito preocupada com aquilo que está prestes a sair e com o modo como irá sair. Ponho-me em pé, de pernas abertas, por cima da sanita, retiro os tampões de gaze e a Natureza assume o comando das operações. Não vou aqui descrever tudo tintim por tintim. Durou muito tempo, doeu imenso, sangrou que se fartou e agora consegui. Aquilo por que todos aqui esperam. Mas que não hão-de saber. Construo uma nova bucha com

papel higiénico. E vamos arejar, o cheirete tem de desaparecer, senão estou feita. Primeiro que tudo, abro completamente o duche. Disseram-me uma vez que a água arrasta os maus cheiros pelo ralo abaixo. Deixo a porta do quarto de banho aberta e vou, ainda mais abatida do que o costume, até à janela que está ao lado da cama e abro-a o mais possível. Até cambaleio, devido às minhas dores pós-fecais. De volta até à porta do quarto de banho. E agora ponho-me a abrir e a fechar a porta com toda a força, para encaminhar a corrente de ar na direcção da janela. Já não consigo cheirar nada. Mas isto tem de ser convenientemente verificado. Saio

para o corredor e fecho a porta do meu quarto. Respiro fundo umas quantas vezes, até ter a certeza de que no nariz e nos pulmões já só tenho ar fresco e inodoro. Depois volto a entrar, tal como qualquer enfermeira entraria, e ponho-me a farejar atentamente. Não se nota nada. Os maus cheiros desapareceram todos. Não há vestígios. Missão cumprida. Fecho outra vez a água e provejo a minha menstruação com um novo tampão-feito-à-mão. Pronto. Calma. O que é que faço agora? Deito-me na cama e fecho os olhos. Primeiro descomprimir, ou passar-me com qualquer outro assunto.

Penso no Robin. Dispo-o. Deito-o completamente nu na minha cama de hospital e começo a lambê-lo, a partir do cóccix, muito lentamente, através de todas as reentrâncias das vértebras, até à nuca. Ele tem muitos sinais. Talvez devesse ir a um dermatologista. Seria uma peninha, se tivesse de morrer com cancro da pele. Mas ele é auxiliar de enfermagem, trabalha num hospital. Não vai morrer de uma doença não atempadamente reconhecida. Que morra atropelado por um carro, ou que se mate por causa de um amor infeliz. Porque se apaixonou por mim, por exemplo. Lambo-lhe novamente todas as protuberâncias costas abaixo. Até ao

regio do rabo. Afasto-lhe as nádegas e lambo-lhe o olho do cu. Primeiro em círculos, sempre à volta. Consigo espetar e endurecer a língua, enterrar a ponta no seu esfíncter contraído. A minha mão esquerda desloca-se por baixo do seu cu até à pila. Que está tão dura como uma pedra alongada e coberta de pele quente. Enterro um pouco mais a ponta da língua no seu cu e seguro na mão fechada a sua glande. Quero que ele me ejacule com toda a força nos dedos fechados, para que o esperma escorra para o outro lado. E é isso mesmo que ele faz. Nem pode fazer outra coisa, porque eu continuo a agarrar-lhe a glande. Aperto-a com toda a força. Volto a abrir os olhos. Que

grande debochado me saiu este Robin! Desato a rir. Fico toda satisfeita com a minha fantasia libidinosa. Nem sequer preciso de televisão para me entreter.

Batem à porta. Com a sorte que tenho é mesmo o Robin, que vai topar imediatamente o que andei a imaginar. Não. Uma enfermeira. Pergunta-me se já fui ao quarto de banho.

– Não, e você?

A enfermeira faz um sorriso amarelo e vai-se embora.

Helen, não eras tu que querias ser uma paciente exemplar? Sim, mas estas constantes perguntinhas e aquela frase «ir ao quarto de banho» deixam-me com os nervos em pé. Assim não aguento,

não posso continuar simpática. Toca a andar. Vou matar dois coelhos com uma só cajadada. Faço um chichi e vou ali ao corredor buscar água mineral para os meus caroços que estão no esconderijo. Deixo-me escorregar, como sempre, pela cama abaixo, até encontrar terra firme por baixo dos pés. A pouco e pouco, estou a começar a sentir umas pontadas. O anestésista bem me avisou. Cá estão elas outra vez. Dirijo-me lentamente ao quarto de banho, como uma pata choca, arrepanho a bata e urino em pé, de pernas abertas, como uma genuína doente do cu. Não preciso de puxar o autoclismo. Ninguém vem cá mijar, a não ser eu. Também é uma maneira de chatear os hiper-higiénicos.

Do lavatório tiro o copo para a lavagem dos dentes e encho-o com água até à borda. O papá explicou-me uma vez que a água pode passar da borda, por causa da tensão superficial ou uma treta assim. Já não me lembro ao certo. Hei-de perguntar-lhe quando ele vier. Assim até já fico com um bom tema para conversar. Com ele é preciso. Sobre coisas dessas até conversa animadamente durante o tempo que for necessário. Nessas alturas não há aqueles intervalos tão penosos.

Bebo de uma só vez toda a água que está no copo. Até nem é mau. Água sem gás, não tem de ser sempre com bolhinhas.

Deixo a bata atada em cima. Tenho vergonha que os meus colegas da escola me venham visitar, mas todo o pessoal aqui pode ver-me despida durante todo o dia. Bem, faço ideia do que esta gente já viu por aqui. Do quarto de banho não sigo logo para a cama. Abro a porta para o corredor e fico ali um bocadinho a olhar. A caminho da cafetaria reparei que há aqui no corredor um canto com uns sofás. Para os visitantes. Onde as pessoas podem preparar um chá e beber um café. Também havia umas grades empilhadas com água mineral. Para as pessoas se servirem a si próprias, de certeza. Bem, vou experimentar. Só espero que seja assim, porque para os

copos dos carochos preciso de mais do que uma garrafa. E as enfermeiras só nos trazem uma de cada vez, depois de termos bebido tudo. Isso para mim é muito complicado, estar agora a chatear as enfermeiras com as minhas manias. Dirijo-me até lá e deparo-me com uma família que está ali sentada, a conversar baixinho. As enfermeiras bem podiam aprender com eles. Um dos homens está de pijama e roupão, o que, aos meus olhos, o caracteriza como o rectopaciente deste grupo. Não estou com pachorra para o cumprimentar. Tiro três garrafas de água mineral da grade de cima e ponho-me a andar para o meu quarto. Chega-me até aos ouvidos um burburinho que revela a excitação que a

visão da minha parte traseira provoca no seio da família. Curtam a cena, meus, enquanto eu me afasto o mais depressa possível em direcção à minha gruta protegida.

Esgueiro-me por entre o peitoril da janela e a cama, até ao cantinho, sem que o cu toque em alguma coisa. Até ao sítio onde construí com a Bíblia a minha estufa de caroços de abacate. Protegida dos olhares indiscretos dos médicos, das enfermeiras e do Robin. Bem, até nem me importava que o Robin a visse. Um dia destes vou-lha mostrar. É um rapaz que já viu muita coisa. A propósito, também podia tirar umas fotografias ao estado actual do meu cu.

Tiro a Bíblia com todo o cuidado e volto a encher os copos. Assim, exposta ao sol, no peitoril da janela, a água evapora rapidamente. Pois é, não precisas de pensar que não tens nada que fazer, Helen. Há aqui seres vivos que dependem dos teus cuidados, minha menina. Vê lá se não te esqueces de os regar a tempo e horas. Alguns caroços já estão à sede e tu pensas que isto é tudo uma seca e estás brutalmente chateada. Coitada! Mas estão todos com bom aspecto. Às vezes, há um ou outro que começa a criar bolor e tenho de me livrar dele, apesar de me já ter dado tanto trabalho até aí. Na maior parte deles ainda nem sequer se podem ver as

raízes lá em baixo. Mas um já tem uma fenda e num outro começam a aparecer as raízes por baixo. Está tudo a correr bem com os meus caroços. Estão todos saudáveis. Volto a abrir a Bíblia para os proteger.

Ainda gostaria de ter aqui outra coisa. Visto daqui, o quarto tem um aspecto muito diferente.

Até agora, a vista que tive foi praticamente só a partir da cama. Desta perspectiva o quarto parece muito maior. Também não é de admirar, pois estou mesmo no cantinho. Com toda a força, lá consigo empurrar a cama uns quantos centímetros para o interior do quarto e escorrego com o tronco ao longo do canto, até o cu tocar no chão e

as pernas ficarem tão dobradas que os joelhos ficam em contacto com o esterno. Sinto o frio do linóleo do chão na passarinha e nas nádegas. Para dizer a verdade, até nem sei se o chão é mesmo de linóleo, mas é o que se costuma dizer quando se está num hospital. Esta posição força imenso a cicatriz do cu. Tenho de esticar as pernas e estendê-las por baixo da cama.

Um bom sítio para me esconder. Se eu não consigo ver a porta, quem entrar no quarto também não consegue ver a minha cara. As pernas de certeza que as podem ver. Mas é preciso que espreitem para baixo da cama, para verem se encontram uma determinada coisa. Só que ninguém

tem essa intenção quando entra no quarto. As pessoas entram, olham para a cama, e se não vêem lá ninguém partem do princípio que não estou ali, ou que estou no quarto de banho. Enfio a mão entre as pernas. Introduzo dois dedos e utilizo-os como uma pinça, para retirar o meu tampão-feito-à-mão. Deposito-o em cima do aquecimento, à altura do meu ombro. Ele fica ali a abanar um bocadinho e eu pressiono-o em cima, entre as lamelas, até ficar colado ao ferro. Não quero que caia em cima de mim. Só me faltava mais essa, ficar com nódoas de sangue nas costas ou num sítio qualquer inexplicável, que nem sequer eu consigo ver. Depois de fixar o tampão – por sorte, até se colou com

facilidade –, uso o dedo médio com a sua unha comprida, coloco-a mesmo sobre a trombinha perlada e primo-a com a unha. Vai, de certeza, ficar amolgada. Não faz mal, ninguém vê. É a maneira mais rápida de ficar húmida. A passarinha começa-me logo a pingar, tamanha é a produção de leite. Enquanto aquela mão se ocupa da trombinha perlada – aperto-a e esfrego-a com força, alternadamente – aproveito dois dedos da outra para os enfiar na passarinha. Depois de bem metidos, afasto-os lá dentro e começo a efectuar movimentos rotativos dentro de mim. Normalmente, costumo enfiar esses dois dedos no cu, à medida que o tesão vai

aumentando, mas agora não posso. Tenho o cu operado de fresco e obstruído com um bujão. Mas, pelo menos, sempre podia tentar apalpá-lo. Movo então para trás os dedos enfiados na rata. Parece uma parede de separação muito fina entre a passarinha e o cu. Agora posso sentir o bujão, apesar de estar com os dedos dentro da passarinha. A sensação não me é estranha. Não a presença do bujão, claro, mas da merda. Já os tenho sentido ali muitas vezes, aos cagalhotos, muito bem comportadinhos, na fila, à espera de saírem. E se pusermos os dedos na entrada da passarinha podemos apalpar os cagalhões através daquela fina parede separadora. Gostava de saber se

os homens já alguma vez sentiram isso quando fazem sexo comigo.

Mas nunca falaria de uma coisa dessas. Também não deve parecer o tema de conversa apropriado, quando estamos prestes a enfiar a picha dentro de uma mulher.

«Eh, porra, sabes o que é que estou agora a sentir dentro de ti, aí atrás?»
Não, de facto, muito improvável.

Também gosto de sentir o esfíncter a trabalhar através da parede da vagina. Só preciso de contrair o rabo e posso sentir o músculo por dentro.

No prado, estava uma vaquinha, aleluia, cagava e peidava-se, enquanto eu me vinha, ale-lui-ia.

Agora tenho vontade de explorar a parede anterior da passarinha. A posterior já está mais do que explorada.

Se virar ambos os dedos completamente ao contrário, o que me deixa mesmo muito doida, pois adoro esses movimentos de rotação rápidos executados lá dentro, chego logo à parede da frente, mesmo por baixo da púbis. Aí o interior da rata parece um tanque de esfregar roupa. Diz-se que os homens com barrigas muito musculadas têm um tanque de esfregar roupa na barriga, mas não é bem assim. A parede anterior interna da passarinha é que é mesmo como um tanque da roupa em miniatura. Ou como um daqueles

raladores de queijo. É isso: um ralador de queijo. Uma paisagem cheia de elevaçõezinhas duras, semelhante ao céu-da-boca, mas com altinhos maiores. É como quando um leão boceja e uma pessoa espreita lá para dentro, para o céu-da-boca, é essa a sensação que se tem quando se está a apalpar a parede da frente da passarinha.

Se a pressionar com força tenho a sensação de que estou prestes a mijar para a mão e geralmente venho-me logo. Quando me venho dessa maneira também ejaculo um líquido parecido com esperma. Cá por mim, se for a ver, não há grandes diferenças entre homens e mulheres. Mas hoje não me quero vir assim.

Tenho de ver se acabo com estas explorações internas.

Vou precisar agora de ambas as mãos. Esfrego com toda a força as cristas de galo com ambos os indicadores. Agora, agora, uma mão ergue-se. Quando me venho gosto de me agarrar a coisas.

No meu caso, costumo vir-me rapidamente.

De repente, estou completamente molhada. Está gelado. Pronto, já não há nada p'ra ninguém. Entornei o copo de um abacate e a água escorre-me toda pela cabeça e pelo peito. Olho para baixo. A bata ficou transparente. Os mamilos castanho-avermelhados transparecem e estão todos espetados e

cheios de frio. Caso haja hoje aqui no hospital um concurso Miss TShirt Molhada, quem vence sou eu.

Primeiro do que tudo, prossigo com o meu plano. Levo o dedo médio novamente à minha trombinha perlada e fricciono-a com minúsculos movimentos rotativos. Pronto, já estou a ficar outra vez muito doida, e depois também vai aquecendo um bocadinho por baixo. Mas o tesão que se propaga pela bacia não consegue sobrepor-se ao desconforto da água fria. Nem sequer isso funciona. Nem sequer consigo esconder-me debaixo da minha cama de hospital para, na paz do Senhor, me masturbar como deve ser. Normalmente, esse até é o meu exercício mais fácil.

Sinto muito, Helen.

Estou a tentar levantar-me, e já consegui erguer o cu uns centímetros acima da poça de água, quando batem à porta. E como sempre, a porta abre-se em simultâneo com as batidas. Aqui ninguém espera pela licença para entrar.

Tenho a certeza de que seguram a maçaneta com a mão direita e batem com a esquerda. Ao mesmo tempo que batem, abrem a porta.

E assim lá me vão apanhando com a mão na massa. Ou na pardala. Já me desabituei de tirar a mão de repente, ainda dá mais nas vistas do que deixá-la simplesmente onde está.

Num hospital não há segredos. Eu,

pelo menos, exponho todos os meus segredos. Senão, teria de odiar profundamente todos estes «empata-orgasmos».

Consigo ver uns pés e um cabo com uma esfregona larga. Está na hora da mulher das limpezas.

Não quero que ela me veja. Serpenteando em linhas suaves, a esfregona move-se pela superfície do chão. Um bicho que se aproxima de mim. Retenho a respiração. Pensamos sempre que é a respiração que nos vai atrair. Mas, no fundo, é uma estupidez. Normalmente respiro de uma forma muito silenciosa. Ela começa junto à porta e vai avançando, ao longo da frente do armário, em direcção à cama. Em linhas serpenteantes. De um lado para o outro. Vejo migalhas que ela apanha e arrasta. Descubro cabelos, compridos e escuros, provavelmente meus, de quem é que haviam de ser? Pouco antes de se enredarem nas

tranças molhadas da esfregona. A larga esfregona também empurra à sua frente ninhos de pêlos, aquelas lindos tufos em que se acumulam e emaranham cabelos com partículas de pó, raminhos e borbotos de lã das peúgas. Ela vai avançando lentamente, sempre a limpar, até ao armário metálico. De certeza que vai também passar a esfregona por baixo da cama, só de pensar na dor já estou a encolher as pernas. De facto. A previsão foi perfeita. Agora vejo o cabo encostado à cama. Parou de limpar. Oíço um barulho metálico. Está a abrir a tampa do caixote de lixo cromado que está em cima da mesa-de-cabeceira.

– Bah.

Ela disse alguma coisa. O que é que ela quer dizer com aquilo: Bah? De certeza que tem que ver com os panos que deitei fora. Ela que não meta o nariz onde não é chamada. Que culpa tenho eu?

Oiço-a a abrir a gaveta do meu armário.

Querem ver?! Não pode ser. O que é que ela está ali a fazer? Tira daí as patas! Aí não há nada para arrumar, só para roubar. O meu rico dinheirinho.

A gaveta é novamente fechada. Espera lá, que já vou ver se falta alguma coisa. Um jogo muito apreciado, antigamente lá em casa. O meu pai tirava um objecto qualquer do armário ou de cima da

mesa, enquanto nós olhávamos para outro lado, e depois tínhamos de adivinhar o que faltava.

Sou uma especialista. Espera aí, que já te apanho, minha grande...

Olho para o chão lavado e brilhante. Está a deixar marcas de pegadas na superfície ainda molhada. Pois, é verdade. Não devia ter começado por ali. Não pode ser, começa pela porta e depois anda por ali às voltas, a deixar marcas e a sujar tudo de novo. Quando se for embora, vai ficar tudo mais sujo do que estava antes. Talvez seja novata. Também lhe podia dizer, discretamente, só como dica. Vejo agora os seus pés avançarem para a porta, enquanto arrasta atrás de si a esfregona como uma

cauda demasiado comprida. Pronto, todas as pegadas desapareceram. Tanta irritação para nada, Helen. Sim senhora, uma técnica interessante.

Ela fecha a porta atrás de si. Antes disso, já eu comecei a levantar-me atrás da cama.

Tão depressa quanto me permite o tampão no cu, arrasto-me até aos pés da cama, contorno-a e precipito-me para o armário metálico.

Abro a gaveta e olho, e olho... e verifico que não falta nada. O que não deixa de ser um grande alívio, porque seria horrível se a mulher das limpezas roubasse doentes no hospital. Eu denunciava-a e ela perdia quase de

certeza o emprego.

Mas por que raio é que ela foi abrir a gaveta?

Talvez só esteja interessada em ver o que as pessoas têm. Talvez seja uma mania, ou talvez ela seja fetichista. Também se pode dizer que é um passatempo.

Isso nunca se descobre. Mesmo que eu lhe perguntasse, tenho a certeza de que ela não responderia honestamente. Infelizmente, as pessoas são assim mesmo.

Eu cá não me importava de admitir sinceramente os meus fetiches. Mas a mim ninguém me pergunta. Ninguém se lembra de o fazer.

Volto a examinar tudo com a máxima

atenção. Fico ali a pensar. Mas está tudo no seu lugar, não falta a mínima coisinha.

Trepo novamente para a minha cama e toco a campainha de urgência. Aparece logo uma enfermeira, com uma rapidez surpreendente, e eu explico-lhe que a mulher das limpezas acabou de sair, mas que não viu uma grande poça de água ali no canto. Minto e digo que entornei ali um copo de água. Muito convincente, Helen. Às vezes, és mesmo esquisita. Como é que achas que isso podia acontecer? A não ser que o tivesses atirado, com toda a força, contra o canto. Mas a enfermeira não faz nenhuma pergunta, nem sequer fica

espantada, pelo menos não me apercebo de nada. E vai buscar a empregada da limpeza ao corredor.

Ela entra e fica a olhar para mim, muito espantada, ao ver-me ali de repente, deitada na cama. Eu cubro com o cobertor a camisa de noite encharcada e transparente.

A enfermeira aponta para baixo da cama e explica num tom autoritário e arrogante, e num alemão propositadamente primitivo, o que ela deve fazer.

A enfermeira desaparece pela porta mágica. A mulher das limpezas destrava a cama, sem me perguntar se o pode fazer, e empurra-me, juntamente com a cama, para longe da janela. Embora seja

uma sensação fixe, como se estivesse a voar num tapete mágico, ou como imaginamos uma *trip* dessas, que na verdade não existe, não é? Mas nada de dar a entender que estou a gostar, porque é suposto que uma pessoa fique chateada quando a arrastam assim, na cama, de um lado para o outro, como se fosse um objecto ou estivesse num estado vegetativo.

Além disso, e ao contrário do que acontece quando estou sentada no acento de um carro, na minha cama de hospital fico muito sensível às curvas e às travagens. Quando, depois de empurrar uns bons dois metros, ela trava de repente, eu quase que caio da cama

abaixo. E solto um grito lancinante. É o que faço sempre que me acontece uma coisa, boa ou má. Grito muito alto. Quanto tropeço ligeiramente, lanço logo um grande grito. Cá para mim é sempre a abrir, senão ainda tenho um cancro. Na cama também costumo ser bastante barulhenta. Agora também estou na cama, mas de uma maneira diferente.

Logo a seguir ao meu grito, vejo estremecer o canto da boca da empregada da limpeza, mas é para cima, e não para baixo. Ah, com que então estás a gozar, não é? Agora é que fico mesmo lixada. Prometo a mim mesma que quando um dia ela estiver internada num hospital, completamente à mercê do próximo, também lhe hei-de arrastar a

cama de um lado para o outro, mesmo que se ponha a gritar. Sempre quero ver se curte a *trip* d'Aladino, e se começar a gritar também vou revirar assim os cantos da boca para cima, para ver se aprecia. Juro que o faço. Pois, Helen, és terrível.

Enquanto eu vou imaginando toda esta expedição vingativa à *Mil e Uma Noites*, ela já começou a limpar a poça. É rápida com a sua esfregona. Desenha uma e outra vez o sinal do infinito que aprendemos na escola na superfície molhada, até absorver por completo a água. Um oito deitado. E mais uma vez, e outra vez mais.

De repente, lembro-me de uma coisa.

Os meus pulmões, ou o coração, ou o que raio é que está cá dentro, dá um salto tão grande que até me sinto mal. O meu olhar procura as lamelas do aquecimento e lá está ele. O tampão de gaze cheio de sangue. Oh, não, esqueci-me. Até agora, ainda não o viu. A limpeza da superfície de depósito do aquecimento encaixado na parede não deve ser da sua responsabilidade. Pode ser que tenha sorte e ela limita-se a limpar o chão molhado por baixo das lamelas, para o secar, sem olhar um pouco mais para cima. Tento acalmar-me a mim própria com estas conjecturas. Desejo desesperadamente que ela não dê com o tampão. Estranho, há coisas tão simples que por vezes se tornam

horriavelmente penosas para mim. Se ela já diz «Bah!» quando olha para o meu caixote de lixo, então o que é que dirá se descobrir o tampão? Por favor, não.

Eu agradeço e peço-lhe que me empurre outra vez para junto do peitoril da janela, apesar de ela ainda não estar pronta. Quero que me leve para o meu sítio habitual, como se faz com uma doente numa cadeira-de-rodas, e se ponha a andar dali para fora.

Ela encosta a esfregona à parede do fundo, agarra com as suas mãos fortes a vara que acompanha a extremidade da cama a toda a largura, e toca a andar, vamos a isto, empurra a cama com tanta força contra o peitoril da janela que esta

embate nele e eu grito novamente.

Pois é, toda a fúria contra as badalhocas das doentes que ela tem de aturar posta num único e veemente movimento.

Por fim, lá sai com a sua esfregona e diz, antes de fechar a porta:

– Estranho, se o copo se entornou, então porque é que ele está ali cheio?

O meu pulmão dá outro salto.

Olho para o armário de cabeceira metálico e de facto lá está o copo cheio de água. Sou uma péssima apresentadora de factos falsos.

O tempo que decorreu entre a triste ideia de me masturbar ali ao canto e o momento presente parece-me que demorou horas. Foi brutalmente

cansativo e tudo menos relaxante e excitante, como imaginei.

Agarro no tampão ensanguentado e meto-o no balde do lixo cromado.

Não fiques triste, menina, prometo que a próxima auto-foda vai ser bem melhor.

Olho à minha volta, no quarto. Esqueci-me de mais alguma coisa que não desejo mostrar a ninguém?

Não, tudo está como dantes, como deve estar.

Agora só preciso de despir a minha bata molhada. Dispo primeiro e depois toco, ou toco primeiro e depois dispo? Helen? Não serias a Helen se tocasses primeiro.

Dispo, assim, a batinha e cubro o peito com o cobertor. Uma sensação agradável, o tecido teso da manta a roçar-me na pele dos seios. A cobertura foi passada a ferro? Eles têm aquelas máquinas de passar a ferro nas lavandarias, não é? A sensação de frescura no peito conheço-a lá de casa. A mamã dá imensa importância a uma roupa de cama impecável. Para mim, a roupa de cama só serve para manchar.

Então agora toco.

Por favor. Quero que venha o Robin.

Às vezes, também eu tenho sorte. Aí está o Robin. – Então o que é que se passa, Helen?

– Podes trazer-me, por favor, uma

camisa de noite limpa?

Estendo-lhe a bata molhada, toda amarrotada numa trouxa, de modo a que o cobertor descaia um pouco, para que ele possa ver os dois mamilos.

– Claro. O que é que aconteceu? Tiveste alguma hemorragia ou quê?

Ele está preocupado comigo. Espantoso. Depois de tudo o que teve de ouvir da minha parte. E de ver. Não estou habituada.

– Não, não. Nada de hemorragias. Dizia-te logo. Só tentei masturbar-me por baixo da cama e sem querer entornei um copo cheio de água por cima da cabeça. Ficou tudo molhado.

Ele desata às gargalhadas e abana a cabeça.

– Muito engraçadinha, Helen. Já estou a ver, não me queres dizer o que aconteceu. Mas vou buscar-te uma nova. Até já.

Durante o breve espaço de tempo em que o Robin procura algures nos armários do hospital uma bata angelical, eu começo a sentir-me novamente aborrecida e só. O que é que hei-de fazer? Carrego com a mão no pedal do balde do lixo cromado que está em cima do armário e meto a outra mão lá dentro. O tampão-feito-à-mão já não está vermelho de sangue fresco, mas sim castanho de sangue seco. Abro o *tupperware* que está do outro lado e ponho o pedaço de papel higiénico sujo

junto dos outros artigos higiênicos por usar. A minha esperança é que as bactérias proliferem e se espalhem, de modo a contaminarem, invisíveis como são, todos os pensos e quadradinhos de algodão. A caixa já está bem aquecida pelo sol. Um ambiente de incubação ideal para os meus objectivos. Mas depois não me posso esquecer de tirar o tampão. Quando eu tiver alta espero que uma nova paciente rectal possa prosseguir com a minha experiência e provar, a mim e ao mundo, que não acontece nada de mal se usarmos pensos higiênicos infestados de bactérias de outras pessoas para estancarmos o sangue em feridas abertas. Hei-de controlar a evolução dos

acontecimentos, sempre que vier bater à porta, disfarçada de anjinho verde, e a abrir ao mesmo tempo, para poder apanhar a rectopaciente com o dedo no grelo. Uma bela maneira de travar conhecimento.

O Robin entra.

E estende-me a camisa de noite com um grande sorriso. Eu dobro a manta no regaço. Faço de conta que não me importo que ele me esteja a ver assim, nua da cintura para cima. Começo uma conversa, mais para me descontraír do que para outra coisa. Enfio os braços nas mangas da camisa de noite e peço-lhe que ma ate atrás. Ele dá um laço na nuca e diz que tem de voltar ao trabalho.

Mas também diz: infelizmente.

Há já algum tempo que ele se foi embora, quando voltam a bater à porta. De certeza que se esqueceu de alguma coisa. Ou quer dizer-me alguma coisa. Faz favor.

Não. É o meu pai. Visita surpresa. Assim nunca os hei-de apanhar aos dois juntos num quarto. Estou a referir-me aos meus velhos, claro: se entram e saem quando muito bem lhes der na mona, sem acatar as ordens da coordenadora das visitas. O meu pai traz uma coisa esquisita na mão.

– Bom dia, filha. Então como é que isso vai?

– Bom dia, papá. Já fizeste cocó?

– Sua safada – diz, e desata a rir.

Acho que ele sabe porque é que lhe fiz esta pergunta.

Estendo a mão, como sempre faço quando sei que vou receber algo dele. Ele põe-me o presentinho na mão. Uma coisa estranha, embrulhado em folha transparente.

– Um balão? Um balão cinzento? Obrigada, papá. De certeza que vou ficar rapidamente boa.

– Abre lá isso. És demasiado rápida, filha.

Parece uma almofada para a nuca ainda por encher, só que não é em forma de ferradura, mas redonda, como uma bóia para nadar, mas para pessoas muito magrinhas.

– Ainda não percebeste? É uma almofada para pessoas que sofrem de hemorróidas. Com isso podes sentar-te sem ficares logo com dores. Colocas a ferida a meio do anel e ficas suspensa no ar. E se a ferida não tocar em nada, também não pode doer.

– Oh, obrigada, papá.

Pelos vistos, o senhor fartou-se de pensar no assunto e no que podia fazer para que eu não sentisse dores. O meu paizinho tem sentimentos. E pensa em mim. Que bonito.

– Papá, onde é que se pode comprar uma coisa destas? – Numa loja de artigos sanitários.

– Não se diz artigos de higiene?

– Não sei, pode ser.

Entre nós os dois isto é já qualquer coisa assim a modos que uma longa conversa.

Rasgo a folha transparente e começo a encher a almofada em forma de anel. Acho que ficar deitada imenso tempo e imaginar-me a fazer sexo com o auxiliar não é lá muito indicado para fortalecer os pulmões. Depois de soprar um par de vezes começo a ver tudo negro à minha frente. Entrego a almofada ao papá, ele que acabe de a encher.

Da última vez que soprei deixei ficar uma data de cuspo no bucal. Agora o papá mete-o na boca, sem o limpar antes. Acho que se pode considerar isso

como um preliminar do linguado, não pode? Não tenho quaisquer problemas em imaginar-me a fazer sexo com o meu pai. Antigamente, quando eu ainda era miúda e os meus pais ainda viviam juntos, via-os passar sempre nus do quarto para a casa de banho. O meu pai sempre com um pau grosso na zona dos quadris. Já nessa altura eu me sentia profundamente fascinada com aquilo. Eles devem ter pensado que eu não reparava, mas claro que reparava. E como.

Claro que nessa altura eu não sabia o que era uma erecção matinal. Só muito mais tarde é que aprendi essas coisas. Durante muito tempo, até quando já dava as minhas quecas com rapazes, pensei

que a erecção da manhã tinha que ver comigo. Foi uma grande decepção quando me explicaram que os homens têm isso para impedir que o mijo de manhã lhes escorra pelas pernas abaixo. Fiquei mesmo muito desapontada.

Agora fico a observar o meu pai a encher a almofada e não consigo disfarçar um sorriso. Vê-lo assim, tão concentrado e esforçado, faz-me lembrar os tempos antigos. Nas férias, quando íamos à praia, e o desgraçado tinha de nos encher, a mim e ao meu irmão, uma quantidade de bichos e colchões de plástico, quase até ao esgotamento. Isso é que é verdadeiro amor paternal. Era também ele quem me espalhava o

protector solar nas costas, para me proteger do sol. Eu punha-o em todos os sítios a que conseguia chegar com a minha mão. Aí nunca apanhava escaldões. Já as costas, de que o meu pai era responsável, ficavam sempre queimadas. Às vezes até ficavam em péssimo estado. Quando à noite tentava examinar o escaldão ao espelho, podia ver que o papá tinha trabalhado de uma forma muito desleixada. Havia um grande ponto de interrogação estampado nas costas, e à volta desse ponto de interrogação estava tudo vermelho vivo. Pelos vistos, ele tinha deitado um pouco de creme para a mão, passado a palma pelas minhas costas e ala que se faz tarde. Também reparei sempre que

aquele tratamento às três pancadas era demasiado rápido. Mas pronto, é o que tenho a dizer sobre o amor paternal. Talvez todo aquele encher de bichos de plástico o deixasse demasiado enfraquecido para me besuntar convenientemente. Talvez tenha sido uma exigência demasiada. Pois, de certeza, eu exijo sempre demasiado.

Ele vê-me a sorrir.

– O quêêê?

Ele faz-me a pergunta sem tirar o pipo de plástico da boca.

E mistura generosamente a sua saliva com a minha. Será que também acha aquilo tão curtido como eu? Será que ele também pensa nessas coisas? Nunca

teremos respostas para as perguntas que não fazemos, e não sou eu que vou perguntar.

– Nada. Só queria agradecer pela almofada para as hemorróidas e por estares aqui a enchê-la, papá.

A porta abre-se. Agora já nem sequer se dignam a bater. Uma nova enfermeira. Quantas haverá por cá desta espécie? Já sei o que ela quer.

– Não, ainda não fiz nada.

– Não era isso que eu queria saber. Só queria mudar o saco do balde do lixo. Ouvei dizer que gosta imenso de gastar pensos de gaze.

– Pois, o meu cu também gosta imenso de produzir molho de sangue com caca.

O meu pai e a enfermeira, que na

etiqueta tem escrito Valerie, ficam a olhar para mim, muito espantados. Pois então que olhem. A pouco e pouco já estou a ficar farta destas conversazinhas da treta das enfermeiras.

A enfermeira Valerie tira rapidamente o saco cheio do meu pequeno balde cromado, dá-lhe um pequeno nó em cima e sacode com força o novo saco, para o enfiar aberto no balde. Durante todo o tempo observa o meu pai a soprar.

A seguir, a Valerie deixa cair ruidosamente a tampa do balde e antes de sair do quarto ainda diz:

– Caso a almofada seja para a paciente, aconselho-a a não a utilizar. Volta a rasgar tudo quando se sentar aí

em cima. Essas almofadas são só para pessoas que ainda não foram operadas às hemorróidas.

O meu pai levanta-se e vai guardar a almofada no armário. Parece triste por me ter oferecido algo tão perigoso.

E o que é que vai acontecer a seguir? Ele diz que tem de se pôr a andar. O trabalho espera-o. No fundo, qual é o trabalho dele?

Há coisas que se não perguntarmos a tempo, nunca mais as podemos perguntar.

Talvez por ter estado ocupada, desde há tanto tempo, com rapazes, estive-me nas tintas, durante todos estes anos, para aquilo que o meu pai fazia ou faz. Quando muito, posso deduzir, a partir

daquilo que os outros diziam antigamente à mesa, durante os convites familiares, que tem qualquer coisa que ver com investigação e ciência.

Prometo a mim própria que quando sair daqui – o que, espero ardentemente, ainda irá demorar muito tempo – irei espreitar o armário secreto do meu pai, para obter indicações sobre o seu trabalho.

– Está bem, papá, cumprimentos aos colegas de parte desconhecida.

– Que colegas? – ainda o oiço dizer em voz baixa, quando está a sair do quarto.

A quantidade de cabelos brancos que ele já tem. Qualquer dia morre. Isso quer então dizer que vou ter de me despedir dele brevemente. O melhor é ir-me já habituando à ideia; assim, quando acontecer não vai doer tanto. Vou apontar aqui no meu cérebro esquecido e esburacado: vai-te preparando, com toda a calma, para um dia destes teres de dizer adeus ao papá. Quando a altura chegar vão ficar todos muito admirados com a minha capacidade para ultrapassar o golpe. Chama-se a isto vencer a competição do luto graças a uma antecipação desse mesmo luto.

De qualquer forma, esta breve visita

do meu pai ajudou-me a descobrir a maneira de ficar aqui mais tempo hospitalizada. Só preciso de me sentar na almofada que ele me ofereceu de uma forma excessiva e as costuras rebentam logo todas. Pelo menos foi o que a Valerie, a ressentida, profetizou. Não posso é deixar-me apanhar. Vou tomar um comprimido contra as dores. De certeza que vou precisar dele não tarda. Um bocadinho de anestesia nunca fez mal a ninguém.

Socorrendo-me do meu método, já tantas vezes posto em prática, deslizo, de barriga para baixo, até os pés encontrarem o chão, e dirijo-me, dobrada e sacudida por pontadas de dor, até ao armário. Abro a porta que o meu

pai fechou. Lá em baixo está o bandido. Não vou conseguir tirá-lo dali pondo-me de cócoras, com as pernas dobradas. Dói demasiado. Tenho de arranjar uma outra técnica. Deixo as pernas esticadas e dobro-me só ao nível das ancas. As costas também ficam direitas. Pois, pareço um L virado ao contrário. Finalmente, consigo chegar ao anel com as pontas dos dedos. Agora é dar à manivela para levantar outra vez as costas e voltar para a cama. Coloco a pequena bóia de salvação em cima da cama, bastante à beira, para que me consiga empoleirar para cima dela. Viro-me com o rabo para a cama e acomodo-me lá em cima como um

pássaro no seu ninho. Meneio um pouco o cu, de um lado para o outro, em movimentos circulares, nada mais fácil. Devido ao movimento em cima da almofada, a pele na ferida vai ficando cada vez mais esticada. Levanto-me e ponho-me a apalpá-la. Depois inspecciono a mão. Nada de sangue! Prometeste demasiado, Valerie.

E agora? O plano de rebentar as costuras da ferida até nem era mau, mas não funciona com esta almofada. Agarro nela e atiro-a contra a cama. Hei-de encontrar outra coisa qualquer para rebentar com o cu. *Ok*, concentração, menina Helen. Já não tens muito tempo. Sabes perfeitamente que a porta está

sempre a abrir-se, para deixar passar as testemunhas. Ponho-me a observar todos os objectos disponíveis no quarto. O armário de cabeceira metálico: não serve para nada. A garrafa de água em cima do armário de cabeceira: embora a possa introduzir, acho que não vou conseguir ferir-me tanto quanto preciso. Televisão: está demasiado alta.

Em cima da mesa encontram-se colheres: demasiado inofensivas. A taça do *muesli*: também não se pode fazer nada com aquilo. O meu olhar deslocase para baixo da cama. Ali. Já sei. O travão das rodas da cama. As rodas metálicas e grandes têm uma cobertura de borracha, com uma espécie de travão

de pé, um pedal de ferro saliente. Meu caro pedal, és tu o eleito! Volto para junto da cama o mais depressa possível, viro-me de costas e deixo-me cair, de modo a que o cu embata na saliência de ferro. Pronto, cá estou eu empoleirada no pedal como uma galinha no poleiro, a rebolar outra vez com o cu de um lado para o outro. As dores obrigam-me a gritar e tenho mesmo de tapar a boca com ambas as mãos. Ouve-se um gemido por detrás das mãos. Se isto agora não funcionar, então não sei o que fazer mais. Posso sentir o pedal a penetrar na ferida. Usando a pressão do meu corpo, enterro-o ainda mais. Pronto, já deve chegar. Helen, és uma rapariga corajosa. Bela obra. Começo a chorar e a tremer

com as dores. Mas agora resultou de certeza. Uma vez mais, a mão do teste procura a ferida e faz a colheita. Olho e vejo toda a palma da mão cheia de um sangue vermelho vivo. Bem, tenho de me deitar rapidamente, senão ainda caio para o lado. E essa não foi a intenção do exercício. Tenho de ser encontrada na cama, para poder afirmar que isto sucedeu enquanto eu estava aqui deitada. Toca a deitar então.

Estou com umas dores horrorosas. Continuo a tapar a boca com a mão. As lágrimas escorrem-me pela cara abaixo. Posso chamar já alguém, ou é melhor esperar ainda um pouco, para a ferida causar uma impressão ainda maior?

Decido esperar um pouco mais. Já que cheguei até aqui, também aguento mais um bocado. Helen, não te esqueças que ainda tens de limpar o travão e eliminar os vestígios. Quanto à almofada, posso escondê-la por baixo da cama. Mais tarde, vejo-me livre dela. Lá em baixo o sangue não pára de escorrer. Por um momento, toco novamente na ferida com a mão e ela ainda vem com mais sangue do que da primeira vez. A sensação no baixo-ventre e nas pernas é exactamente como quando fazia chichi nas cuecas, quando era miúda. Quando sentimos líquidos a escorrerem-nos pelas pernas abaixo à temperatura do corpo, pensamos logo inocentemente no chichi, porque era o que geralmente acontecia.

Aqui estou eu, deitada numa poça do meu próprio sangue, a chorar. Abro os olhos e vejo em cima do armário de cabeceira metálico a tampa de uma garrafa de água mineral. Agarro naquilo e utilizo-o como uma colher, para apanhar as lágrimas ao longo das faces. O pequeno desafio distrai-me e ajuda-me a ultrapassar as dores. E, quem sabe, talvez encontre mais tarde uma utilização para as lágrimas. Eu raramente choro, mas agora as lágrimas como que jorram. Em cima lágrimas, em baixo sangue.

Mantenho a tampa da garrafa de água encostada às glândulas lacrimais e, passado um bocado, olho para ver o que

se acumulou. Pelo menos o fundo está coberto. Helen, agora já passou tempo mais do que suficiente. Toco à campainha de urgência. Enquanto espero que alguém venha, escondo a tampa com o líquido das lágrimas por detrás de tudo aquilo que se encontra em cima do armário de apoio. Para que nenhum destes brutamontes a vire! Há ali muita dorzinha acumulada, naquele pequeno reservatório.

Acho que está mesmo na altura de aparecer alguém. Afinal de contas, estou aqui a esvair-me em sangue. Independentemente de ter sido eu própria a causadora do acidente, eles têm de vir ajudar-me a estancar a hemorragia. Já perdi tanto sangue que

agora até já pinga para o chão. Como é que isso pode ser? No fundo, o colchão devia absorver, não é? Já sei. Os plásticos de protecção que puseram por baixo de mim impedem que o sangue se infiltre no colchão. Assim vai pingando por mim abaixo, até cair para o chão. Estou aqui deitada na cama a olhar para o sangue no chão.

É cada vez mais. Uma imagem interessante. A pouco e pouco, isto vai ficando parecido com um talho. Só que nos talhos há aqueles ralos ao centro, para onde escorre tudo, ao longo do chão inclinado. Aqui também podiam pensar numa solução dessas para a secção da proctologia. Embora calcule

que nem todos os rectopacientes se lembrem de fazer brincadeiras como esta que eu acabei de fazer com o meu cu. Portanto, o ralo no chão é desde já eliminado como sendo uma má ideia. Volto a tocar a campainha. Três vezes seguidas. Pelo que oiço lá fora, no corredor, percebo que é desnecessário. Três toques repetidos resultam num único zumbido contínuo na sala das enfermeiras. Elas não devem querer ser comandadas de um lado para o outro pelos doentes. Se bem que com um sistema assim sempre se poderia conseguir uma comunicação muito mais diferenciada entre os doentes e o pessoal. Tocar uma vez: podia arranjar-me um bocadinho mais de manteiga para

o meu pão integral? Dois toques: por favor, traga-me um vaso com água para as flores. Três toques: socorro, está-me a sair tanto sangue pelo cu que já quase não me resta nenhum no cérebro para pensar com clareza e tudo aquilo que consigo é desenvolver ideias disparatadas para otimizar as funcionalidades do hospital.

Reparo no travão todo besuntado de sangue. Tenho de limpar aquilo, senão ainda descobrem o que se passou. Levanto-me muito depressa e quase escorrego no meu próprio sangue. Agarro-me à cama e deixo-me descair lentamente até lá ao fundo. Os meus pés nus chapinham na poça, o sangue surge

entre os dedos contraídos. Tenho de me pôr a pau com as derrapagens. Ponho-me de cócoras em frente à roda e limpo o travão com uma ponta da camisa de noite. Chama-se a isto eliminar vestígios. Bem, pelo menos os que estavam no travão. Dói-me pôr-me de cócoras, dói-me ficar em pé e andar. Não tarda nada, caio para o lado. Anda, Helen, vais conseguir subir novamente para a cama. Deita-te lá, moça. Pronto, consegui. Aperto com força a cara com as duas mãos.

Tenho de esperar uma eternidade. Estamos sempre à espera. Também podia ir ao encontro deles e causar lá fora, no corredor, uma grande agitação, ao deixar atrás de mim o meu rastro de

sangue. Mas renuncio à ideia.

Estou com vertigens. Cheira aqui a sangue. A muito sangue. Podia tentar lavar isto tudo. Quero ser a melhor doente que eles jamais tiveram aqui. Mas talvez esteja a exigir demasiado de mim. Não é agora que vou ter de limpar tudo.

Estão a bater à porta. Entra o Robin. Muito bem. Ele sabe o que fazer. O que é que ele sabe, Helen? Sei lá... Estou a ir-me abaixo.

Explico imediatamente:

– Também não sei como foi. Acho que fiz um movimento esquisito e pronto, o sangue começou a escorrer. O que é que se faz agora?

O Robin abre muito os olhos e diz que vai chamar imediatamente o médico.

E avança na minha direcção. Não acabou de dizer que queria ir chamar o chefe?

O Robin diz-me que estou muito pálida. E pisa a poça de sangue. Quando se afasta deixa pegadas de sangue por todo o quarto.

Eu vejo-o desaparecer e ainda penso: toma cuidado com as derrapagens, não te estampes. Tento estancar a hemorragia com ambas as mãos, que ficam num instantinho cheias de sangue. Que desperdício. Não há pessoas que têm falta de sangue? Ou será que têm apenas o sangue doente? Sei lá...

Anémicas. É isso. Há pessoas de quem se diz que são anémicas. É o que tu vais ser, Helen, se continuares a perder sangue desta maneira.

Chega o anestesista e pergunta-me se já comi qualquer coisa. Comi, sim senhor: montes de *muesli* ao pequeno-almoço. Ele acha que é pena. Então porquê?

– Porque assim não lhe podemos dar uma anestesia geral. Por causa do perigo de poder vomitar e asfixiar com o vómito durante a anestesia. Portanto, agora para si só pode ser uma epidural.

Ele vai-se embora e volta pouco depois com um formulário, injeções e um grande espalhafato.

Mas isso não é uma anestesia para as grávidas, que não conseguem aguentar um parto normal? As mães medricas, que querem ter um parto natural, mas sem dores. Foi a minha mãe que me contou.

Tenho de assinar algo que não sei do que se trata, porque não ouvi o que o médico disse. Até tenho confiança nele, só o que me está a inquietar cada vez mais é que aquele homem, normalmente tão calmo, anda de repente a correr de um lado para o outro, numa roda-viva. Estou a ficar preocupada comigo própria. Ele parece que está com muita pressa.

Eles devem achar que eu estou a

perder muito sangue demasiado depressa. Agora que percebo que eles vêem a situação exactamente como eu a vejo, sinto-me pessimamente e tenho medo de morrer por causa daquela ideia de voltar a juntar os meus pais. Isto não estava nos planos.

Ele explica-me que vou ter de me sentar na cama e dobrar o tronco para a frente, de forma a ficar com uma marreca como a de um gato, para que ele me possa desinfectar, espetar uma agulha grossa entre as vértebras na região inferior e dar finalmente a injeção. Tudo isto não me está a soar nada bem.

Odeio tudo o que se aproxima da espinal-medula. Penso que se há um

enganozinho ficamos deficientes para o resto da vida e nunca mais sentimos nada durante o sexo. Se é assim, então tam

bém podemos pôr o sexo definitivamente de parte. Parece que ele está a fazer ao mesmo tempo tudo aquilo que explica. Sinto como mexe e remexe e limpa e esfrega lá atrás. Ficar nesta posição só contribui para aumentar ainda mais as dores. É como se o cu estivesse a rasgar-se cada vez mais.

Ele diz que vai durar quinze minutos certos, até tudo ficar insensibilizado, a partir do local onde espetou a agulha para baixo. Um espaço de tempo demasiado longo, tanto para ele como

para mim. Sobretudo quando é calculado em litros de sangue por minuto. Ele tem de ir tratar de qualquer coisa, mas diz que volta já. Pois bem. Olho para o meu telemóvel, para poder controlar os minutos. Passam dez minutos da hora. Aos vinte e cinco estarei pronta para ser operada.

O Robin aparece e explica-me que o seu superior está a preparar-se para a minha operação de urgência. E que por isso mesmo nem sequer vai passar por aqui. Falou-lhe do sangue que eu perdi e ele optou pela intervenção imediata.

Operação de urgência. Ai caralho, como isso soa mal. Mas também parece importante e excitante. Como se eu fosse importante. Um bom momento para

atrair aqui os meus pais.

Aponto num papel os números dos meus pais e peço ao Robin que lhes telefone durante a operação, para lhes dizer que venham.

O anestesista aparece e quer ir comigo para a sala de operações. Toco nas minhas coxas e sinto o contacto das mãos. Alto aí, ainda sinto tudo. Não podem começar já a operar-me. Ainda não. Olho para o telemóvel. Um quarto de hora. Ainda só passaram cinco minutos.

Devem estar a brincar, de certeza. Nem sequer esperam que a anestesia faça efeito. Ainda têm mais pressa do que eu pensava. Tudo isto é demasiado

inquietante.

O Robin empurra a cama para o corredor. Não me deixaram levar o telemóvel. Por causa dos aparelhos. Quais aparelhos? Vamos levantar voo, ou quê? Pronto, olha, que se lixe.

Se bem me lembro, há relógios de parede tanto nos corredores como na sala dos preparativos. Aqueles relógios enormes pretos e brancos que há nas estações de comboios. Por que raio é que põem os relógios das estações nos hospitais? Querem dizer alguma coisa com isso? Se eles estão a pensar que podem avançar para o meu cu com os bisturis, antes que o quarto de hora passe, estão redondamente enganados. Sim, meus senhores, podem tirar o

cavalinho da chuva, mesmo que me dê o badagaio com a perca de sangue. Admirável, Helen, és mesmo uma fera. Mas também és uma parvalhona. Vê lá se queres morrer.

Mas no fundo esse seria o motivo perfeito para que os meus pais se juntassem novamente. A dor iria aproximá-los. Não podiam consolar-se com os respectivos novos parceiros, porque sabem que a enteada nunca foi verdadeiramente aceite. Mas quando a enteada morrer, os novos parceiros são desmascarados. Fica-se então a saber para sempre quem é que ganhou a luta pelo poder e quem é que a perdeu. Ótimo plano, Helen, só é pena que tu

não possas assistir ao teu triunfo. Se estiveres morta não os vais poder ver lá de cima.

Porque tu tens a certeza de que o céu não existe, Helen. Que não passamos de bichos altamente evoluídos, que depois de morrerem simplesmente apodrecem na terra e são comidos pelos vermes. Nessa altura, não vais ter a possibilidade de observar o comportamento dos teus amados progenitores. Porque ficas entregue à bicharada. Tudo vai ser comido. A pretensa alma, a memória, cada uma das tuas lembranças e o amor vão, juntamente com o cérebro, acabar em merda de larva. E os olhos também. E a tua coninha, Helen. Para os vermes,

tanto se lhes dá como se lhes deu. Não são esquisitos, para eles morfar sinapses ou partículas de clítoris é tudo a mesma coisa. Falta-lhes a distância, eles sabem lá quem é que estão a comer. O que importa é que a paparoca saiba bem!

Voltemos às horas. Já vi vários relógios e quase não passou tempo nenhum. O Robin está cheio de pressa. Farta-se de dar encontrões nas paredes. E eu sinto como se torna cada vez maior a poça de sangue em que estou deitada.

A concavidade que formei com o cu no colchão já está ensopada há imenso tempo. O facto de ainda a conseguir sentir é muito mau sinal. Se bem entendi o que o anestesista disse, eu devia

sentir-me como um paraplégico antes que eles comecem a operar. Mas se continuo a sentir as pernas, então de certeza que também vou sentir o olho do cu.

Chegámos à sala dos preparativos. Também há aqui um relógio de estação. Eu bem sabia. Ganhei o jogo do adivinha. Passaram dezoito minutos. Não consigo desviar os olhos daqueles ponteiros enormes. O Robin explica-me que a intervenção começa assim que a sala de operações esteja pronta. Sem tirar os olhos do ponteiro grande, digo:

– Eu cá não tenho a mania das arrumações. Por mim, não precisam de andar a arrumar. Até gosto de ver o que andaram a fazer antes.

Robin e o anestesista riem. Pois é, Helen. Até nas piores situações mandas a tua boca. Para que ninguém se aperceba que estás cheia de cagaço destes tipos e das suas mãos enfiadas no meu cu. Tenho um grande orgulho na elasticidade do meu esfíncter durante o sexo, mas várias mãos de homens adultos são de mais até para mim. Sinto muito, mas a perspectiva não me agrada mesmo nada.

Até porque já sei por experiência própria o que é ter um esfíncter frouxo. E desta vez nem vai haver anestesia geral.

Estes porcos de merda. Estou cheia de medo. Agarro a mão do Robin. Via-a

aqui ao pé e agora, que a agarrei, já não a largo. Ele parece estar habituado. Não se admirou nem um bocadinho.

Se calhar, não há avozinha que não faça isso antes de uma operação. Pois é, as pessoas costumam ficar muito nervosas antes das operações. É como antes das viagens. No fundo, é como uma viagem. Não sabemos se regressamos.

Uma viagem através da dor. Estou a apertar a mão do Robin tanto que ela já está branca. E agora cravo-lhe as minhas unhas compridas na pele, só para me distanciar das avozinhas, no padrão e no estilo. A grande porta eléctrica que dá para a sala de operações abre-se e uma enfermeira com protecção facial

anuncia:

– Podemos começar.

Sua vaca. Olho para o relógio em pânico. O ponteiro grande executa um movimento mecânico e ruidoso em direcção ao quatro. *Clac*. Vinte! E ainda estremece um pouco.

Ainda têm de esperar cinco minutos. Não. Não comecem. Ainda estou a sentir tudo. Por favor, não comecem já. É o que eu penso. Dizer, não digo nada. A culpada és tu, Helen. Querias sangrar, não é? Olha agora o trabalhinho que arranjaste. Sinto vómitos, mas também não digo nada. Se tiver de acontecer, eles logo verão. Que se lixe tudo.

– Tenho medo, Robin.

– Eu também. Por ti.

Já percebi. Ele ama-me. Eu bem o sabia. Às vezes, as coisas acontecem assim tão depressa. Socorro-me da minha outra mão para agarrar a sua com toda a força. Olho-o bem nos olhos e tento sorrir. Depois largoo-o.

Empurram-me lá para dentro. Levantam-me e levam-me para uma outra cama. Cada uma das enfermeiras agarra numa das minhas pernas e penduram-na nas cintas compridas que descem do tecto. As pernas são presas pelos tornozelos e depois içadas para cima. Uma espécie de roldana. As minhas pernas estão esticadas para cima. Como na posição do ginecologista, mas mais radical ainda. Para que todos possam escarafunchar no meu cu. Estou a ver uns grandes pestanões por cima da máscara. São do Prof. Dr. Notz. O Robin levou sumiço. Não deve ter nervos para isto. O anestesista senta-se ao lado da minha

cabeça e explica-me que vão ter de começar agora, porque eu estou a perder muito sangue. Também me diz que se tenho a sensação de ainda estar a sentir tudo é só porque ainda há um último restinho de sensibilidade. Na verdade, assegura, já só sinto agora uma ínfima parte daquilo que está a acontecer. Eles estenderam um pano verde entre a minha cabeça e o meu cu. Deve ser para o meu cu não ter de ver a expressão aterrorizada do meu rosto.

Pergunto ao «narcoman», muito baixinho, o que é que, em rigor, eles estão a fazer neste momento.

Ele explica-me, como se eu tivesse seis anos, que agora vão ter de coser, o que nestes casos é sempre de evitar.

Embora também tenham cortado muito, durante a primeira operação, deixaram tudo aberto, para sarar. Para o paciente é muito mais agradável. Mas tivemos todos – e sobretudo eu – pouca sorte. Vão ter de coser cada uma das partes rasgadas e depois vou ficar com uma sensação de pressão muito desagradável. Também vou ficar com dores. Pontadas. Durante muito tempo. E eu que pensava que mais desagradável não podia ser. Oh Helen, o que tu não deixas de fazer para o bem dos teus santos paizinhos. Comovente. Oh. Enquanto o «narcoman» me descreveu o meu doloroso futuro, não me preocupei com o cu. Isso quer então dizer que

entretanto já estou completamente anestesiada. Pergunto ao «narcoman» que horas são. Passaram agora os vinte e cinco minutos. Mesmo ao minuto. Grande artista, o cavalheiro. Ele sorri satisfeito. Eu também.

Subitamente, sinto-me completamente descontraída, como se nada tivesse acontecido.

Podemos então passar para os aspectos mais frívolos. Pergunto-lhe por coisas insignificantes, que me vão passando pela cabeça. Se ele também tem de almoçar lá em baixo na cantina. Se tem uma família. Um quintal. Se já houve algum caso em que a anestesia não funcionasse. Se é verdade que as pessoas que se drogam são difíceis de

anestésiar. Entretanto, durante os intervalos da conversa, imagino como os meus pais esperam por mim, já juntos, no meu quarto vazio, terrivelmente preocupados. E conversam sobre mim. Sobre a minha dor. Lindo.

E num instante estão prontos com a suturação. A sensibilidade nos pés já regressou. Pergunto ao anestésico se isso pode ser. Ele explica-me que o seu objectivo consiste em não me anestésiar de menos nem de mais. Por experiência já sabe quanto tempo demora uma operação de urgência como esta e anestésiou-me precisamente para esse período de tempo. Pelo modo como me olha, isso deve deixá-lo muito

orgulhoso. Daqui a nada volto a sentir tudo outra vez, diz, infelizmente também as dores. Contra essas dores dá-me agora um comprimido. Avisa-me também que vai ser difícil combater com analgésicos as pontadas e a sensação de pressão no ânus. Por isso, convém que eu me vá já mentalizando para ter de suportar dores fortes. Incomparavelmente mais fortes do que as que tive até agora. Mas o que é que eu fiz à minha vida! As pernas são arreadas. Sinto um fervilhar subir-me pelas pernas acima. Lá em baixo volto a ser entubada, transportada para uma outra cama, tapada e levada para o quarto. Por uma qualquer enfermeira assistente de operações que eu não

conheço e que nem sequer sabe empurrar uma cama. Sai-se muito pior do que o Robin, apesar de todo o seu nervosismo à vinda.

Ela estaciona-me no meu grande quarto solitário e vai-se embora. Se precisar de alguma coisa só preciso de tocar. Isso já eu sei. Sou uma veterana aqui.

E agora? Depois de uma cena daquelas, em que quase bati a bota com tanto sangue que perdi, estar aqui no quarto sem nada que fazer é uma grande seca. Mas há ainda uma coisa que eu tenho de tratar. Fazer desaparecer a almofada. Dobro a manta para cima e não a vejo. Onde é que estará? Quem é

que a tem? O que é que se passa, Helen? Estás completamente confusa. Só podem ser os medicamentos. Claro que tiveram de mudar a roupa da cama depois daquela explosão de sangue. Mas aonde é que foi parar a almofada? Perguntar não posso, não quero. Pode ser que uma burra de uma enfermeira a tenha deitado fora, sem comunicar nada. Seria o melhor. Pelos vistos, então já alguém tratou da almofada.

Devo ficar ainda algum tempo sem sentir dores. Se é assim, posso aproveitar para fazer qualquer coisa. Mas o quê? Andar por aí de certeza que não posso. Também é melhor não o fazer, não vá a ferida abrir outra vez.

Batem à porta.

O Robin?

Não, o anjo verde. Ocupação. Desta vez, não vou ser tão lacônica e áspera como da outra vez.

– Bom dia – diz ela.

Eu também a cumprimento. Um bom começo. Gostava que ela ficasse aqui o mais tempo possível, para me livrar desta seca. Pode começar por explicar o enigma do telefone.

– São vocês que adiantam dinheiro aos doentes que acabam de ser internados e tratam da ligação para os seus telefones?

– Sim, fizemos isso contigo. Estavas tão atormentada pelas dores que decidimos tratar primeiro disso. Somos

nós que pagamos da nossa caixa, mas os pacientes têm de nos devolver o dinheiro depois.

É pena. Pensei que tinha sido o Robin.

– No princípio do ano estive aqui para uma esterilização. Na altura ninguém fez isso por mim.

Que raio, Helen, o que é que ela tem que ver com isso? – É um dos nossos serviços novos.

Peço-lhe ainda um outro favor. Desejo que me vá buscar um café à cafetaria. E já agora, podia também trazer-me umas uvas frescas e um sortido de frutos secos. Pode tirar o dinheiro da gaveta do armário de cabeceira metálico. E, já agora, leve também o dinheiro que adiantou para o

cartão telefônico.

Ela percebeu e vai-se embora com o dinheiro.

Enquanto ela está fora, encho o meu copo até cima com a água da garrafa do hospital, meto a água na boca e volto a cuspi-la

para dentro da garrafa. Tapo a abertura com o polegar e agito a água na garrafa de um lado para o outro. Depois repito o procedimento três vezes.

Fico à espera que ela volte. Apercebo-me de como estou exausta. Fecho os olhos. Apesar do analgésico e certamente também da anestesia estarem ainda a fazer efeito, as dores já se fazem sentir. A sensação é a de que continuam

a suturar a pele do ânus com agulhas metálicas afiadas. Puxam o fio com força e cortam-no com os dentes. Como a mamã sempre faz. Ela faz muitas coisas com a boca. Mesmo coisas perigosas. Quando era miúda observei-a muitas vezes a colocar cartazes na parede com pioneses. Mete sempre os pioneses na boca, balança-se de um lado para o outro em cima da cadeira e, à medida que vai precisando deles, vai tirando os pioneses da boca. A dor obriga-me a cerrar os olhos. Durante muito tempo.

Acordo com o bater à porta e a entrada do anjo verde. Foi num pé e veio no outro. Claro que foi mais rápida do que eu, também não tem o cu todo

estraçalhado. Na altura, achei que era um percurso longuíssimo.

Agradeço-lhe por me ter trazido aquilo. E pergunto-lhe se lhe podia perguntar umas coisas. Sinto dificuldade em manter uma conversa normal. Lá em baixo está a preparar-se algo que eu nem quero saber. Quanto mais me dói, mais me tento comportar de forma normal. Claro que ela diz logo que sim. Ofereço-lhe um golinho de água que ela aceita com todo o gosto. Vai buscar um copo limpo à sala das enfermeiras. Espanta-me que os anjos possam lá entrar, se nem sequer estão autorizadas a dar injeções.

Ela volta com o copo. Enche-o e bebe

em grandes goles. Fico muito contente. Agora é como se já nos tivéssemos beijado. Sem que ela o saiba, claro. Portanto, no fundo contra a sua vontade.

Como se eu a beijasse enquanto ela estivesse anestesiada. É assim que eu definiria a nossa actual relação. Beijos contra a dor. Não é lá muito eficaz, mas...

Apesar de tudo, sinto um grande aumento de intimidade e sorrio para ela. De repente, apercebo-me de como está tão bem pintada. Um traço azul claro muito fino desenhado ao longo das pestanas de baixo. Só se consegue um traço destes, tão seguro, após anos e anos de prática. Portanto, já deve pintar-se há muito tempo. De certeza que

começou ainda na escola. Ótimo.

Pergunto-lhe tudo aquilo que me vem à cabeça acerca das suas funções como anjo verde. Como é que uma pessoa se torna um anjo verde. Se é preciso inscrever-se ou candidatar-se. Se há muitas candidatas. Se é possível escolher a estação.

Acho que falo de uma maneira esquisita. Atiro simplesmente as perguntas para fora de mim. No fundo, estou demasiado fraca para falar. Não quero estar sozinha com aquela sensação lá em baixo. Agora já sei as coisas mais importantes acerca das tarefas que irei assumir imediatamente, assim que tenha alta daqui.

Agradeço calorosamente. Ela compreende e vai-se embora.

– Obrigada pelo convite para beber a aguinha.

E solta uma risada divertida. Fá-lo certamente porque considera a palavra «convite» engraçada e um bocadinho exagerada, já que se trata da água mineral que o hospital disponibiliza. Eu também acho tudo muito divertido, mas por outros motivos. Assim que ela me deixa de novo sozinha surgem os maus pensamentos. Onde é que estão os meus pais? Merda, onde é que eles se meteram? Deixam-me aqui pendurada. Pensei que eles vinham logo para cá, preocupadíssimos, assim que o Robin

lhes telefonou. E nada. Nem ele, nem ela. Um vazio absoluto. Eu penso muito mais neles do que eles em mim. Talvez devesse acabar com isso. Eles não querem que eu me preocupe com eles. E a pouco e pouco eu também devia acabar com as minhas expectativas em relação a eles. Mais claro o caso não pode ser: aqui estou eu, acabada de ser operada de urgência, eles foram informados e nenhum deles aparece. É sempre assim na nossa família. Eu sei sempre quando um deles gostaria de uma coisa e, se estivessem na situação em que eu me encontro agora, nunca sairia de ao pé deles. Essa é que é a grande diferença. Eu sou mais mãe deles do que eles meus pais. E tenho de acabar com

isso. Pronto, acabou-se, Helen. Agora vais tornar-te adulta, percebeste? Tens de te safar sem eles. Mete nessa tua cabeça, de uma vez por todas, que não vais conseguir mudá-los. Só me posso mudar a mim própria. Pois, é isso. Quero viver sem eles. Mudança de planos. Mas como é que vou mudar o meu plano? Em que direcção? Preciso de fazer alguma coisa, para pôr os neurónios a trabalhar. Quando as mãos trabalham, a cabeça também funciona melhor.

Além disso, fico demasiado triste quando não tenho nada que fazer.

Agarro nas uvas e ponho-as em cima da barriga, sobre a manta. Depois

inclino-me para o armário de apoio e apanho a embalagem dos frutos secos. Rasgo-a com os dentes. Com a unha comprida do polegar abro lateralmente uma uva até ao meio. Como se estivesse a abrir uma carcaça com uma faca. Tiro da embalagem uma castanha de caju e separo as duas metades. Até é mais fácil do que pensei. É como se tivessem sido feitas para serem separadas. Procuro na embalagem uma passa de uva e entalo-a entre as duas metades da castanha de caju. Essa castanha recheada meto-a depois, com jeitinho, na racha da uva, até ficar bem aconchegada ao meio. Agora só preciso de apertar um pouco a uva e nem sequer pode ver-se a incisão. Como se nada tivesse acontecido. Meti

tudo lá dentro, sem deixar vestígios. A minha pequena obra de arte está pronta. O requinte supremo no âmbito da alimentação estudantil[5] O verdadeiro bombom. Lembrei-me disto no preciso momento em que vi aparecer o meu anjo verde. Sabia que tinha de lhe dar uma tarefa, é para isso que elas cá estão. Estas *anjinhas* tingidas de verde-clarinho. E o cumprimento da sua tarefa devia possibilitar-me uma posterior ocupação. Tudo funcionou. Estou muito orgulhosa.

Vou agora recheiar todas as uvas e nozes para oferecer aos meus queridos o meu recém-inventado bombom. Que bela actividade que acabaste de escolher,

Helen. Depois ponho as criações prontas a serem consumidas em cima do armário de cabeceira.

Adoro meter coisas dentro de outras coisas. Não sei porque é que pensei nestes meus enchidinhos quando vi o anjo verde. Muitas vezes, só mais tarde é que noto que alguém me dá tesão. Talvez ainda venha a acontecer.

Antigamente, quando ainda havia uma família inteira, a mamã costumava cozinhar no Natal, para grande alegria de todos nós, um manjar chamado «embuchado de aves». Enfiava-se uma codorniz num franguinho, o franguinho num pato, o pato num ganso e, finalmente, o ganso num peru. Para isso, o ânus de cada uma das aves tem de ser

alargado com uns quantos cortes. E depois metia tudo no forno do nosso grande fogão, comprado especialmente para aquele prato. Um fogão profissional. Liberta muito gás, se quisermos. Entre as várias aves a mamã mete muitas fatias de *bacon*, senão tudo aquilo acaba por secar demasiado, pois tem de ficar muito tempo no forno, para que o calor penetre através de todas as camadas de carne de ave.

Quando estava pronto dava-nos imenso gozo, a nós, crianças, vê-la trinchar aquela obra.

As dores quase me fazem desmaiar. Não posso mais. Helen, continua a pensar no manjar de Natal. Deixa de

pensar no teu rabo, rapariga. Pensa na família. Em algo bonito. Não te deixes arrastar pelas dores.

Depois é tudo cortado ao meio com uma tesoura de trinchar grande e afiada, de maneira a obter um corte transversal ao longo de todas as aves. Cada ave parecia estar grávida da espécie mais pequena.) A perua estava grávida da gansa, a gansa tinha a pata no ventre, a pata estava grávida da franga e esta da codorniz. Era uma enorme curtição, uma parada de fetos de aves grávidas. E a acompanhar, pastinagas colhidas no prado, mesmo ali ao pé de casa, salteadas no forno. Uma delícia.

Uma vez, apanhei o meu pai a contar a

um amigo, na sala da nossa casa, era já bastante tarde, que tinha sido horrível assistir ao meu nascimento. Durante o parto os médicos tiveram de cortar à minha mãe o perineu, porque senão corria-se o risco de ela ficar com um rasgão da passarinha ao olho do cu. Ele disse que aquilo tinha sido como cortar uma galinha velha ao meio com uma tesoura de cozinha, com todas aquelas cartilagens e materiais resistentes. Nessa noite, ouvi-o imitar várias vezes o som. *Cnirrrrcht*. Aliás, ele conseguia imitar muito bem e de cada vez que o fazia o amigo desatava a rir. É sempre assim, quanto mais medo temos de uma coisa, mais nos rimos dela.

Pouco antes de ter preparado todas as minhas uvas recheadas, tento pôr novamente uma delas em cima do tampo do armário de apoio. Ao fazer esse movimento, o cacho com as últimas uvas cai-me ao chão.

Não consigo sair da cama para as apanhar. Com o cu no estado em que está, o melhor – creio eu – é mesmo não me mexer. Uma vez que não tenho nada para fazer e a minha atenção recai sobre o que está a acontecer comigo, apercebo-me de como as dores se tornam cada vez piores. Preciso de distracção e de analgésicos mais fortes. Toco à campainha. Vou pedir a uma enfermeira que me apanhe o cacho.

Enquanto estou à espera de ajuda, fico, excepcionalmente, sem fazer nada. Estou ali sentada a olhar para a parede. Um verde muito, muito, muito clarinho. Mas que tom de parede mais suave. Detesto quando perco o controlo sobre a minha vida. Não poder saltar dali para ir apanhar a merda do cacho. Não gosto de depender dos outros. As coisas funcionam melhor quando somos nós próprias a fazê-las. É em mim que tenho mesmo confiança. Como pôr creme, por exemplo, mas também nas outras questões da vida.

Aí está ela. Até veio depressa. Não devem estar muito atarefadas na estação.

– Podia fazer o favor de me apanhar as uvas?

Ela mete-se debaixo da cama e apanha o cacho. Mas não me entrega logo as uvas. Em vez disso, dirige-se com elas ao lavatório. Mas que raio é que vem a ser isto?

– Vou lavá-las num instantinho. Caíram ao chão.

Estes fanáticos da higiene não se lembram de perguntar a uma pessoa se ela quer que lhe lavem a porcaria das uvas. Sim, porque foram parar ao chão incrivelmente imundo do hospital, que é lavado duas vezes por dia. Fazem isso porque pensam que todas as pessoas sentem o mesmo pânico que elas em relação às bactérias. Mas isso não é verdade. No meu caso concreto, até é

precisamente ao contrário.

Ela põe-se a lavar as uvas em água corrente durante uma pequena eternidade.

E diz que até tem a impressão de que elas ainda não tinham sido lavadas, por causa da pulverização com os sulfatos. Ainda tinham aquela película esbranquiçada, que é um indício seguro da não lavagem. Oh, não me digas!

Eu não digo nada, mas os meus pensamentos são como gritos: esta lavagem absolutamente idiota de fruta e legumes sulfatados é a maior estupidez que existe. Foi o meu pai quem mo disse, mas hoje em dia até já na escola aprendemos isso. Por exemplo, nas aulas de Química. Os produtos químicos

pulverizados para combater parasitas e fungos são tão agressivos que penetram na pele dos tomates e das uvas. Podes lavá-los até ficares com os dedos todos enrugados, que não adianta nada. Por isso, se tivermos alguma coisa contra os químicos na fruta e nos legumes, não devíamos comprá-los. Porque não vale mesmo a pena pensar que lá porque os lavamos durante uns segundos em água corrente conseguimos pregar uma partida à indústria química. Eu nunca lavo frutas e legumes. Não acredito que consiga alguma coisa com isso. E o outro motivo pelo qual ela sentiu o desejo imperioso de lavar aquilo que é meu é que as pessoas como ela pensam

sempre que o chão é algo profundamente conspurcado, porque andam sempre a pisá-lo com os sapatos. Na imaginação desses pobres de espírito há-de haver sempre uma partícula de merda de cão em cada centímetro quadrado de superfície de chão. Esse é o máximo de conspurcação que os fanáticos da higiene conseguem imaginar. Se uma criança apanha qualquer coisa do chão na rua e a mete à boca, vêm logo de certeza dizer-lhe: cuidado, pode ter cocó de cão. E, no entanto, é pouco provável que aquilo esteja contaminado com caca de cão. E se estiver? Qual é o mal? Os cães comem carne enlatada, que nos seus intestinos se transforma em caca de carne enlatada e como tal vai

parar à rua. E mesmo se eu me pusesse a comer merda de cão às colheradas, de certeza que não me acontecia nada. Portanto, não é por causa de uma mais do que improvável ínfima parte de uma partícula imaginária de merda de cão, que eventualmente possa ter ido parar ao quarto onde estou internada, e que lá terá ficado colada ao chão, por baixo da cama, de onde depois se colou à pele de uma uva, que depois vai parar à minha boca, que algo me poderia acontecer. Finalmente, ela lá acaba com aquele parvoíce.

O meu material de trabalho é-me novamente entregue, profusamente lavado contra a minha própria vontade.

E eu nem sequer agradeço.

– Por favor, importa-se de perguntar se posso tomar uns comprimidos mais fortes, ou então dois comprimidos de uma vez? É que estes que ando a tomar não me fazem passar as dores.

Ela diz que sim com a cabeça e vai-se embora.

Termino o meu trabalho muito irritada. Estes fundamenta-listas higiénicos deixam-me de cabeça perdida. Não posso com a sua maldita superstição bacteriana. Que coisa menos científica! Mas as dores também me estão a deixar de cabeça perdida. E é então que me surge uma nova ideia luminosa.

Agora já sei o que vou fazer. Quero fazer cocó. Não me posso levantar. Mas obrigo-me a fazê-lo. Quero tratar de mim própria. Senão agora, quando? Sempre é preferível fazer agora cocó pela primeira vez depois da operação de urgência, de uma forma controlada e com os médicos por perto, do que no sítio para onde vou, depois de sair daqui. Estou completamente confusa. Sinto tudo a andar à roda.

Vou obrigar-me a levantar-me. Também não pode ser assim tão difícil. Talvez esteja a sentir ainda os efeitos da anestesia. Pode ser que, a partir de agora, as dores se tornem cada vez mais fortes. Nesse caso, é melhor tentar

agora. Agora ou nunca. Vá, Helen, aguenta firme e faz aquilo que tens a fazer. E com aquilo que tens comido nos últimos dias, *muesli* e mais *muesli*, duro como pedra, tem de escorregar que é uma maravilha. Põe-te a mexer, vá, toca a andar para o quarto de banho. Aí, a primeira coisa que faço é tirar o tampão. Outra vez demasiado comprido. A quantidade de material que nos enfiam pelo cu acima. Ponho-me na posição já experimentada, com as pernas abertas por cima da sanita e penso na dor que tive quando me rasguei toda. Comparada com ela, esta agora é uma brincadeira. Funciona. Consigo fazer. E até muito bem. Com uma ousadia suicida espremo

tudo através da sutura e sinto um enorme alívio. Nem preciso de dizer a ninguém que consegui. Mas para mim é positivo. Sinto que dei um passo no sentido da convalescença. Se agora atirar pela borda fora o plano com os pais, tudo isto não passou de um grande esbanjar de energia e dor. A ver vamos. Tomo um duche e seco-me. O Robin tinha razão. É muito melhor do que limpar com papel higiénico. Não é nada burro, o moço. Estamos bem um para o outro.

Volto para a cama, mas não me consigo deitar.

Tenho de fazer alguma coisa. A todo o custo. Seja o que for. Só não posso é pensar nos meus pais e nas dores no cu. As mãos tremem-me. Estou demasiado

tensa. Limpo o suor frio do rosto. Acho o suor frio uma coisa horrível. Também só o conheço daqueles momentos em que uma pessoa está prestes a desmaiar. A pequena morte. Não se diz isso também do orgasmo masculino? Ou tem que ver com os animais? Mas que animal ao certo? Não consigo pensar com clareza. Que experiência mais fodida. Aqui. Tudo isto aqui. Trepo novamente para cima da cama. Volto a despejar para o meu regaço a embalagem com todas as pequenas uvas recheadas. Viro-me para o lado, de modo a poder chegar com a mão até ao canto mais afastado do armário de cabeceira metálico. Cuidadosamente, agarro na tampinha de

alumínio com as minhas lágrimas e balanço-a com muito jeitinho de um lado para o outro, até à extremidade que me fica mais próxima. Mergulho a ponta do indicador na água salgada e deixo cair uma gota do dedo para dentro da ranhura de cada uva. Trabalho com grande precisão, como se o dedo fosse uma pipeta. Tenho de saber poupar, para que todas as uvas tenham direito à sua lagrimazita. Já sei a quem as vou oferecer. Durante um longo período de tempo consigo abstrair-me das dores, graças a esta tarefa minuciosa. Depois de humedecer a última uva, volto a pô-las todas na embalagem.

Assim que deixo de ter algo para fazer, passo-me logo dos carretos. Pensa

em algo, Helen, seja no que for! Dos meus amigos, não, digamos colegas de turma, ninguém sabe que aqui estou. Só os meus pais é que sabem. E o meu irmão. Isso quer dizer, portanto, que só posso esperar pela visita dos meus pais ou do meu irmão.

E o melhor é mesmo esperar deitada. Não quis dizer nada aos meus colegas de turma para não ter de lhes explicar o motivo. Não acho boa a ideia de os ver aparecer aqui na unidade de proctologia. Todos pensam que fiquei em casa com gripe. Quando me perei da escola – há quantos dias é que isso foi? – porque já não podia aguentar as dores no cu disse-lhes que me estava a sentir engripada.

Que tinha aquelas dores no corpo, em todos os membros. Pois, dores nos membros. E que tinha de ir para casa. Também não preciso de me preocupar, porque ninguém me vai visitar lá a casa. A minha mentira não vai ser descoberta. Eles estão-se nas tintas para os doentes. Gostam é de sair, curtir e de ir para o parque. Bebem muito, isto é, bebemos muito, fumamos umas ganzas e isso não é algo que se faça quando se vai visitar alguém doente a casa dos pais. Ir para casa de alguém só se vai quando os pais estão de férias, de resto a rua é mesmo o melhor sítio para todos os nossos passatempos. Os meus pais ficam sempre muito contentes por eu passar tanto tempo ao ar livre. Mas não se pode

dizer que o ar que me chega aos pulmões seja lá muito puro.

Entra o Robin.

Traz um calicezinho de aguardente de plástico com dois comprimidos lá dentro. Estes têm uma forma diferente, pelo que eu deduzo que a enfermeira lhe falou das minhas dores. Não preciso de perguntar o que é. Estendo-lhe a mãozinha, ele coloca os dois grandes comprimidos na palma da mão e eu bato com ela contra a boca aberta, como já vi fazer num filme. Os comprimidos voam directamente contra a epiglote e quase tenho de os cuspir. Toca a emborcar aguinha e acabo a tossir. Com a epiglote não se brinca.

Infelizmente, a válvula que protege a laringe está intimamente ligada ao impulso para vomitar. O que no sexo até pode incomodar muito. Aí o deus nosso senhor esteve-se nas tintas quando criou o seu humano. Quando durante o sexo me ponho a chupar uma pila e quero que ele se venha na minha boca, tenho de me pôr a pau para que ele não ejacule directamente para a minha epiglote. Porque nesse caso é certo e sabido que tenho de vomitar imediatamente. Pois, as coisas que já aconteceram à pobre Helen. É claro que eu tenho a ambição de enfiar a pila do cavalheiro o mais possível para dentro da minha cavidade bucal, vê-la desaparecer assim faz um

belo efeito óptico. Pareço uma daquelas saltimbancas que engolem espadas. Mas, como disse, tenho de ter cuidado com a epiglote, que incomoda muito nessa função. Os disparos têm de ir para o lado.

– Robin, telefonaste aos meus pais antes da operação de emergência?

– Ah, com toda aquela aflição esqueci-me de te dizer. Tive de lhes deixar mensagens. Não consegui falar com nenhum deles. Sinto muito. De certeza que quando ouvirem a mensagem vêm logo.

– Pois, pois.

Ele põe-se a arrumar o quarto. A mesa, lá atrás, ao fundo da cama, no quarto de banho. Por fim, começa a

ordenar as coisas que estão em cima do armário de apoio.

Eu olho em frente e digo baixinho:

– Outros pais quaisquer, cuja filha tivesse uma coisa destas, ficariam o tempo todo no hospital, ou estariam em casa, ao lado do telefone, para não perderem nenhuma chamada urgente. Em contrapartida, também tenho as minhas liberdades. Obrigadinha.

Pergunto-lhe se ele quer provar a minha nova especialidade. Isto aqui é uma seca tão grande que eu até inventei um novo prato, Robin.

Sim, ele quer provar. O que é que ele também podia dizer? Confia plenamente em mim.

Estendo-lhe a embalagem com as uvas marinadas em lágrimas. Acredito piamente que se um homem comer as lágrimas de uma mulher os dois ficam unidos para sempre.

Explico ao Robin o que ele tem nesse momento na mão, mas abstenho-me de referir a parte das lágrimas. Corajoso como é, ele enfia na boca uma das lágrimas preparadas. Oiço primeiro rebentar a película da uva, depois a castanha de caju a ser triturada. Ele vira-se para mim com a boca cheia, diz-me que está deliciado e pergunta-me se pode comer mais. Faça o favor. E come uma a seguir à outra. Depois prossegue com as arrumações e de vez em quando

vai buscar uma uva à mesa-de-cabeceira e mete-a na boca.

Ainda não noto o efeito dos comprimidos. Sinto-me tensa e exausta. Porra, que esta coisa das dores é mesmo estafante. É muito difícil estabelecer laços com as pessoas num quarto de hospital. Tenho a sensação de que todos querem dar à sola, mal aqui chegam. Talvez não cheire bem aqui. Ou o meu aspecto não é bonito. Ou então as pessoas querem afastar-se da dor e da doença. Todas as enfermeiras e auxiliares e também o Robin sentem uma espécie de atracção mágica pela sala das enfermeiras. Lá oiço-os rirem como nunca rirem aqui no quarto. Eu como paciente não vou ficar por cá muito

tempo, mas eles como funcionários até ficam. É por aí que a linha de demarcação passa. Mas eu vou tratar de acabar com ela. Mesmo sem formação médica, hei-de arranjar maneira de fazer parte da equipa, assim que me derem alta. Quando for um anjo verde já ninguém me pode impedir de entrar naquele quartinho dos bem dispostos e de beber umas aguinhas minerais com eles na maior das camaradagens. Acabo de ter pela primeira vez a sensação de que o Robin procura, de facto, a minha proximidade. Não se vai embora. Continua com as arrumações. Mesmo nos sítios que já arrumou. Fico contente. Pelo menos, consegui que este aqui se

sinta um bocadinho ligado a mim.

Agarro no auscultador e marco o número da mamã. Ninguém atende. Atendedor de chamadas.

– Alô, sou eu. Porque é que ninguém me vem visitar? Estou cheia de dores e ainda devo ter de ficar muito tempo por cá. Pelo menos mandem-me o meu irmão. Ele ainda não veio cá uma única vez. Depois, quando ele for operado às partes baixas, também o vou visitar.

Desligo o telefone. Com força. Só que na caixa de mensagens de um atendedor de chamadas não se consegue distinguir a diferença entre um desligar amável e um desligar à bruta.

Volto a agarrar no telefone e pergunto ao sinal de ligação:

– E porque é que tentaste matar-te a ti e ao meu irmão, mamã? Não te sentes bem? O que é que tens?

Helen, grande cobardolas.

Estou completamente rebentada.

Falo comigo própria e um bocadinho também com o Robin.

– Já não aguento mais. Não me consigo suportar. Todo o tempo a ter de pedinchar comprimidos para as dores. E minto a toda a gente acerca de ainda não ter cagado, para poder ficar aqui o máximo de tempo possível, para os poder juntar aqui aos dois. Mas eles não vêm, os paizinhos nunca vêm e então juntos nem pensar. Como é que hei-de conseguir concretizar o plano? Tudo isto

é uma merda. Uma imensa merda. E eu sou uma anormal e quero coisas que mais ninguém quer.

Posso sentir com toda a nitidez como os músculos dos meus ombros se contraem. Acontece sempre que me apercebo de que nada faz sentido e de que tudo escapa ao meu controlo. A tensão faz com que os músculos se desloquem para cima, em direcção às orelhas, enquanto eu tento trazê-los outra vez cá para baixo, cruzando os braços e pressionando-os com as mãos. Fecho os olhos e tento acalmar-me respirando pretensamente fundo. Não funciona. Nunca funciona. O meu cu arde e pica. E os ombros colam-se-me às orelhas.

A minha avó passou toda a vida tão

tensa que agora já não tem ombros. Os braços saem-lhe das orelhas. Estão mesmo ao lado da cabeça. Sempre que eu tentava massajá-la, quando ainda era pequenina e simpática, ela desatava logo a gritar desesperadamente. Depois explicava-me que os músculos naquele sítio estavam há já tantos anos tão contraídos, que o mais leve contacto lhe provocava dores como se lhe estivessem a escarafunchar numa ferida aberta. Mas se pensam que isso para ela é motivo para fazer qualquer coisa no sentido de melhorar a sua situação, estão muito enganados. A única coisa que faz é ir a uma costureira e pedir-lhe que cosa as mangas das blusas junto à gola, porque

senão ficava-lhe ali pendurado um grande pedaço do tecido dos ombros às florzinhas cor-de-rosa. Se eu não quero acabar assim, tenho de fazer alguma coisa. Mas sei lá como é que isso se pode impedir. Ginástica? Separar-me da família? Massagens?

Por causa da minha lesão na coluna foram-me prescritas massagens. A primeira coisa que eu sempre perguntei às diversas massagistas foi se tinham experiência com homens que ficavam de pau feito quando eram massajados.

Até agora, todas disseram que sim. Eu finjo que me solidarizo com elas, como se também ficasse muito indignada com o despropósito da erecção.

Pois, outra vez os homens. Na

verdade, o que eu quero é ouvir histórias que me deixem meia doida. O que é que elas pensam?

Como é que um homem não há-de ficar com a picha entesada quando uma mulher o massaja ali à volta dos tomates e da pila, por exemplo na coxa? Eu também fico toda húmida quando me fazem isso. Só que nas mulheres não se nota a excitação.

Vou começar com isso. Tenho de tomar decisões, para não acabar como a minha avó. Assim que me derem alta daqui, marco umas sessões de massagem.

Onde é que está o Robin? Oíço uns barulhos no quarto de banho. Será que

ele está mesmo preocupado comigo? Já engoli uns comprimidos bem fortes, talvez lhe tenham dado ordens para tomar conta de mim. Também pode ser isso.

Quando é que comi pela última vez?

Não interessa. A única coisa que quero comer são comprimidos contra as dores. E mais nada. As dores no cu estão cada vez piores. Sinto tudo a andar às voltas.

É verdade, a avó de certeza que tem facilidade em deitar-se de lado. Uns ombros normalmente desenvolvidos incomodam muito, quando uma pessoa procura a posição lateral. Quando ela se põe de lado, a linha que vai da orelha até ao fim do braço é recta. No fundo até

deve ser bastante confortável. Talvez essa ideia das massagens não seja assim tão boa. Primeiro vou observá-la bem e só depois tomo a minha decisão.

O Robin aproxima-se novamente da minha cama.

– É muito mau?

– É.

– Mas, pelo que sei, o mais tardar hoje à noite já te deves sentir melhor. Amanhã de certeza que já não vais precisar dos analgésicos. E quando as fezes deixarem de ter vestígios de sangue podes ir embora.

Não pode ser verdade. Então eles mandam-me embora neste estado? Isso só vem estragar o meu plano. De uma

vez por todas. Mas, no fundo, eu já tinha dado cabo dele antes. Não faz sentido. Nada disto faz sentido.

– Para casa? Muito bem.

Merda.

Robin, eu não quero ir para casa. E também já caguei. Andei a gozar com todos vocês. Desculpa. É tudo por causa daquela minha família horrível. Não posso ir para lado nenhum. Tenho de ficar aqui. Para sempre.

Não quero que o Robin se vá embora.

Assim ao menos posso abstrair-me das dores com uma conversa, até os medicamentos começarem a fazer efeito.

– Robin, posso mostrar-te uma coisa secreta?

– Oh caramba, então o que é, Helen?

– Não é o que estás a pensar.

Claro. A minha reputação junto dele está arruinada.

– Não tem nada que ver com o cu ou com a nudez ou coisas assim. Quero mostrar-te a minha pequena família.

Ele olha para mim intrigado, mas acena com a cabeça afirmativamente.

Eu viro-me para o peitoril da janela e tiro a Bíblia.

– O que é isso? – pergunta.

Eu fecho a Bíblia e pouso-a ao meu lado, em cima da cama. Depois conto-lhe uma longa história sobre o meu passatempo, o cultivo de abacateiros.

Ele fica a ouvir tudo com muita atenção. Assim consigo retê-lo durante

muito tempo no meu quarto. Durante todo esse tempo não tenho de o partilhar com outros rectopacientes.

Quando, finalmente, me aproximo do fim da minha dissertação, ele descalça os seus sapatos ortopédicos brancos, sobe para a minha cama e põe-se a examinar os caroços de perto. Isso deixa-me muito feliz. Até agora, ninguém se interessou assim tanto pela minha colecção.

O Robin diz que também quer experimentar cultivar abacates lá em casa. Acha-os muito bonitos.

– Se quiseres, podes escolher um e levá-lo para casa. – Não, isso não. Já investiste tanto trabalho neles.

– Pois. E é por isso mesmo que quero

que leves um.

Ele hesita. De certeza que está a pensar se deve ou não aceitar. Muito consciencioso e sério, o Robin. Pelo menos é essa a minha impressão.

– Então está bem. Se tens a certeza de que podes dispensar um, eu escolho este aqui.

Aponta para o mais bonito de todos. Uma tonalidade de um rosa suave no caroço amarelo-claro. E um robusto rebento verde-escuro. Boa escolha.

– Ofereço-to.

Ele agarra no copo e ergue-o cuidadosamente sobre a cama, para não entornar nada. Depois volta a calçar os sapatos e fica um instante parado junto à

cama, a olhar para o caroço no copo.
Parece verdadeiramente satisfeito.
Sorrimos um para o outro.

E é assim que ele se vai embora.

Cruzo os braços sobre o peito. Lembrei-me novamente de que estou quase a ir-me embora. O meu corpo e eu fazemos um ruído interno, uma espécie de *mpfft*, e lá por baixo sai uma torrente de uma qualquer substância. Quente. Pode ser tudo. De qualquer abertura. De momento, é-me impossível distinguir com rigor o que se passa lá em baixo.

Meto então o dedo para saber o que se passa. De acordo com as primeiras avaliações, trata-se de um líquido que saiu pela passarinha. Tiro o dedo cá para fora e vejo que o líquido é vermelho. Pronto, já sei.

Esqueci-me de enfiar o tampão. Com

todas as hemorragias extraordinárias acabei por me esquecer da ordinária. A cama está toda cheia de sangue. E eu também.

Ok. Este problema é só meu. Não me vou pôr agora a tocar para o Robin e pedir-lhe que me vá buscar alguma coisa. Não quero que ele pense que estou apaixonada por ele e que por isso ando a inventar motivos para tocar constantemente à campainha. Tenho dores a sério e preciso mesmo de comprimidos. Aí é aceitável que eu toque. Mas agora está a tornar-se demasiado. Não o quero chatear nem incomodá-lo por tudo e por nada.

Embora, no fundo, até ache bem que

ele pense que estou apaixonada por ele. Porque é verdade. Por isso, não há inconveniente nenhum em que ele seja o primeiro a saber. Mas eu sei e posso tratar das minhas nódoas de menstruação na cama. Sempre consegui eliminá-las. A não ser daquela vez, em casa da tia.

Vou buscar a caixa de plástico que está no peitoril da janela e tiro lá de dentro dois quadrados de algodão e um toalhete de papel. Aproveito também para inspeccionar o meu antigo tampão. Agora já posso tirá-lo daqui. De certeza que já libertou bactérias mais do que suficientes. Toca a atirá-lo para o lixo, antes que alguém o veja.

Noto que no interior da caixa de plástico se constituíram gotas de

condensação. Ali em cima do peitoril da janela faz muito calor. Quando as gotas se tornam demasiado grandes, deixam de poder aguentar-se nos cantos e escorrem para baixo, arrastando outras. A gota em queda procura o caminho mais fácil, deixando atrás de si um mini-rasto de destruição em ziguezagues, como o caudal de um rio, só que mais rápido. Lá em baixo as gotas podem juntar-se novamente numa poça quente, nauseabunda e em fermentação, que, ao evaporar-se, forma novas gotas de condensação, que se vão agarrar às paredes de plástico. Quem se aguentar mais tempo lá em cima...

Tenho de ver como é que está a minha

camisa de noite. Se estiver manchada de sangue passo-me. De modo nenhum vou pedir outra nova.

Que sorte. Está tudo limpo. Ainda não a tinha estendido por baixo de mim. Muito bem. Afasto-me para o lado, para apreciar todo aquele espectáculo. Não há assim tanto sangue como pensei. Ainda bem.

Ponho um dos quadrados com o lado do algodão para baixo e o lado de plástico para cima e depois ponho o outro em cima, mas ao contrário. Até já consigo fazer isto de olhos fechados. Que bom ter finalmente alguma coisa para fazer.

A seguir, rasgo ao meio o toalhete de papel e passo com uma das metades

pelas dobras da passarinha, para as limpar do sangue.

A outra metade dobro-a ao comprido, de forma a obter um rolo longo e fino. Depois vou-o enrolando, a pouco e pouco, até ficar com uma salsicha dura e curta, que enfio o mais para dentro possível na passarinha. Pois é, indústria dos tampões americana, podes dizer adeus ao teu lucro!

Por fim, sento-me em cima do quadrado de algodão. E pronto. Já está.

Helen, que bem que sabes tratar de ti, rapariga.

Estou orgulhosa de mim. Não é algo muito frequente, mas quando acontece faz com que sorria por dentro, de uma

maneira assaz complacente e amável, para mim própria.

Se estou assim tão bem disposta e consigo pensar em coisas tão simpáticas, então isso deve querer dizer que os comprimidos contra as dores já estão a fazer efeito.

Concentro-me na ferida do meu cu e constato que, de facto, já não me dói nada. Assim, tão subitamente, vou caindo entre a dor e a ausência da dor.

Quero levantar-me e caminhar.

A pouco e pouco, já aperfeiçoei de tal maneira a minha técnica de sair da cama que seria uma pena se me mandassem já para casa.

Deito-me de barriga para baixo e vou empurrando todo o corpo, com os pés

para a frente, lateralmente, ao longo da esquina da cama, até só ficar com o tronco apoiado no colchão e com os pés no chão. Chamo a essa nova figura de ginástica «a Helen a arrastar-se para fora da cama».

O melhor panorama pode obter-se agora a partir da porta. Batazinha de anjo toda aberta, rabo nu com grande ferida a apontar para a porta. Por fim, lá consigo endireitar o tronco e fico em pé.

Estendo o braço direito para cima, como nos ensinaram a fazer no final de um exercício de ginástica no chão. Depois sorrio de orelha a orelha e estico todo o corpo no sentido da mão, até os calcanhares se elevarem durante

um instante acima do chão. Bato lateralmente com força com a mão direita na coxa direita. Inclino a cabeça, esboçando uma vénia, e espero pelo aplauso. Silêncio. Retiro o sorriso. Pois é, Helen, fazes sempre as melhores coisas quando ninguém está a ver. És mesmo assim.

Não sinto dores e quero mover o meu corpo. Então para onde é que vamos? Para a porta não vou, não tenho vontade de encontrar outras pessoas. Além disso, ou tinha de andar a mostrar o rabo em público no corredor, ou tinha de ir vestir umas cuecas.

Mas será que tenho mesmo cuecas aqui? Já não sei o que é que a mamã me trouxe.

Podia aproveitar o meu primeiro passeio pelo quarto para ver o que lá há. Vou até ao armário. Abro a porta. É verdade. Calças de pijama e *t-shirts*. Tudo limpinho e intacto. Pelos vistos, decidi-me desde o princípio pelas batas de hospital. Ainda não usei nenhuma das minhas coisas.

O Robin disse que amanhã eu já devia ter alta.

Portanto, a acreditar no que ele diz, já vai sendo tempo de fazer a minha mala.

Não vou conseguir aquilo com os meus pais. Era um bom plano. Mas eles nem sequer por causa de uma operação de urgência cá aparecem. Gostaria de continuar a seguir o meu plano, mas aqui

não vai funcionar. Eles só muito raramente é que cá põem os pés e eu tinha de ter algo muito pior para poder ficar cá mais tempo. Não me deixam ficar cá o tempo suficiente para o conseguir. Acho isto bonito. Pelo menos, mais bonito do que lá em casa.

Talvez possa ir para outro lado e não tenha de ir logo para casa, quando me mandarem embora daqui.

Agarro no meu saco vazio, que está na prateleira de baixo do armário, e dobro-o e amachuco-o, até ele ficar o mais pequeno possível. Depois enfio o saco amarfanhado no balde do lixo cromado que está no armário de cabeceira metálico. Agora a roupa tem de ficar no armário, já não tem saco para viajar.

Vá Helen, deixa-te de parvoíces! Há-de arranjar um sítio para onde ir. Já tenho uma ideia. Experimenta tirar outra vez o saco do balde do lixo.

Um pouco mais de movimento, quero mais. Só porque não sinto o cu, já me sinto quase como em férias. À procura de drogas.

Do armário de cabeceira metálico parto, ao longo da cama, até ao canto que sobressai. Depois contorno a esquina, caminho ao longo do lado mais estreito da cama, até ao peitoril da janela.

E novamente para trás. Uma vez. Mais depressa. Duas vezes. Com passos cada vez mais rápidos percorro cinco vezes o

percurso de ida e volta, até ficar ofegante.

Todo este andar cansa muito as pernas. Os meus músculos atrofiaram durante estes poucos dias em que tenho estado aqui deitada.

Levanto a camisa de noite para poder olhar para as pernas. Primeiro estendo uma perna em cima da cama, depois retiro-a e observo a outra. Estão mais magras. Com um aspecto estranho, um bocadinho com umas canetas de avozinha, pouco músculo, pele branca e pêlos compridos. Oh.

É claro que não penso nisso enquanto estou aqui no hospital. Quando estamos cheias de dores não andamos obcecadas com a depilação.

Mas agora é outra coisa.

Atiro-me para cima da cama. Com demasiada força. Apesar dos comprimidos, sinto uma pontada vinda do cu subir-me pelas costas acima. Devagar, Helen, não te passes.

É lindo estar sem dores, curte essa dádiva durante mais algum tempo. Põe-te mansa e toma lá cuidado com esses movimentos bruscos.

Agarro no telefone e marco novamente o número da mamã. Outra vez o atendedor de chamadas. Foram todos de férias, agora que se viram livres de mim? Quando é que vi um deles pela última vez?

Já foi há alguns dias.

Mas tenho dificuldade em precisar há quantos. E também há quanto tempo aqui estou. Tem que ver, de certeza, com os comprimidos para as dores, e com as dores, e talvez também, um bocadinho, com o meu consumo de drogas em geral. Estes lapsos de memória.

– Sou eu outra vez. Ouviram a minha outra mensagem? Se algum de vocês ainda me quer visitar, então apressem-se. Toni, tu ainda não me visitaste uma única vez. Se vieres podes trazer-me, por favor, um vestido e uns sapatos da mamã? Obrigada. Até logo. Já está escuro.

Oh que porra! Isto é que é uma seca, estar dependente de parentes. Agora

tenho de ficar à espera, até que alguém me venha trazer aquilo.

Salto em câmara lenta para fora da cama e vou até à porta, abro uma fresta e espreito lá para fora. É que lá fora ouvi um certo ruído, está ali a preparar-se qualquer coisa.

A distribuição do jantar. Empurram as suas torres com vários andares de tabuleiros e param em frente a cada porta. Talvez me tragam hoje qualquer coisa de normal. Algo diferente do eterno *muesli* ou do pão integral. Se lhes dissesse que consegui evacuar há que tempos eles traziam-me qualquer coisa de jeito. Mas não digo.

Volto lentamente para a minha cama e

deito-me, para ficar à espera da paparoca.

Pronto, já estão a bater à porta.

A primeira coisa que digo é um muito simpático «boa noite». É uma enfermeira qualquer. Não as consigo distinguir. Tudo pessoal imprestável para a cama.

– Boa noite. Tão bem disposta, menina Memel? Como é que vai isso? Já evacuou?

– Ainda não, obrigada pelo interesse. Então o que é que temos hoje?

– Para si, infelizmente, só pão integral. Já sabe, até evacuar pela primeira vez.

– Prefiro *muesli*.

Tenho cá tudo o que prefiro para isso.

– E a que é que é que os outros pacientes têm direito hoje ao jantar?

– Com carne assada: ervilhas, batatas e molho. Sem carne: couve no forno.

Soa aos meus ouvidos como música do paraíso. Também por serem pratos quentes. A mim só me dão comida fria, e isso faz com que nos sintamos interiormente ainda mais frios. Estou quase, quase a dizer à gaja que já caguei há séculos.

Mas se me descoser recebo uma única vez comida quente e depois tenho de ir para casa. Um preço demasiado elevado.

Para já preciso de tempo, para saber

para onde vou quando sair daqui.

– Obrigada. Deixe estar que eu misturo os ingredientes.

Tiro três colheradas de *muesli* para a taça, depois vou buscar o meu sortido de frutos secos à gaveta e enfeito tudo com três uvas recheadas. Hoje há *muesli* de lágrimas em casa da Helen.

A partir do momento em que deixo de sentir dores, a vida volta a tornar-se relativamente curta. Furo com a palhinha o hímen de alumínio do pacotinho de leite, viro-o ao contrário e entorno todo o conteúdo para dentro da taça. O papá antes ensinou-nos a não dizer palhinha porque elas já não são de palha. Mas também não consigo

imaginar que elas possam ter sido alguma vez de palha. Como é que se pode furar um hímen de alumínio com uma palhinha de palha? Dobra imediatamente. De certeza que foram sempre de plástico, e só porque um iluminado qualquer pensou que se pareciam com palhinhas é que lhes deram esse nome.

Como rapidamente o meu jantar frio.

Quando me preparo para engolir a última colherada, batem ao de leve à porta.

Isto não é nenhuma enfermeira. Essas batem com muito mais força e determinação. E também ninguém entra. Definitivamente, não é uma enfermeira. Aposto que é o meu pai. Ele também tem

um aperto de mão assim p'ró fraco. Toda a gente se queixa. Então como é, não tem músculos na mão? Nem para bater à porta com mais força.

– Entre.

A porta abre-se lentamente. Caramba, que cauteloso, em comparação.

Aquilo é a cabeça do meu irmão. Os genes. Não herdou do pai os músculos da mão.

– Toni.

– Helen?

– Entra. Acabaste de perder o jantar. Obrigada por teres vindo.

Ele traz um saco.

– Trouxeste-me as coisas?

– Claro. Mas porque é que querias

isto?

– É segredo.

Ele fica a olhar para mim. Eu fico a olhar para ele. Foi tudo quanto tínhamos para dizer um ao outro?

Ok, seja o que deus quiser.

– Toni, tu não gostas nada de hospitais, pois não? Foi por isso que ainda não me vieste visitar.

– Pois, tu sabes isso. Desculpa lá, Helen.

– Queres que te diga porque é que não gostas destes sítios? Ele sorri:

– Só se não for nada de mau.

– Podes crer que é mau.

O seu sorriso desaparece e ele fica a olhar para mim com um ar inquiridor.

Vá, Helen, desembucha.

– Quando tu eras muito pequenino, a mamã tentou matar-se. Quis levar-te consigo. Deu-te a beber comprimidos para dormir diluídos no leite do biberão e depois engoliu ela própria uma data de comprimidos. Quando a simpática Helen chegou a casa, vocês já estavam inconscientes, deitados no chão da cozinha, e o gás escapava-se do fogão. Eu salvei-vos contra a vontade da mamã, pouco antes de a casa ir pelos ares, ou de vocês morrerem asfixiados. No hospital fizeram-vos uma lavagem ao estômago e vocês ficaram internados durante muito tempo.

Ele olha para mim com uma grande

tristeza. Acho que já sabia isso. As suas pálpebras ficam de um tom azul muito pálido. Um rapazinho bonito. Mas até nos olhos tem poucos músculos.

Durante muito tempo não diz nada. Nem se mexe. Finalmente, levanta-se e caminha muito devagar pelo quarto. Abre a porta e ainda diz, ao sair:

– É por causa disso que eu tenho aquela merda daqueles sonhos. Ela vai ver.

A minha família ainda se está a afundar mais do que já estava. Agora sou eu a culpada?

Só porque disse a verdade ao Toni?

Não podemos ficar calados para sempre. Mentir. Pela paz familiar? Uma paz podre, graças às mentiras. Vamos lá

ver o que é que acontece. Muitas vezes faço coisas e só depois é que penso nas consequências.

O plano de voltar a juntar aqui os meus pais está, de uma vez por todas, posto de parte.

A pouco e pouco, tudo isto me está a deixar doida. Estou aqui presa e eles vão e vêm como muito bem lhes apetece. E de certeza que lá fora ainda fazem coisas com que eu nem sequer sonho. Durante um momento penso que gostava de estar com eles. Mas é uma parvoíce. Lá fora sentimo-nos, enquanto família, ainda mais afastados e isolados. E só porque estou aqui, com o cu preso à cama, é que os caminhos dos meus

familiares se cruzam ainda, pelo menos de vez em quando, com o meu.

Batem à porta e alguém entra intempestivamente. Por um instante, ainda pensei que era o meu irmão que tinha voltado para trás para falar comigo sobre o seu quase assassinato cometido pela nossa mãe.

Mas a pessoa que aqui está agora tem uns grandes sapatos ortopédicos brancos e umas calças de linho também brancas. Um médico.

Olho para cima. O Prof. Dr. Notz.

Ai dele se me der alta. Acorrento-me à cama.

– Boa noite, menina Memel. Então como é que isso vai?

– Se o que quer é saber se já evacuei, então, por favor, pergunte

como deve ser. Não é preciso estar sempre com falinhas mansas. – Antes de falar consigo sobre esse tema, gostaria de saber

como é que tem suportado as dores.

– Bem. O auxiliar deu-me, há já algumas horas, uns comprimidos. Se bem entendi, devem ser os últimos.

– Exactamente. A partir de agora, tem de começar a recuperar sem os comprimidos. E toda essa pressão com o evacuar também não a tem ajudado. Há pacientes com os quais se torna contraproducente fazer finca-pé para que evacuem sem sangue ainda aqui no hospital. Nesses casos, a pressão só contribui para aumentar a prisão de

ventre.

Como? Querem ver que ele me vai dar alta para ir cagar para casa?

– Por isso queria propor-lhe que fosse para casa, onde pode resolver o assunto com toda a calma. E se lá começar novamente a sangrar, venha cá novamente. Agora assim é que não podemos continuar, na nossa opinião.

Nossa? Só estou a ver um. Não interessa. Merda. E agora? O que é que eu faço agora? Todo o meu belo plano acaba de ser definitivamente destruído pelo Notz.

– Pois, é capaz de ser o melhor. Obrigada.

– Não a estou a ver assim tão contente como outras pacientes quando lhes

damos alta. Gosto de ser eu próprio a transmitir pessoalmente essa boa notícia.

Sinto muito ter de lhe estragar o passatempo, Notz, mas a verdade é que não quero ir para casa.

– Eu estou contente. Só que é difícil mostrar.

E agora põe-te a andar, pá. Tenho de pensar no assunto.

– Sendo assim, despeço-me, fazendo votos de que não nos voltemos a ver. Já sabe, só a quero ver aqui se a sutura não cicatrizar como deve ser.

Pois, está bem, já percebi, não sou parva. Que nunca mais volte a encontrar-te, meu.

Eu digo «até breve». Quando estiver curada quero começar a trabalhar aqui como anjo verde. Sabe como é, dar um sentido à vida e coisas assim. Já me candidatei. Nesse caso, havemos de nos encontrar um dia qualquer no corredor.

– Ah, muito bem. Então até breve.

Embora. Fecha a porta.

Pensar!

A minha última oportunidade. Despedida da família. Telefone ao meu pai e digo-lhe que me deram alta. Peço-lhe que me venha buscar ainda hoje à noite. Marco o número dele. Ele atende. Não pede desculpa por não ter vindo depois da operação de urgência. Também não esperava outra coisa.

Conto-lhe tudo, que me vão dar alta, peço-lhe para me vir buscar.

Vá, Helen, pergunta lá. Que mal é que tem?

– Papá, afinal qual é a tua profissão?

– Estás a falar a sério? Não me digas que não sabes?! – Não sei ao certo.

Não sei nada de nada.

– Sou engenheiro.

– Hum, e gostavas que eu fosse engenheira?

– Sim, mas tu és tão má a Matemática.

O papá magoa-me muitas vezes. Só que nunca se apercebe disso.

Engenheira. Aponto tudo na minha cabeça e leio novamente. Engelhada.

Faço a mesma coisa com a minha mãe. A ela não preciso de lhe perguntar

pela profissão, porque já sei: hipócrita. Deixo-lhe a mensagem no atendedor de chamadas, peço-lhe que me venha buscar, de preferência com o Toni. Também pode acontecer que já não me queira ver, depois de eu ter contado tudo ao meu irmão. Depois logo se vê.

Helen, agora também tens de fazer aquilo que planeaste.

Saio da cama. Definitivamente. Aqui já não me volto a deitar. Vou buscar o saco que ainda há bocado meti no balde do lixo.

Enfio lá dentro todos os trapos que estão no armário da parede. Ao quarto de banho vou buscar todos os artigos de higiene ainda não utilizados. O saco

cheira um pouco a sangue de mulher velha. Mas também devo ser só eu que consigo cheirar aquilo. Pouso o saco no chão e debruço-me sobre a cama. Agarro a Bíblia e rasgo-lhe umas quantas folhas.

Depois ponho-me a esvaziar a água dos copos dos abacates no lavatório. Vou e venho várias vezes, até esvaziar toda a água.

Encaixo os copos uns nos outros e meto-os no saco, enrolados na perna de uma das calças de pijama.

Deixo ficar os palitos espetados nos meus bebés e embrulho cada um deles numa folha da Bíblia. Em seguida, arrumo os caroços embrulhados no saco.

Falta a gaveta. O crucifixo pode ficar

cá. Depois ponho-me a olhar à volta. Estou sentada na cama, com as pernas a abanar, como antes, quando era miúda.

O quarto tem agora um aspecto como se eu nunca tivesse vivido aqui. Como se nunca aqui tivesse estado. Apenas e só uns raros vestígios de bactérias se ocultam aqui e ali. Nada que seja visível.

Toco à campainha. Só espero que ele ainda lá esteja.

Vem-me novamente à cabeça que alguém também podia preocupar-se comigo. Alguém cuja teoria é, certamente, que eu retenho as fezes com medo das dores. Não deve ser a primeira vez que isso acontece nesta

secção. Mas durante tanto tempo?

Gostaria de saber se eles, a partir de uma certa altura, recorrem a meios mais agressivos. Um clister, por exemplo. Isso também não representava problema nenhum para mim. Eles que venham com os seus tubos e líquidos. Se pensam que com isso me deitam abaixo, estão muito enganados.

Mas está demorado. Quando é que vem alguém? No fundo, não deve vir «alguém», mas sim o Robin.

Levanto as pernas e viro-me. Gostava de espreitar pela janela, mas não consigo ver nada. Não há um «lá fora». Só o meu quarto e eu reflectida na vidraça. Fico a olhar longamente para mim e apercebo-me de como estou

exausta. É impressionante o quanto as dores e os comprimidos contra as dores podem estafar-nos. Também podiam misturar um bocadinho de *ecstasy* no *cocktail* de remédios.

Não estou com boa cara. Também nunca acho que tenha boa cara. Mas agora então nem se fala. Os cabelos estão gordurosos e despenteados. É assim que me imagino quando, mais tarde, tiver o meu primeiro esgotamento nervoso. Todas as mulheres da minha família já tiveram esgotamentos nervosos. Não é que tenham tido muito que fazer. Talvez até seja esse o problema. Tenho a certeza de que também não vou escapar. Hei-de ser

apanhada de repente, como por um raio. No meio da maior inércia, fico maluca e tenho um colapso.

Talvez ainda tenha tempo de lavar o cabelo.

Batem à porta. Por favor, por favor, querido deus não existente, faz com que seja o Robin.

A porta abre-se. Está ali uma mulher qualquer. Pelo menos, está vestida como o Robin.

– O Robin já se foi embora?

– Já acabou o turno, mas ainda não se foi embora.

– Podia fazer-me um grande favor e ir ter com ele e dizer-lhe para passar ainda por cá, antes de se ir embora?

– Claro.

– Ótimo. Obrigada.

Obrigada. Obrigada. Obrigada. Corre, enfermeirinha, corre depressa.

Nuvens negras acastelam-se por cima das cabeças dos Memel. Se o Robin já se foi embora, o meu plano já era.

Não eras tu que querias lavar o cabelo, Helen? Nestes momentos estás-te marimbando para o teu aspecto físico, ou não? O Robin também te achou bonita quando andavas com uma bolha de água vulnerária pendurada, e isso agora, pelo menos, já não tens. Uma nítida melhoria estética.

Com os cabelos gordurosos posso fazer o mesmo do que fiz com a posição do nariz enfiado no cu – sempre é um

teste para saber se ele gosta mesmo de mim.

Os cabelos continuam gordurosos. Penteio-os um bocadinho com os dedos e está a andar.

A porta abre-se. O Robin.

– Então o que é que se passa? Ia-me já embora para casa. Tiveste sorte em encontrar-me.

E tu também. Se quiseres, podes levar-me contigo para tua casa, Robin.

– Fizeste a mala? Deram-te alta?

Parece triste. Deve estar a pensar que vai ter de se despedir de mim.

Eu digo que sim com a cabeça.

Ele escondeu o uniforme branco sob um sobretudo aos quadrados azuis, claros e escuros. Fica-lhe muito bem.

Um estilo tipo clássico intemporal.

Não há tempo a perder.

– Robin. Eu menti-vos a todos. Há muito que evacuei. Está tudo nos conformes, gozo, por assim dizer, de perfeita saúde. Refiro-me ao sangue, percebes?! Quero dizer, à frente sim. Mas atrás não. Tu percebes. Eu queria ficar aqui internada o mais tempo possível, porque era uma ótima oportunidade para a minha família se juntar de novo. É que nós já não somos família nenhuma e eu queria juntá-los outra vez aqui, neste quarto. Mas isso é uma parvoíce pegada, porque eles não querem. Têm novos parceiros, que eu ignoro ao ponto de nem sequer saber os

seus nomes. Não quero voltar para casa da minha mãe. O papá deu à sola. A mamã sente-se tão mal que quase que ia matando o meu irmão. Tenho dezoito anos e posso decidir onde quero morar. Posso ir morar para tua casa?

Ele desata a rir.

De embarção? Ou está a rir-se de mim? Olho para ele apavorada.

Ele aproxima-se de mim. Coloca-se à minha frente, junto à cama e abraça-me. Eu começo a chorar. Cada vez mais. E a soluçar. Ele acaricia-me com firmeza os cabelos gordurosos. Sinto que passou o teste do amor.

Eu lá consigo sorrir por entre as lágrimas.

– De certeza que tens de pensar se

podes.

O tecido do sobretudo tem um tratamento antilágrima. – Sim.

– Sim, ainda tens de pensar, ou sim, posso ir para tua casa? – Vem comigo.

Ele agarra no meu saco e ajuda-me a levantar.

– Então podes ir já levando o saco para o carro e a seguir vens-me cá buscar? Eu ainda tenho uma coisa a esclarecer com a minha família.

– Gostaria muito. Mas eu não tenho carro, só bicicleta. Pronto, estou-me a ver empoleirada lá atrás, com o meu cu estiraçado. Só me faltava isto. Seja como for, é o que faremos. – A tua casa é muito longe? Se a distância for curta

ainda

aguento em cima do porta-bagagens.

– Não é longe, não. A sério. Eu levo o teu saco para a sala das enfermeiras e espero por um toque de campainha teu, para te vir cá buscar. Olha que tenho o teu saco, já não podes voltar atrás.

– Não precisas de esperar muito tempo por mim. Deixas-me tirar ainda uma coisa daí?

Procuro lá dentro, até encontrar a minha esferográfica. Ainda vou precisar dela. E de uma *t-shirt*. E de um par de peúgas.

Ele faz-me uma festa no rosto, aperta os lábios e acena-me várias vezes. Acho que está a tentar dar-me coragem para o

assunto familiar.

– Não vou voltar atrás – asseguro-lhe, quando ele já está a sair.

A porta fecha-se.

Tiro o vestido e os sapatos da mamã do saco do Toni.

Meto o saco no armário. Já não preciso dele, só está aqui a estragar o cenário.

Estendo o vestido, com a abertura do pescoço virada para a parede e com os sapatos por baixo, a uma distância apropriada.

A seguir, dobro a *t-shirt*, para parecer um tamanho de criança. Dobro também as peúgas, para parecerem as peúgas de um menino, e coloco tudo ao lado do

corpo de adulto feminino. Depois vou buscar dois toalhetes quadrados ao *tupperware*, dobro-os e ponho-os a servirem de almofadas, nos sítios onde deviam ficar as cabeças das duas figuras.

O corpo grande vai ficar com cabelos compridos. Arranco-os, um a um e ponho-os em cima da almofada. Assim ninguém consegue perceber. Afasto-me, para ver a partir de quantos cabelos a cabeleira se torna visível quando se entra num quarto, sem saber em que se deve reparar. A uma dada altura, deixo de os arrancar um a um. Demora demasiado tempo. Arranco-os aos tufos do couro cabeludo e deposito-os na

almofada, até achar que já são bem reconhecíveis. Não dói assim tanto como eu pensava. De certeza que também é por causa dos comprimidos. E agora os cabelos de criança. Esses têm de ser curtos. De cada cabelo meu arrancado posso fazer três cabelinhos de criança. Coloco também em cima da almofada da criança os cabelos que acho suficientes para se tornarem bem visíveis.

Agora já se nota que jazem ali uma mulher e um menino.

Com a esferográfica desenho, atrás das suas cabeças, no papel da parede, um fogão com as bocas do gás. Um bocadinho em perspectiva, como se entrasse para dentro da parede.

Em cima, ao longo daquilo que é suposto ser a porta do forno, rasgo o papel com a esferográfica. Depois vou rasgando e enrolando sempre o papel da parede, ao longo de toda a abertura do forno, para baixo, com todo o cuidado. Por fim, coloco o papel rasgado desde cima sobre o linóleo do chão. Parece mesmo a porta aberta de um forno verdadeiro.

Dou uns passos atrás e ponho-me a examinar a obra que os meus familiares irão encontrar daqui a nada.

A minha carta de despedida. O motivo pelo qual os deixo. O silêncio.

Ali estão eles. A minha mãe e o meu irmão. Tal e qual como os encontrei.

Pensaram que me tinha esquecido. Mas uma coisa dessas não se pode esquecer. O seu silêncio só fez com que tudo se tornasse cada vez mais presente para mim. Mais premente.

Toco pela última vez à campainha e fico à espera do meu Robin.

Durante o tempo todo da espera fico a olhar para a mamã e para o Toni. Até consigo cheirar o gás.

O Robin entra.

– Tira-me daqui.

Saímos do quarto.

Eu fecho a porta atrás de mim. Tenho de expirar uma quantidade de ar. Com força. Ruidosamente.

Caminhamos lentamente pelo corredor, um ao lado do outro.

Não damos as mãos.

De repente, ele pára e pouasa o saco no chão. Mudou de ideias.

Não. Põe-se atrás de mim e dá um laço na camisa de noite por cima do meu rabo. Quer cobrir-me em público. Um bom sinal. Depois agarra outra vez no saco e continuamos.

– Quando eu morar contigo vais querer dormir comigo, não vais?

– Sim, mas para já deixamos o rabinho de parte.

Ele ri-se. Eu rio-me.

– Só durmo contigo quando tu conseguires chupar o olho do cu de um pónei com tantas ganas, que ele fique virado do avesso.

– Achas que isso é possível, ou será que não queres mesmo dormir comigo?

– Sempre quis dizer isso a um tipo. Agora consegui. Sim, quero. Mas não hoje. Estou estoirada.

Seguimos até à porta de vidro.

Carrego com toda a força no botão *buzz*, a porta abre-se, eu atiro a cabeça para trás e grito.

[1] Na Alemanha as notas variam entre o 1, a melhor nota, e o 6, a pior. O 5 é, portanto, uma negativa. (N. do T.)

[2] Nordic-Walker, novo desporto de *fitness* ao ar livre, praticado sobretudo por pessoas de certa idade, que consiste em caminhadas com *sticks* de esqui. (N. do T.)

[3]No original, em alemão, as frases rimam: *Fang mich doch, du Eierloch*. (N. do T.)

[4]U, de *Untergeschoss*, cave. (N. do T.)

[5] Em alemão chama-se a esse sortido de vários tipos de nozes com passas de uvas, vendido em embalagens individuais, «comida de estudante», *Studentenfutter*. (N. do T.)